

# RESISTENCIA

N.º 113

COIMBRA — Quinta feira, 19 de março de 1896

2.º ANNO

## Mousinho d'Albuquerque

Acaba de ser promovido a major este heroico official. No *Diario do Governo* chegado hontem, lê-se o seguinte decreto:

«Tendo entrado na secretaria de estado dos negocios da marinha e ultramar o relatorio do capitão de cavalaria Joaquim Augusto Mousinho de Albuquerque, pelo qual se reconheceu officialmente haver esse capitão praticado o heroico feito de aprisionar, no meio de milhares de vatuas, o regulo Gungunhana pondo assim brilhantissimo termo á guerra empreendida em defesa da honra nacional nas longinquas regiões de Africa, onde a bandeira portugueza foi de todas as das nações europeas a primeira a tremular, e querendo eu dar a esse valente official um publico testemunho do alto apreço e da subida consideração em que tenho o arrojo e denodo com que se distinguu entre todos os seus camaradas do exercito e da armada, que por muitos actos de incontestavel bravura se assignalaram em tão rude campanha: hei por bem promover, por distincção, ao posto de major o referido capitão Joaquim Augusto Mousinho de Albuquerque, devendo a antiguidade ser-lhe contada do dia 27 de dezembro de 1895, em que levou a effeito o aprisionamento do regulo africano, cuja rebeldia tantos e tão penosos sacrificios custou ao país.

O ministro e secretario de estado dos negocios da guerra assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 13 de março de 1896.—REI.—Luiz Augusto Pimentel Pinto.»

Merecida foi a distincção e ha mais tempo o governo a devia ter conferido.

Comunicações officiaes do heroico feito de Mousinho de Albuquerque tinha-as o governo recebido ha muito tempo das auctoridades competentes, não se tornando necessario aguardar o relatorio de Mousinho de Albuquerque para o galardoar devidamente.

A demora, porém, ainda poderia pretender-se justifica-la com tal pretexto, se de todos não fosse conhecido o procedimento comico, que outra designação não merece, do illustre Festas neste assumpto.

Primeiro promete apoiar as promoções por distincção, quando foi apresentado um projecto no *Solar dos Barrigas* sobre esse assumpto; depois, havendo consultado alguns officiaes, oppõe-se abertamente ás promoções por distincção tanto no *Solar dos Barrigas*, como na camara dos dezanove; agora, sem facto algum que viesse mudar a face das cousas, promove por distincção Mousinho d'Albuquerque! Como tudo isto é ridiculo e mostra do modo mais evidente que é a intriga miseravel que entra como factor determinante na resolução das mais gra-

ves problemas da administração publica!

Principios, normas inflexiveis de proceder, é cousa que os ministros do rei absolutamente desconhecem. Ha nelles absoluta carencia de dignidade politica. Fazem num dia as mais solemnes e categoricas affirmações, para no seguinte as combaterem e reprovarem, sem que se lhes descubra nas faces o minimo vislumbre de vergonha por tão repetidas e miseraveis incoherencias.

Querem os ministros conservar-se no poder. Os meios pouco importam, a elles e a quem incondicionalmente e soberanamente os apoia e protege. Que o país tudo tem soffrido, tudo tem supportado sem levantar um protesto digno, allivo, contra a enorme serie de attentados e torpêsas dos que se dizem seus representantes. E só perante a força recuará quem, sem ligar a minima consideração ás leis e ás normas mais rudimentares da moral, procura satisfazer caprichos, ambições e os mais inconfessaveis interesses.

O tempo o dirá.

O sr. ministro da fazenda apresentou as suas propostas, que parece levantarão grande opposição por parte das forças vivas do país com assento no *Solar dos Barrigas*. A proposta relativa á contribuição predial parece que já está condemnada, e que o triste ministro o sabe e se conforma. Conformar-se, e fica.

O dr. Jameson que no Transvaal soffreu vergonhosa derrota, obteve extraordinaria compensação na Inglaterra. M. l. desembrou em Plymouth, foram-lhe entregues 150 cartas, com as mais lisongeiras propostas de casamento. Parece que Jameson está resolvido a mudar de estado, mas ainda não fez a escolha nem está disposto a usar dos processos seguidos pelo sr. Pimentel Pinto.

Era um meio de resolver o problema, cuja difficuldade é obvia, mas também somos de parecer que só o sr. Pimentel Pinto pôde usar d'elle.

## Dr. Bessa de Carvalho

Noticias particulares dizem-nos estar convalescente da grave doença que o atacou este nosso querido amigo e distincto director da *Voz Publica*.

Estimamos sinceramente as suas melhoras, desejando que os ares de Villa Meã, para onde se retirou, o restabeleçam em breve.

Prestou juramento de vassalagem a Portugal o soba de Cacoma, senhor das terras de Camoquenque.

O sr. Thomaz Ribeiro regressa em maio ao Rio de Janeiro.

No Africa vieram dous pretos menores, que tinham sido mordidos por um cão hydrophobo, para serem tractados no Instituto Bacteriologico.

## Dr. Antonio José d'Almeida

Partiu esta noite para Lisboa, d'onde seguirá, em 23, para a Ilha de S. Thomé, o nosso querido correligionario, collega e amigo, dr. Antonio José d'Almeida.

Dizer aqui, nesta hora amarga d'um apartamento por longos meses, o que tem sido Antonio José d'Almeida como homem e como republicano; mostrar agora, no meio da viva saudade que elle nos deixa e da grandissima falta que elle nos faz, quão elevado é o seu talento, quão puro é o seu caracter e quão firme é a sua dedicação partidaria,—é tarefa pesada de mais, é sacrificio com que não pôde o estado do nosso espirito.

A elle, ao chefe, ao inspirador, ao apostolo generoso e grande do grupo republicano academico; a elle, ao propagandista vigoroso e inelmerato dos ideaes que nos impellem contra a monarchia e que nos dão esperanças de rejuvenescimento da Patria,—sirva de lenitivo, no meio das mais pungentes saudades, a certeza de que deixou, em cada um dos republicanos de Coimbra, um amigo dedicado e fervoroso. E a nós, aos que tanto precisaríamos sempre do calor das suas doutrinas, do entusiasmo da sua fé e da grandesa da sua alma,—fique a consolação de que, mesmo de longe, o seu espirito está connosco, a amparar-nos, a dirigir-nos e a fortalecer-nos, nesta cruzada sancta em prol do país e contra a realésa que o arrastou para um abysmo.

Lá partiu elle! Por pequena que seja a sua ausencia, commove-nos e afflige-nos. E porisso, esta noite, na estação nova e na velha, aonde, apesar da intemperie, o acompanhámos todos,—amigos pessoaes, grupo republicano academico, republicanos de Coimbra, commissão municipal, redactores da *Resistencia*, etc.—era visivel a impressão dolorosa, a funda saudade, que dos corações subia aos labios e se traduzia por abraços repetidos e multiplicados.

Que elle seja feliz na execução dos fins, que o levaram a emprender esta viagem. Que elle preste, com o seu talento superior e com o seu já grande saber, os serviços clinicos que tanto o hão de nobilitar. Que rapidamente recolha os elementos, de que carece para a feitura do livro, que se propõe escrever acerca da Ilha de S. Thomé, considerada sob diversos aspectos.

E... que volte depressa!

Eis a sua carta de agradecimento e despedida:

Meus queridos amigos!

Pego-lhes o favor de me cederem um pequeno espaço na *Resistencia*, para apresentar as minhas despedidas aos nossos correligionarios de Coimbra, a quem mais uma vez affirmo a minha plena solidariedade politica, junctamente com a minha gratidão pelas generosas attentões que me têm dispensado.

É geralmente me despeço por este

meio dos amigos pessoaes que tenho a honra de contar nesta cidade.

A todos offereço os meus humildes servicos na ilha de S. Thomé.

E aos meus amigos e antigos collegas da *Resistencia*, envio num abraço a expressão sentida e calorosa do meu affecto.

Vosso do coração  
Antonio José d'Almeida.

Coimbra, 18 de março de 1896.

## Em defesa da liberdade da imprensa

Alguns jornalistas, attendendo ás vexatorias disposições da lei de 13 de janeiro de 1896, resolveram formular contra ella o seguinte

### PROTESTO

Os abaixo assignados, jornalistas, homens de letras e mais cidadãos livres, vêm solemnemente protestar contra a ultima lei repressiva da imprensa, de 13 de janeiro de 1896.

Com as leis anteriores já eram applicadas á imprensa periodica duras penalidades.

Agora, porém, além de penas crueis vae achar-se a mesma imprensa dependente do puro arbitrio.

O jornalismo fica sujeito a penas tão incertas e arbitrarías, que a nova lei se presta já a diversas e contradictorias interpretações.

A liberdade de imprensa, a principal garantia dos povos livres, acha-se á mercê dos poderes publicos e em circumstancias muito mais aggravantes do que na epocha da censura prévia.

Custa dizê-lo, mas é uma triste verdade.

Em 1850, apesar das disposições repressivas da intentada lei da imprensa serem muito menos violentas do que as da actual lei, vieram lavar um energico protesto contra ellas os mais distinctos jornalistas e homens de letras, dos diversos partidos politicos, ao que adheriram numerosissimos cidadãos das diferentes classes da sociedade em todo o país.

Faltaria ao seu dever a actual geração, senão seguisse agora tão nobre exemplo; e tanto mais quanto as razões para assim proceder são na actualidade muito mais justificadas.

Se a imprensa periodica tem de ser victima das cruelissimas disposições penaes da ultima lei, que o não seja sem um protesto levantado como é proprio de cidadãos livres.

Joaquim Martins de Carvalho, Magalhães Lima, Alves Corrêo, Francisco Teixeira de Queiroz, J. J. da Silva Graça, José Maria d'Alpoim, Gomes da Silva, Faustino da Fonseca, J. Cecilio Sousa, Vieira Corrêa, Alfredo Gallis, Eduardo Burnay, Teixeira Bastos, Theophilo Broga, A. Porphirio de Carvalho, M. M. Augusto de Sousa Bruschy, José Augusto de Oliveira, Moreira Reis, José Antonio de Andrade, Fernando Pedroso, Visconde de Melicio, Feio Terenas, Ernesto da Silva, Eudoxio Cesar Azedo Gnecco.

Todos os cavalheiros que desejem assignar este protesto, podem enviar o seu nome a esta redacção.

## Bagatellas

O sr. José Maria d'Andrade, metitissimo desembargador, enviou ao *Comimbricense* uma allegação justificativa, ou como melhor dizer-se possa, na qual refulgem affirmações e conceitos, que é mister recolher nos vasos aureos do carinho publico.

A carta do austero jurisperito é um trecho de pilheria profundamente denunciante da noção esthetica, que se abriga no espirito da magistratura, acerca do acatamento devido aos predios antigos.

É commovente!

O caso passou-se assim: sendo s. ex.º o actual possuidor da *casa acastellada da rua de Subripas*, notou que havia alguns cordões de pedra da ornamentação quebrados nalguns pontos e occorreu-lhe a luminosa idéa de encarregar um artista competente da tarefa, qual era a de chanatear com cimento hydraulico essas fracturas, com a cor amarellada escura, a fingir com exactidão esses cordões partidos (sic). Assim pretendia,—e muito bem!—que em nada fosse alterado o estylo manuelino!...

O sr. juiz suou e tressnou por descobrir um restaurador competente. Podia aproveitar o architecto manuelino do paço de lá de cima; mas preferiu haurir em fonte limpa: e chamou—um caiador!

Mas, como o diabo as arma!...

Exhorta-o com recommendações a que seja respeitador convicto do estylo. Inclusive ordena que os chanatos sejam a cimento hydraulico,—substancia aliás bem conhecida e toda propria para remendar cordões. E vae o artista competente fazer uma coisa, da qual talvez sem desdouro se possa dizer—uma porcaria! Já é!

Visto, porém, que o competente exorbitou, vem elle em pessoa,—o meretissimo magistrado!—nas proximas ferias de Paschoa,—para tudo se compôr na sua presença!

Agora é elle quem dirige; e o predio acastellado ha de ficar uma lindésa!

Effectivamente, passados assim os factos, o sr. juiz tem razão ás carradas para dar um estrondoso e solemne cavacão!

Escreveu in continenti ao mestre da obra fazendo-lhe sentir o desvio da recommendação, e recommendando-lhe (bis) que fizesse com cautella desmanchar a obra feita e deixar tudo no estado anterior.

Ora apanha!

O mestre desviou-se? Pois bem, não se lhe pague! Não recebe uma de x! E que o artista competente applique d'esta vez a sua competencia á sua incompetencia!

Olaré!...

Mas ha mais: e isto nos embarga a voz de jubilo!

Com as mãos na massa, o sr. juiz, nessa memoravel epistola, pede que o erudito redactor do *Comimbricense* lhe ministre indicações para escrever a historia d'esse edificio!

Vae escrever! O que lhe falta apenas são os materiaes. Isto é,

não sabe ainda o que ha de dizer; mas é ponto assente que escrevel...

*Memorias da casa*, diz elle! E parece ser um bom titulo!

Emfim, o sr. Andrade é d'um humorismo raro! E é nossa opinião que deve continuar, de quando em quando, a alçar a fronte de sobre os cartapazes de libellos e sentenças, dependendo no respectivo gancho do cábide o chapen, a toga e as balanças da justiça, para empunhar o thyrsos da bambuchata e da troçal!

Para gaudío do publico e estimação de sua pessoa!

Quanto a vandalismos, não se incommode em defesas pleonasticas e prolixas...

S. ex.<sup>a</sup> não tem culpa...

A.

Falleceu esta noite o conceituado industrial d'esta cidade sr. Daniel Guedes Coelho. Sentimos.

## ITALIA

O marquês de Rudini, presidente do gabinete, expôs na camara dos deputados o programma do governo relativamente á guerra na Abyssinia.

Declarou elle que o governo mandou continuar com prudencia e altivez as negociações para a paz, que foram abertas no dia 8 do corrente mês; que renuncia á politica expansiva, não pretendendo a conquista do Tigré nem o protectorado da Abyssinia, e que pedirá um credito de cento e quarenta milhões de liras mediante uma operação de credito interno.

A Italia põe assim de lado a idéa de se desforçar da espantosa derrota que soffreu em Massuá. Algumas povoações das provincias meridionaes desejam-no vivamente. Milhares de pessoas percorreram as ruas da cidade de Messina, precedidas de bandeiras, gritando: *Abaixo Menelik! Viva a guerra! Viva o exercito!* Pouca duração devem ter essas manifestações, sendo muito provavel até que não se levantem graves obstaculos á politica seguida pelo governo.

A Italia acha-se em pessimas condições economicas e financeiras. A aventura da triplice alliança reduziu o seu thesouro a um estado precario, ainda agora aggravado pelas despensas com a expedição, que já atingiram a somma de 22 mil contos.

Nestas condições o governo não podia desejar a continuação das aventuras, em que Crispi se metteu na Abyssinia, embora com isso soffra bastante a honra da Italia.

Propôs-se a paz a Menelik, que parece disposto a acceita-la.

O negus pôde como condição a desistencia por parte da Italia a construir fortificações na Eritrêa, condição que o general Baldissera declarou ser inadmissivel.

A *Kanfulla* afirma que Menelik propõe que os limites da colonia italiana sejam fixados, d'um lado, pela vertente dos montes sobre o Marela; e d'outro lado por Senafé, que ficaria pertencendo á Italia, ficando a linha de Adua a Adrigá na posse dos abexins. O Tigré ficará independente, governado por um dos afeicoados á Italia. Os choanos cooperarão, em tal caso, com os italianos contra os derviches.

O *Exercito Italiano* diz que, para o governo do Estado Tampon, a Italia rejeitará o ras Lobat e o Mangascia, preferindo-lhes Makonnen.

## Notas d'um azedo

XXII

XXIV—Livros...—II. *Neste valle de lagrimas*.—Ou que eu não tenha lido jornaes, ou que nem tugido nem mugido hajam elles sobre o assumpto, o caso é não conhecer eu, ao fazer d'esta, a opinião dos meus contemporaneos sobre o ultimo livro de Silva Pinto.

Porque os cavalheiros mais madamas sabem, que é da praxe e da ignorancia repontiva dos nossos contemporaneos o luxo estranho, inverosimil, de se permittirem opiniões sobre tudo, sobre todos:—politica, arte ou carestia dos generos,—e, o que é um pouquinho mais obscuro, mais grave, sobre os livros que não leram.

As madamas sabem, e os cavalheiros conhecem a historia. Sahe um livro: O mercantilismo editorial ou a amavel, ingenua, deferencia do auctor, atiram-no, sem resguardos, sem cautellas, ao chavascal de sacripancias, que, no argot polido, modesto, de vadios e rufões, se exprime pelo euphemismo patusco, pelo hilare sacrilegio de *mesa de trabalho*, ou *sala de redacção*.

Ah! entre facadas no proximo, pequeninas infamias do *métier* e decilíctros caloteados na tasca da esquiua, a penna d'um sevandija, atassalha, babuja as chapas sacramentales: *Recebemos e agradecemos o interessante livro do nosso amigo e collega F., edição luxuosa do arrojado editor C. Mais de espaço nos occuparemos d'este trabalho de largo folego.*

E não se lê o livro. Se o editor é annunciante ou da purria politica do gazeteiro é o auctor, se paga ceias ou pôde dar borlas na charfaca da Praxedes, o *mais de espaço* surde um dia e occupa-se a folha, em saracoteios de zorrana culadera, do talento e mais partes do illustre escriptor. Sendo amigo, da casa, boa pessoa, de lindos sentimentos, pede-se-lhe até que feça o artigo, o proprio panegyrico. De um novo sei eu, que, aproveitadinho nas lições dos velhos, pelo processo, cravou nas gazetas apenas dezeseite.

Mas o livro não se lê. Arranca-se-lhe, quando muito, a dicatoria, e vae para o caga-cebo, para a feira da Ladra, por seis vintens e, se caso, chega a doze, é homem de genio o auctor e em interjeições laudativas se escagarrinha, em *chômage* de assumpto, a gratidão do critico.

E os meus contemporaneos, lidas as folhas, formam opinião sobre o nome e o valor d'uma pessoa honrada, bom chefe de familia, papá exemplar, empregado publico modelo, e—quando Deus quer!—homilho de talento.

É velho isto. Já assim era no tempo de Balzac, no *Paris das Illusões Perdidas*.

É assim, neste aprisco de moianates, no anno da graça de noventa e seis, em que Silva Pinto publicou o volume precioso:—*Neste Valle de Lagrimas*.

As gazetas, *mais de espaço*, nada disseram.

Feliz d'elle!... Tinham dito tudo o anno passado quando a especulação antonina cotára a capa dos *Santos Portuguezes* em nove vintens e meio.

Feliz d'elle, que d'esta feita logrou escapar.

Não por completo, em toda a linha que a consciencia impõe-me de quebrar silencio e vir, mui lampeiro, senhor de mim, com o coração nas mãos, saudar o novo livro do grande estylista, que, com igual franqueza, igual sinceridade, eu magoel, aqui mesmo, quando a opinião conspiciua de toda a gente lhe glorificava o triumpho, lhe festejava o successo d'um livro mau, frouxo, que o *Neste Valle de Lagrimas* vem de condemnar, mais uma vez, no seu brillantismo, a uma obscuridade pacífica, bonacheiroua, de pobre mediocridade envergouhada da grandêsa mascula dos seus irmãos.

É sinto-me bem, á vontade, liberrimo, neste campo, pois de tamanho meu espirito se afez a admirar em Silva Pinto.—mais ainda que a velha carcassa de luclador batida por trinta temporaes, por mil vezes, mil combates, sempre victoriosa, sempre ovante,—as qualidades, de mais em mais raras, apreciabilissimas, d'um prosista enorme, acuto e reflexivo,

servido por uma dose de pessimismo, ora sombrio, ora feminil, que, fazendo-o reverter do successo incolor, comesinho do dia a dia, ás considerações psychologicas de caso, ás incoercibilidades recatadas, mysteriosas, das determinantes, ora expludem em fogos fatuos de gargalhada, ora em prantos irreprimiveis de lagrimas amarissimas.

E quando, como no *Valle de Lagrimas*, a selecção entre os retalhos, entre as paginas soltas, que constituem, quasi, a obra do critico, é determinada, só, sem reservas, sem interlihas, pela sinceridade, pela vida, que essas prosas contem, estas duas qualidades ressaltam, desgrenhadas, imponentes, alternando-se, succedendo se, numa proporção fatálica, harmonica, de gargalhada e de pranto, de amargura e de riso, por guiza tal, que fechado o volume na ultima pagina fica-se uma pessoa indecisa se ha de só chorar, se só rir, depois de ter chorado e de ter rido.

E o titulo do livro neste caso, que, porventura, é typico, é modelo, vem contrapejar para a banda da caramunha:—*Valle de Lagrimas, Valle de Lagrimas*...

Mas porque não *Valle de Galhofa*, se é de alacrias e tristias o volume?

Ah! sim... Mas é de tristezas a vida. Mesmo quando o rictus se distende, se abre, numa gargalhada, a garganta aperta-se num soluço e os olhos, macerados de tanto viverem, afogam-se em agua, vitrejam-se de dôr.

*Valle de Lagrimas*... *Valle de Lagrimas* a que á razão, os safanões da vida, sacaram já, por nosso mal, a esperança nossa, a advogada nossa, da nossa fé, da nossa crença.

*Valle de Lagrimas*, livro vivido, que *Valle de Galhofa* seria um livro de morto.

E o livro é dedicado a uma creança...

Para que se ha de mentir á innocencia?...

×

Porventura é typico, é modelo, disse eu.

Sem mór difficuldade aboliria a duvida, a condicional, se não fora li cito esperar da penna de Silva Pinto ainda outros livros, outras provas, outros modelos a que nuncia a camara-dagem, o morgadio do *Valle de Lagrimas* envergouhada, mas que, quem sabe? poderão supplantar-lo, excedê-lo no terreno amplo, nos horizontes largos que o grande estylista tem diante de si.

Dos escriptos o melhor. Na maturidade sã, vigorosa, do seu temperamento, nunca Silva Pinto subiu tão alto, como agora. Numa escala ascendente, desde o começo, vae progredindo, melhorando e a *Philosophia de João Braz*, o mais perfeito, mais completo, de todos os seus volumes, vem de ser desbancado, com gloria, vem de ceder o passo ao *Valle de Lagrimas* em que a Arte suprema de Silva Pinto se revela pujante, inexcédível, inimitavel, na magia extranha, bizarra, de fazer prosa, de fazer arte com os logares communs, com as gastas chapas, banaes, sedicas, com que todos nós, os subalternos, fazemos asneiras sob a forma grandiloqua de artigos de fundo, ou sob a macarilha garota de apreciações litterarias...

Mas em todo o caso asneiras.

×

E eu asntel de mais, não é verdade?

F. V.

## Cuba

Os ultimos telegrammas communicam a noticia de que, em virtude de uma confusão funesta para as tropas hespanholas, as forças dos regimentos de Llorena e de San Quintin se bateram uma contra a outra, durante seis horas, no Engenho do Cano. Este desastrado combate só cessou quando se reconheceu, pelo contra-signal d'uma corneta, a força do regimento de San Quintin, dando como resultado 12 soldados mortos e feridos 5 officiaes e 27 soldados.

## RELATORIO

DE

### MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

No *Diario do Governo* de 17 do corrente veio publicado o relatório de Mousinho de Albuquerque sobre a prisão do Gungunhana.

A importancia d'esse relatório leva-nos a transcrever a parte que reputamos mais interessante.

Como v. ex.<sup>a</sup> vê tinha-se enraizado no meu espirito a idéa que eu havia de prender ou matar o Gungunhana dentro de poucos dias, ou a pouco e pouco todo o prestigio que resultou para as nossas armas dos combates de Marracuene, Magul (7 de setembro), do bombardeamento das povoações marginaes do Limpopo, e principalmente do combate de Coolléa (7 de novembro) e incendio de Manjacaze (11 de novembro), se iria obliterando no animo d'estes povos, e o regulo iria reunindo gente de guerra, recuperando forças e fazendo voltar á obediencia muitos dos que, movidos pelo terror, o tinham abandonado. Bastaria para isso elle fazer pequenas correrias por todo o vastissimo territorio de Gaza. D'ahi proveiu eu tomar a resolução inabalavel de acabar por uma vez com o regulo vátua, fossem quaes fossem os recursos com que podia contar, os perigos a correr, e as probabilidades do exito da empresa. E seja-me licito neste ponto affirmar que esta resolução, calando fundo no animo dos officiaes e praças que me acompanhavam, e evidenciando-se aos indigenas que muito se espantaram da exiguidade das forças de que eu disponha para uma empreza que se lhes afigurava tanto mais perigosa quanto era grande o medo que o regulo ainda inspirava, foi o principal factor do aprisionamento d'este potentado, porque incutiu nas praças um enthusiasmo que as fez vencer fadigas e arrostar perigos com uma alegria e boa vontade de veras surprehendedes, attendendo para mais ao mau estado de saúde da maior parte.

No dia 25 á uma hora (p. m.) embarcou na lancha canhoneira *Capello*, o primeiro tenente Sanches de Miranda, levando sob o seu commando o facultativo de 1.<sup>a</sup> classe Amaral, 5 praças da brigada de montanha, 3 de artilheria 3, 4 de artilheria 4, 37 de infantaria 2 e 1 soldado indigena, o n.º 39 da 2.<sup>a</sup> companhia de caçadores n.º 3 de Africa.

No dia 26 ás cinco horas (a. m.) marchei por terra com o tenente graduado Couto, o soldado de cavallaria n.º 1, n.º 84 da companhia, o interprete João Massablana, o soldado indigena da policia de Moçambique n.º 14, 207 auxiliares de Languene, Chai-Chai e Sofogasi, a quem mandei deixar no posto as armas de fogo que traziam (Martini Henry, Albim e de carregar pela bocca), e 75 carregadores que levavam arroz, temperos e vinho que chegariam para dez dias, reduzindo as rações de 50 por cento. Nesse mesmo dia pelas quatro horas (p. m.) chegamos a Zimacaze, cerca de 3 milhas a montante da foz do Chemgane onde a *Capello* nos esperava.

Durante a marcha varios chefes da Buingella e Manguni, dos que tinham já ido pegar pé a Languene, se apresentaram com as suas *guerras* pedindo para nos acompanhar (certamente com a mira na pilhagem de mulheres e gado, em caso de exito), o que primeiro recusei, mas ao que, em vista do muito que instavam, tive que acceder, embora com repugnancia, e só depois de verificar que não traziam armas de fogo. Cheguei assim a Zimacaze com perto de 1:500 a 1:800 auxiliares.

Tambem durante a marcha, ás onze horas (a. m.), vieram dois enviados do Gungunhana (os mesmos que tinham ido a Languene no dia 19), trazendo duas pontas de marfim para mim e 6 libras para as mulheres do Muambaxeca. Vinham pedir a este que intercedesse para que eu esperasse no vapor pelo regulo, que queria ir lá pegar pé e fazer paz. Não recebi as libras por não estar presente o destinatario e respondi que esperaria, mandando com os enviados do regulo um irmão do secretario de Languene para trazer ao vapor a resposta, observando ao mes-

mo tempo o que podesse quanto ás forças que o cercavam, defeza da povoação, etc. O regulo dizia-se ainda proximo Manguanhana a umas seis horas de Chamite.

Confesso que quando cheguei a bordo estive um tanto preplexo. Se marchasse naquella noite podia o regulo avisado a tempo, fugir, e eu perder assim a occasião de o haver ás mãos, e expunha a tropa ás fadigas e privações que demandava uma perseguição demorada. Por outro lado não acreditava na sinceridade do Gungunhana e receava que elle apenas quizesse ganhar tempo para fugir, tanto mais que durante a noite, apesar da chuva, viam-se nos montes mais altos fogueiras, evidentemente para dar signal da presença da lancha.

Felizmente um facto inesperado veio acabar com esta indecisão.

Durante a tarde tinham chegado mais guerras, e á noite chegou a de Culo ou Cuio (irmão do Muzilla).

As doze horas da noite um preto gritou de terra que queria vir a bordo; mandei-o buscar. Era um homem do Cuio que vinha dizer que o Gungunhana aproveitara a saída da gente de guerra da povoação d'aquelle para o mandar prender pelo chefe Vuitana, cuja povoação ficava a duas ou tres horas de Zimacaze, no caminho de Chamite.

(Continua)

Está sendo distribuido o *Anuário da Universidade* do corrente anno lectivo.

Estes annuarios são repositórios de informações apreciaveis no presente e valiosissimas no futuro.

O volume d'este anno excede em muito os anteriores no esmero typographico e no aspecto luxuoso e agradável da edição. E é uma segura prova para aquilatar os esforços dignos de louvor e incontestaveis progressos realizados nos ultimos tempos na imprensa da Universidade.

## Partido republicano

Nos Açores

O nosso estimavel collega o *Preto no branco* dá as seguintes informações:

«A organização das commissões municipais republicanas está sendo o thema predominante na politica michaelense.

Falla-se d'essas aggremações com interesse e com enthusiasmo crescente, porque todos, gregos ou troyanos, reconhecem que ellas hão de exercer uma influencia notavel na sequencia da politica local.

O partido republicano em S. Miguel, dispõe já de elementos valiosos para lutar e affirmar prolicuamente a sua missão moralisadora; mas, para que a sua acção seja completamente effcaz, carece de mais cohesão e homogeneidade nos seus actos.

É a este alvo que miram as commissões municipais, cuja installação em Ponta Delgada, Ribeira Grande e Lagôa se annuncia para breve.

A propaganda permanente, realisada por ellas junto dos povos dos concelhos, e a coordenação dos seus esforços num sentido commum, são vantagens que lhes dão a maxima importancia.

Após o estabelecimento das commissões, será publicado um manifesto, onde ficará traçada a summa das aspirações theoreticas do partido republicano federal michaelense, assim como as providencias practicas que se propõe realizar.»

## Te-Deum

A Mesa da Irmandade do Senhor Jesus de Santa Justa manda celebrar hoje, pela 1 hora da tarde, na igreja de Santa Justa um solemne *Te-Deum* em acção de graças pelo triumpho das armas portuguezas em Lourenço Marques.

Assiste á solemnidade o sr. Bispo Conde e será orador o sr. dr. Francisco Martins, lente da faculdade de Theologia.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido.

Carta de Lisboa

Lisboa, 17 de março de 1896.

À hora em que lhes escrevo, mergulha o contribuinte o nariz nas propostas de fazenda, farejando que ha de ser esfolado. Ainda não vi tudo. Uma disposição extraordinaria encontro porém nessas propostas. É quando se falla do emprestimo dos 9000 contos para navios, que será posto á ordem da Junta do Credito Publico, e ficará sob a responsabilidade dos membros da junta. Esta deliciosa confissão da falta de credito do governo feita pelo financeiro de Caneças, é divina. São os ministros os primeiros a não confiar em si próprios. Vão estando de accordo com a nação.

Devem ter lido as noticias de Cuba.

Nuestros hermanos, por engano, já se batem uns com os outros.

À falta de apanharem los de Cuba tudo lhes serve para a lucta. Oh! immortaes moinhos do D. Quixote!

Em Italia tudo manso.

Aquelles rugidos, aquellas imprecações dos primeiros dias, converteram-se em expectativa benevola. A amnistia não foi considerada uma reparação mas uma concessão quasi divina. A guerra em Africa liquida em capitulação desprezível. Todavia continuam partindo reforços. Mas já não ha protestos á sabida dos soldados. As mulheres vão á estação com os filhos e choram. Tudo em paz, seguro no throno, o rei Humberto ri.

Com os primeiros calores, o aborrecimento vae invadindo a politica. O sol enerva e na estação da pandiga que se aproxima todos encontram justificção á sua indiferença, á sua cobardia.

Este povo feliz põe toda a sua esperanza nas proximas touradas e exulta com a creação do prego nacional.

Vamos pensando nós na bema-venturanças.

Sabiu o protesto contra a ultima lei repressiva da liberdade de imprensa.

Não assigno. Desde que estive no Limoeiro, decidi esperar occasião de protestar por outra fórma contra as leis repressivas. Vou esperando.

É amanhã o anniversario da Communa de Paris. O que foi a capital franceza nesses dias dil-o José Falcão nestas palavras: «No entanto Paris, pallida de fome, de miséria e de heroismo, impunha respeito ao mundo».

Lisboa tambem está pallida, mas de medo.

E quanto ao respeito que impõe ao mundo, o Hintze Ribeiro que lhes diga a sua opinião.

Eu já tenho a minha formada desde 11 de janeiro.

João da Nova.

Moçambique

Foi nomeado governador geral de Moçambique o major Joaquim Augusto Mousinho de Albuquerque. De Lourenço Marques recebeu-se o seguinte telegramma official:

«Lourenço Marques, 16, às 2 h. e 35 m. da L.—Ultramar—Lisboa.

Chegou Mousinho. Territorio Maputo perfectamente submettido em resultado razzias constantes feitas por Mousinho, que percorreu todo o territorio desde Inhaca até á fronteira inglesa e Mus-suati em marchas forçadas com a cavallaria. Apprehendidas cerca de 1:000 cabeças de gado. Já cobrada a contribuição de guerra de 1:800 libras. A cobrança continúa. O regulo refugiado em territorio inglês. Em Maputo, além da guarnição indigena, ficaram 40 praças europeas.—Lança.

Bibliographia

Publicado o 2.º volume da Bibliotheca Internacional, publicação arrojada e digna, como poucas, d'um acolhimento lisonjeiro, entusiastico de parte de todos os que se interessando pelas boas letras, pela religião da Arte, não podem nem devem deixar passar despercebidos, sem o seu applauso e sem o seu concurso, as emprezas, que, arrostando com a mesquinha pequenez do nosso mercado se abalançam a emprender a vulgarisação de obras como as que constituem o fundo da Bibliotheca Internacional.

O primeiro volume, publicado ha dois meses, e por uma triste coincidência posto á venda no dia do fallecimento do Poeta, era uma collecção esmerada das poesias de João de Deus.

O segundo, publicado agora é a Madona do Campo Santo de Fialho de Almeida.

Seria uma banalidade dizer mais,

enramalhetar de adjectivos laudatorios avalia de tal empreza. Basta o titulo das obras e o seu preço, 100 réis, para tecer o elogio eloquente do seu editor Augusto de Oliveira—Livraria Moderna—Coimbra. ...E os nossos agradecimentos.

O Berro—Humorismo, talento, arte, mocidade, e, sobretudo coragem, desassombro, no meio pôdre d'uma sociedade de cobardes, de cretinos, de desavergonhados. Não é um semanario de caricaturas, é uma necessidade social.

Tira uma pessoa o chapéu, applaude com ambas as mãos, pede mais. E Celso e Chagas acedem... Se elles são novos e têm talento...

Communicado

Sr. redactor da Resistencia.—Tomo a liberdade de pedir a v. um cantinho do seu conceituado jornal para lavrar um protesto contra palavras ultrajantes que acabam de ser lançadas sobre a classe a que me préso de pertencer — a dos empregados dos caminhos de ferro.

Essas palavras cuspidas por um ensarivado collaborador do Expresso, jornal que até aqui—com verdade se diz—tem defendido os interesses da mesma corporação, mas que acaba de servir-se de termos de verbas censuráveis para satisfazer talvez mesquinhas vinganças, merecem um severo correctivo.

Numa linguagem viperina, despeja sobre nós uma saraivada de improperios, dizendo que o mal-estar da corporação é devido a uns serem servis, subservientes, quasi meros automatós; outros serem superlativamente ignorantes, essencialmente maus.

O mais interessante, porém, é o collaborador do Expresso dizer que «a carneirada assim o quer» e que este aviltamento, este impudor, esta baixeza, se reflecte em toda a collectividade.

Não nos serve. Se é da qualidade e tem cabeçada por uns pouteos, guarde-a, que talvez a possa legar aos seus.

Ha annos que um facto igual se deu nesta cidade, e quem proferiu essa affronta viu-se obrigado a recolher ao seu redil.

Á cautella diz o detestavel rabiscador que nos vae fustigando, mas cá de longe.

Acredito. Aqui talvez não o dissesse sem receber o galardão.

Ora o cavalheiro, se porventura tal nome mereço, precisava do castigo que é de uso applicar se em hyppodromos, pois pelas palavras insultuosas que dirige a uma classe tão numerosa como a nossa, mostra não ter educação alguma, ou trazer a cabeça a razão de juros, deixando d'ella pender sobre o papel que sujou, pequenos bocados que se reuniram nas dez letras alli estampadas.

Depois d'uma serie de banalidades, diz que o mal estar dos empregados dos caminhos de ferro é devido á propria classe.

Não é só a ella. Sem duvida que os meus collegas têm cooperado muito, pela sua indiferença, para a condemnação do seu futuro. Mas, não se negue, o Expresso tem dupla culpabilidade, pois que, sendo por direito e por justiça obrigado a publicar as nossas defesas, quando porventura nos sejam exigidos sacrificios sobrehumanos, tem-se negado a fazê-lo, decerto por servilismo ou por ignorar qual é a missão do jornal que pela classe é sustentado: por aquelles que agora lhe merecem desprezo, lhe causam nojo!

Mas elle chama servis aos membros da classel...

Elle, o Expresso! Não se lembram os redactores d'aquelle jornal d'um celebre artigo que lhes foi enviado ha cerca de oito meses, no qual se defendiam os empregados de certa estação?

S. ex.ª não se lembram d'umas historias prometidas no mencionado artigo, onde tambem se declarava que nellas andava comprometido o nome e a dignidade do pessoal da mesma estação?

Não é verdade que nelle se dizia que em tempo opportuno se explanaria largamente um escandalo em perspectiva?

S. ex.ª não se lembram d'isso? E porque não publicaram o artigo? E porque taes verdades não possam dizer-se?...

E nós, os pequenos, é que somos servis, maus...

Sim! Elles não. Elles são dignos (e eu bem sei de quê!) por que se entendem com as censuras que nos fazem, e lá sabem, entre familia, quaes os superiores que lhes encobriram suas faltas, e a quem, por isso, são restrictamente obrigados a servir, cobrindo-lhes as mazellas nojentas que a vergasta vae zurzindo.

Mas a vingança contra o auctor do artigo foi terrivel.

Queria defender-se e juntamente os seus collegas?

—Negou-se-lhe a publicação da sua queixa e não se lhe tornou a enviar o jornal!

O queixoso tem passado bem sem elle e eu já lh'o devolvi com todos os insultos nelle contidos.

E os collegas não me imitam? Ambrosio Gaspar.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria de 5 de março de 1896.

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa. Vereadores presentes:—arcediogo José Simões Dias, bacharel José Augusto Gaspar de Mattos, José Antonio Lucas, Manuel Miranda, José Antonio dos Santos, Antonio José de Moura Bastos, Albano Gomas Paes. Approvada a acta da sessão anterior e sendo presente o administrador do concelho, arrema-

tuou em praça de arrendamento até o fim do anno, a barraca n.º 20 do mercado por 305000 réis, a José Maria Raposo, para venda de carneiro.

Autorisou o fornecimento de tabellas parietaes de leitura para a escola official d'ensino elemental da freguezia de Santa Cruz.

Mandou annunciar a venda de alguns lotes de terreno na quinta de Santa Cruz, muitos dos quaes têm ido por vezes á praça, tendo a venda de todos elles sido ha muito autorisada superiormente.

Autorisou a aquisição de alguns materiais necessarios para o serviço de canalisações d'agua.

Resolveu não tomar conhecimento de alguns requerimentos para admissões no corpo de bombeiros municipaes, sem que em conformidade do Regulamento do respectivo sejam attestados pelo facultativo do partido municipal.

Attestou acerca de algumas petições para subsídios de lactação.

Autorisou os pagamentos de 25165 réis de reparos da casa do tribunal judicial: réis 133390, reparação de um cano de exgoto aos areos do Jardim; 4260 réis, dita (cano de exgoto em Mont'arroyo); 43400 réis, limpeza e conservação d'arvores; 25980 réis, limpeza das ruas do jardim da quinta de Santa Cruz; 15450 réis, serviços da illuminação de Santo Antonio dos Olivaeis; 43500 réis, cobrança das aguas; 4363730 réis, salarios ao pessoal do serviço da limpeza da cidade; 952475 réis, material para os mesmos serviços; 333870 réis, canalisações para agua; 153366 réis, officina das aguas; 35120 réis, reparos na canalisação geral.

Resolveu ouvir na proxima sessão ordinaria dois vigias dos impostos, acerca de irregularidades no serviço.

Admittiu no asylo dos cegos em Cellas, em vista de requerimentos devidamente documentados, Antonio Simões Sant'Anna, alejado de 80 annos de idade e Manuel Martins, mendigo, de 63 annos, tambem alejado.

Tomou nota por virtude de participação do vereador respectivo, de ter regressado de Lisboa, onde foi tratar-se o asylo dos cegos de Cellas, Ignacio da Costa, auctorisando o pagamento de 42860 réis, pelo transporte do mesmo asylo, segundo a deliberação já tomada em sessão de 12 de dezembro de 1895.

Não tomou conhecimento do pedido feito por um proprietario de Montes Claros, acerca da occupação de uma serventia de inquilinios.

Despachou requerimentos: auctorisando canalisações d'aguas d'exgoto; collocação de signaes funerarios em sepulturas no cemiterio da Conchada, a extracção de terras de terrenos do municipio junto da casa das machinas das aguas á Alegria; a annullação do imposto directo lançado para o corrente anno a um empregado publico fallecido a 2 de janeiro ultimo; o alinhamento, conveniente para um muro de vedação a um predio em Brasfemes; e abertura de um portal em um muro a construir como vedação a terrenos particulares, na rua de Raymundo Venancio Rodrigues.

DR. JOSE FALCÃO

A COMMUNA DE PARIS

O GOVERNO DE VERSAILLES

Preço, 200 réis

Pedido dos ultimos exemplares a esta Redacção.

Pelo correio accresce o porte.

F. FERNANDES COSTA

ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

Folhetim da RESISTENCIA

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XX

As 10 horas da manhã, M. de Lambrune tinha chegado com o doutor Pierre Touzeaud que é hoje uma das celebridades dos hospitaes de Paris.

O joven medico olhou attentamente para a doente, durante meio minuto apenas, tomando-lhe o pulso.

—Não ha febre, disse elle; melhor! Mas está muito longe de ser o que vós me tinheis dicto, coronel.

—Ha perigo imminente, doutor? perguntou M. de Villy.

—Não, senhor, respondeu Pierre Touzeaud tirando as ataduras que envolviam a cabeça de M.ª de Villy. Mas, fóra com as compressas e com os sinapismos! Vamos a metter mademoiselle num banho.

—Respondeis pela vida d'ella? disse a velha avó, apertando-lhe as mãos como para vér se elle tremia de receio tanto como ella.

—Pela vida? Certamente, madame, respondo.

—Não nos deixaes, está claro? perguntou M. de Villy que não tinha at-

tingido o alcance da restricção que o joven medico pozéra na sua resposta.

Não succedera o mesmo a M. de Lambrune que tratou de interrogar em particular o doutor Touzeaud, conduzindo o para o quarto que acabava de lhe preparar.

—Coronel, disse o medico, M.ª de Villy não teve nenhuma congestão, e se o medico de Burnay, em lugar de se limitar a um tratamento relativamente benigno posto que perigoso se se continuasse, tivesse tido a desgraçada ideia de fazer uma sangria como deveria ter feito, visto o diagnostico que fez, matava-a com certeza. O caso é, porém, completamente diverso; ao contrario do que elle imaginou, tracta-se de uma anemia cerebral que produziu este estado. De que modo? Ignoro a causa e vós tambem provavelmente. Mas M.ª de Villy recebeu um choque que, se não lhe colloca a vida em perigo, como eu disse ha bocado, lhe ameaça todavia a razão.

—A razão? A pobre criança ficará doida, meu joven amigo?

—Não vamos tão depressa; felizmente não ha febre e espero que o banho, embora tardio, prevenirá qualquer accesso.

Emmanuel acabava de passar no corredor e cruzára com Pierre Touzeaud e com M. de Lambrune que correspon-

deu friamente ao cumprimento que elle lhe fez.

—Quem é este sujeito? perguntou o medico.

—M. d'Argouges, sobrinho de M. de Villy.

—E quem é—desculpae-me, peçovos, a minha indiscrição mas um medico é o mais util dos confesores —a menina que estava ao pé da cama de M.ª de Villy?

—Uma amiga do collegio: M.ª de Croizy.

—Ah! exclamou o doutor Touzeaud, não é preciso pôr mais na carta.

Acabavam de entrar no quarto onde tinha sido posta a bagagem do medico parisiense.

—Na verdade! exclamou o coronel fechando a porta, estaes-me assustando, meu velho amigo! Então o que é que pensaes?

—O que vós bem deveis saber, coronel, respondeu tranquillamente Pierre Touzeaud, abrindo a mala de mão. M.ª de Villy é noiva do primo, não é assim?

—Effectivamente assim é!

—E o primo ama doidamente essa bella rapariga a quem chamastes M.ª de Croizy? Compreendendo, o primo trahi-se, o desgraçado, por uma fórma qualquer que actuou sobre o cerebro de M.ª de Villy como se fosse uma

pancada com um martello. Ora ahí está o mal todo, acrescentou o medico olhando friamente para Roland.

—Com mil diabos! disse este, isso é que é! Fazeis inducções, deducções, tiraes conclusões... Então isso agora é a nova medicina?

—Principalmente em casos como este, não ha mesmo outra.

—Pois bem! é uma bonita indiscrição, não haja duvida!

—Pois sim, coronel mas é a salvacção!

XXI

A anciedade de M. Villy estava um pouco acalmada, mas não podia achar a explicação de um accidente tão extraordinario e assim o disse ao joven medico a quem, como hospedeiro minucioso e stricto nos seus deveres, quizera fazer as honras do almoço que teve logar muito tarde naquella dia.

Monsieur, dizia o medico, basta uma contrariedade que fizesse uma especie de explosão interior ou uma surpresa dolorosa para provocar este phenomeno neruoso.

—Mas, tornava M. de Villy, essas supposições espantam-me ainda mais. Ah! está M.ª de Croizy que tracta com minha filha como se fosse sua irmã; aposto que tambem ella não com-

prehenhe a esse respeito coisa alguma, como me succede a mim.

Hermínia adivinhava que era cuidadosamente vigiada e saudada pelo olhar do doutor Pierre Touzeaud; e, a dizer a verdade, um juiz de instrucção criminal teria parecido a M.ª de Croizy muito menos perigoso do que esse medico trazido por M. de Lambrune que talvez não tivesse podido guardar por mais tempo o segredo do que se tinha passado, em presença do estado inquietador de Alice.

—Pois não é assim, mademoiselle, perguntou M. de Villy? Isto é um verdadeiro enigma para vós, não é verdade?

Urgia saber do silencio em que Hermínia se tinha a principio encerrado. Fosse como fosse, o coronel não se atreveria a desmentir-la e portanto a sua unica escapatoria estava num golpe de audacia.

Monsieur de Villy, respondeu ella, vôs bem vistes como Alice ficou penalizada e ferida com a ultima carta de M.ª de Fayolles. Conteve-se durante alguns dias mas como nós ainda hontem tinhamos estado a conversar acerca das maneiras ativas da minha prima para com todo o-mundo e da minha proxima partida, talvez esteja na irritação extrema da que ella diasimulava a causa de que o dr. fallava ha pouco,

2.ª publicação

**43** Pelo juízo de direito da comarca de Coimbra, e cartório do 1.º officio — Escrivão Camillo — por appenso ao inventario a que se procedeu por obito de Antonio Lucas de Paiva e mulher Theresa Ferreira, moradores que foram no Loureiro, freguezia de Sernache, foi requerida por Joaquim Antonio Rodrigues e mulher Joaquina Rosa; Manoel Rodrigues da Paz e mulher Maria Rosa, proprietarios, residente na Tremua de Cima, freguezia d'Almalaguez, José Antonio e mulher Maria José; José Marques Novo e mulher Maria da Luz, proprietarios, residentes no Casal Pequeno, freguezia de Miranda do Corvo, um processo de justificação a fim de se habilitarem como herdeiros de seu pae, sógro e avô Francisco José Mercador, casado que foi com Mathilde Rosa ou Mathilde de Jesus, fallecido em 18 d'agosto de 1881, para os effeitos legais e especialmente para poderem levantar da Caixa Geral dos Depósitos a quantia de 1125363 réis allí existente, e que no referido inventario pertenceu áquelle fallecido, da qual pertence uma terça parte á justificante Joaquina Rosa, casada com Joaquim Antonio Rodrigues; uma terça parte á seu irmão José Mercador, solteiro, residente na Tremua de Cima, como representantes de seu pae o dito Francisco José ou Francisco José Mercador e a terça parte restante aos justificados José Antonio e mulher Maria José, Maria Rosa e marido Manoel Rodrigues da Paz e Maria da Luz e marido Manoel digo marido José Marques Novo, como unicos e universaes herdeiros de sua mãe e sogra Maria Rosa, fallecida em 28 de abril de 1894; no estado de viuva de Francisco Antonio, filha do dito Francisco José Mercador. — Pelo que se passam editos de 30 dias e por estes se citam as pessoas incertas que se julgam com direito á quantia acima referida de 1125363 réis, a fim de deduzirem o que tiverem a oppôr dentro do prazo legal e verem accusar a citação na 2.ª audiença d'este juízo, posterior ao dito prazo, que se contará desde a segunda publicação d'este no *Diario do Governo*, declarando-se que as audiências neste juízo se fazem ás segundas e quintas feiras de cada semana, não sendo dias santificados ou feriados, porque neste caso se farão nos seguintes se o não forem também, e sempre por 10 horas da manhã no tribunal judicial, sito na Praça Oito de Maio, d'esta cidade.

Verifique a exactidão. O Juiz de Direito, *Neves e Castro*.

**42** **Vende-se** a quinta do «Correio-Mór» á Copelra, perto do rio Mondego. Compõe-se de terra de semeadura, olival, matta, arvores de fructo e casas. Para contractar, Rocha Ferreira, Sophia.

**Caixeiro**

**11** Na casa de Augusto Luiz Martha, aceita-se um que tenha pratica de papelaria. Praça do Commercio, n.º 76 a 78. — Coimbra.

**10** Vinho sem competencia em preço e qualidade: Vinho da Belra, de 1894 a 90 réis o litro. Também ha vinho bom a 70 réis o litro. Verde engarrafado, garrafa 100 réis. Quem comprar de 20 litros para cima tem o abatimento de 10 por cento. Taberna á Sê Velha, junto ao Arco da rua da Ilha.

**JOÃO RODRIGUES BRAGA**

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

**9** Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, fnebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações fnebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

**AGUAS MEDICINAES**

DA

**FONTE NOVA**

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

**Antonio dos Santos Bernardes**

Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposulfuicas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem deseminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimilthes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabetes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

À venda em todas as pharmacias e drogarias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.ª

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

**3 RÉIS POR HORA**

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

**Encomendas:**

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

**MANTEIGA DA CONRARIA**

Vende-se no Café Lusitano

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

**12** CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—80

**CASA LEÃO D'OURO**

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habeis contra-mestres

**5** A este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima collecção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 25500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 75500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscows para dragues e vestons, feitos por medida, a principiar em 75000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 85000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para ulsters ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 85500.

Dita para makserlanes, double-capes ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 75000 réis.

Esplendidos côrtes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais chic para smokings, sobrecasacas e casacas.

**Contra o rheumatismo e rigoroso frio.**—Excelentes montagnacs nacionaes e estrangeiros, de 15800 85000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para jaquetões e sobretudos de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e authomatica, de 450 a 45500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 355000 a 455000!!

Uma machina industrial oscilante de Singer—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

NOTA—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confeccões executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e de baixo da direcção do contra-mestre.

**ESTABELECIMENTO**

DE

**FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO**

DE

**João Gomes Moreira**

59, Rua Ferreira Borges, 32 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

**Ferragens para construcções:** Grande sortido que vende Lisboa e Porto. por preços eguaes aos de

**Pregagens:** De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

**Cutilaria:** Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

**Faqueiros:** Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

**Louças inglezas, de ferro:** Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha. Agate, serviço completo para

**Armas de fogo:** Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

**Cal Hydraulica:** Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

**Electricidade e optica** Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais apparelhos concernentes.

**Tintas para pinturas:** Alvaiades, oleos, agua-taz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

**Cimentos:** Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

**Diversos:** Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

**ANNUNCIO**

(2.ª publicação)

**3** No dia 22 do corrente por 11 horas da manhã na rua do Visconde da Luz n.º 9, 102 a 106, pelo processo de fallencia de Domingos José Gomes, d'esta cidade, hão de ser vendidos em globo ou em lotes todos os artigos e mobilia do estabelecimento do fallido Domingos José Gomes, e a mobilia da casa que foi habitação do mesmo fallido, artigos que abaixo vão indicados—e que serão postos em praça pelos preços da avaliação. *Artigos do estabelecimento*—Objectos de bijouteria; fazendas brancas, e outras, taes como: caixas para joias; sabonetes; caixas para luvas; voials de lã; diversos percaes; chitas; flanelas de lã; setins d'algodão; colletes d'espartilho; casteletas; flanelas para vestidos; cortes de lã; cheviotes e casimiras; bretanhas; lenços de algodão e de lã; rendas; sapatos de trança; sombrinhas; camisas brancas de flanela; capas; luvas; veludados; setins; chailes; tules; gravatas; fitas e outros artigos—escrevaninha; prensa e banca; cadeirás; bancos; candieiros; contador e canalisação; malas; manequins; cabides e outros objectos. *Mobilia da casa*—Sofá; cadeiras; mesas; candieiro de suspensão; armario com portas de vidro; louças e vidros; camas de ferro; fogão e objectos de cozinha.

Verifique a exactidão *Neves e Castro*.

**COMPANHIA AUXILIAR**

**2** Esta companhia muda o seu escriptorio do Arco do Bispo, n.º 2, para o largo de S. João, n.º 6, onde continúa com as mesmas operações, e em casa muito mais apropriada para o seu mister.

Em razão de construir uma nova armação, vende por preço muito em conta a que tem na referida casa do Arco do Bispo, e tambem subloca a dita casa até á terminação do arrendamento que é pelo S. Miguel do corrente anno.

A armação serve para mercaria, fazendas brancas, ou quiniquilherias.

Coimbra, 11 de março de 1896.

O caixeiro da companhia, *João Favas*.

**Prevenção**

**1** Na padaria ao Arco d'Almedina, vende-se e manda-se a casa dos freguezes, o seu pão fino da melhor qualidade, geralmente a 25 réis cada 2 pães.

**“RESISTENCIA”**

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno . . . . . 25700

Semestre . . . . . 15350

Trimestre . . . . . 680

Sem estampilha:

Anno . . . . . 28400

Semestre . . . . . 15200

Trimestre . . . . . 600

**ANNUNCIOS**

Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

**LIVROS**

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

# RESISTENCIA

N.º 114

COIMBRA — Domingo, 22 de março de 1896

2.º ANNO

## Considerações

Quem, a olhos serenos, postas de parte idéas que professe, examinar attentamente, até sem descer a minudencias, sem revolver a lama das combinações obscuras, da engrenagem tórpe dos compadrios, mas só no seu conjuncto, os traços geraes da politica portugüesa, na flagrança da sua exhibição grotesca no *Solar dos Barrigas*, e observar, imparcial mas fundamente tanta villania, tanta estupidez, uma porção d'homens sem idéas suas, sem cabeça, permitindo-se apenas o luxo reles e deprimente de pensarem e sentirem a mesmíssima coisa que pensa e sente o epileptico senhor do alcaide; e, depois, desviar o olhar enjoadado e espavorido, passeando-o por toda essa grande immundicie de perseguições e reformas, vomitadas como insultos, cuspidas como escarros sobre o que ainda havia de alvo na tunica da liberdade, sobre o que ainda de ultimo e digno se erguia neste pobre país, soffredor e estrangulado, ha de necessariamente sentir uma convicção fundamente radicada a abala-lo todo, a impelli-lo no caminho da desforra, na senda da justiça.

Nunca um país tanto desceu... mas ainda bem, que é preciso descer muito, para muito subir.

Sem idéas, sem planos, os ministros contradizem-se a cada instante, com uma frequencia vertiginosa. Serão estúpidos, ou qual é o nome que se lhes poderá chamar?

É por sobre tudo isto, um povo carregado, animalizado, sem turbulencias de revolta, sem aspirações de justiça. Dir-se-hia que os ultimos reverberos da nacionalidade, fulgindo em 1820 sob o influxo das fulgurações de 1789 que, no horizonte embaciado das raças opprimidas, tinham crystalisado num grande sol de liberdade, foram os ultimos tropeus na nossa epopéa heroica. E, hoje, pygmeus, olhamos assombrados essa luz que não comprehendemos, porque os nossos braços não estão temperados para a lucta, nem temos as consciencias livres para um criterio.

É triste!  
Triste e deprimente.

Se a monarchia é um regimen de especulação tórpe onde se agacham tantas patifarias, onde a traficancia descarada é uma honra e um passe para todas as cabeças va-

zias se guindarem alto, porque não condemnamos nós a monarchia? É instaurar-lhe processo e applicar-lhe a sentença: Um passeio, por exemplo, para além das nossas fronteiras...

Porque não se condemna a monarchia?

O poder anda, á solta, desenfreado, calcando-nos, esmagando-nos, absorvendo tudo para tudo abysmar num grande desvario administrativo.

Ha uma unica lei, pesada, torturante, como algemas em pulsos escravizados: o capricho do João Franco.

O governo leva tudo isto a pontapés, e o governo, na phrase de *lord Canegás*, o estúpido negociador do tratado de 20 d'agosto, só cumpre as ordens do rei.

Que linda coisa para nos atirarem á cara, quando fallarmos de tradições e glorias!

Que sombra tão espessa nos brillos alvacentos do passado!

E somos um povo livre!  
Parece troça.

Ha graves symptomas de doença, e, todavia, não são factos isolados que venham sombrear o quadro; são a concretisação geral d'um systema que emporcalha uma phase da nossa evolução social. Não é apenas um mandarim que, desnor-teado e louco, conduza inconvenientemente ao cemiterio da Historia uma orgia administrativa; é uma sucia de beleguins e parasitts, de caneros e pustulas, que nos corroem o organismo social.

É, todavia, brilha ainda um raio de esperança. Quando uma sociedade chega a este estado de decadencia moral, ou desaparece na grande luta d'uma raça, d'um principio, ou d'um fim, ou ha de resurgir para uma vida nova, levada pelo impulso violento d'um entusiasmo vibrante e fundamente radicado. É a historia de todos os tempos e de todos os povos.

Da *Liberdade*, de Vizeu:

D. Affonso Henriques

«Foi nomeado governador geral da India com o titulo de Vice-Bei o sr. infante D. Affonso Henriques. No Rio de Janeiro está aberta uma subscrição entre a colonia portugüesa para com o seu producto lhe ser offerecido um brinde.»

Achamos conveniente dizer á colonia portugüesa do Rio de Janeiro que este Affonso Henriques não é o fundador da monarchia.

É um descendente de D. João VII!

## Palacianismo e exercito

O Festas, d'accordo com o rei, e o rei de mãos dadas com o Festas, continuam na dança macabra com que tem vindo fazendo tropelias de toda a casta a respeito do exercito.

Elle foi reformas de generaes e coroneis, que, embora validos, eram mais antigos que o marechal dos pannos—dizem que modos de acelerar a promoção.

Elle foi tambem o limite d'idade quando o expediente das reformas deu os primeiros indicios de revolta.

Agora é outra.

O Queiroz já estava na *tribuna* principal prompto para, guardando o throno, chacinar o povo. Outros officiaes superiores affeioados, por provas publicas, á realesa, foram mandados para logares importantes no exercito.

Ainda não bastavam, porém, esses. Era preciso ter todo o exercito prompto para guardar e defender os abusos e crimes do poder em defesa da monarchia, e de que se lembram o Festas e o rei?

Impontam para commissões que dêem vaga, officiaes superiores, chamando assim depois os que se têm mostrado serventurarios do paço.

A monarchia defende-se.  
Que o povo se defenda tambem.

O *Commercio da Guarda*, na quarta columna da 2.ª pagina, solta um estrondoso *Viva El-Rei*, e na columna seguinte está o seguinte trecho de Tacito:

«Quando a realesa degenera em tyrannia o povo aspira á liberdade»

e commenta—Tal qual.

Isto é que se chama coherencia!

## D. Affonso Henriques

Accepta o encargo de governador da India, noticiam gaséttas que assim o mandára dizer de lá.

Vae, pois, partir, assim o annunciam tambem, o sr. Neves Ferreira, como plenipotenciario para negociar o tratado de extradição com a India Inglesa.

Parece que se o D. Affonso não accéitasse o ser governador, não havia necessidade de negociar o tratado de extradição.

Como accéita, mandam de cá o Neves Ferreira para... o tratado. Não sei se comprehendem.

Que o D. Affonso tem boa mão de redea para dirigir... os negocios da India, e o Neves é mais um a cincoenta mil réis por dia, como o Ennes.

E a gente nem já deita as mãos á cabeça...

Alguns nossos collegas mostram-se muito assustados com a proposta de conversão da dívida publica e com o augmento de impostos que, segundo a declaração do órgão official do sr. João Franco—*A Tarde*, é para fazer face ao augmento dos encargos que d'essa concessão derivará. Não ha motivo para tanto.

Desde já podemos garantir que a proposta de conversão de dívida publica, dado até que seja transformada em

lei, nunca terá execução. Que os creadores têm os olhos abertos, e nem todos elles são portugüeses. E como o augmento d'impostos é para os encargos por essa conversão creados, como esta se não dá, tambem não haverá esse augmento.

Não escapará esta consideração ao *Solar dos Barrigas*, que, digam o que quizerem as más linguas, são as forças vivas da nação, e, como taes, doem-se.

A proposta relativa ao imposto predial, essa com certeza que não passa.

Brevemente haverá crise, sendo chamando para formar gabinete o sr. conselheiro José Dias Ferreira.

Dá lugar a ella a promoção de Mousinho, as propostas de fazenda e a questão do Tungue.

Agora com a chuva e com esta é que os progressistas ficam indignados.

E o José Dias a rir-se.

## Ao «Pimpão»

Recomendamos-lhe este trecho d'um artigo sobre *A Mulher*, que vem num jornal d'esta cidade:

«E, se nos admittem o vultuário, mal ira á sociedade, se se nivelarem as condições tão heterogéneas de ambos os sexos; se se estabelecer a promiscuidade, que tão fúesta se tornou em todas as epochas, e que o não será menos na actual.»

Não obstante saber-se que a promoção de Mousinho de Albuquerque foi devida principalmente á attitudde de alguns pares do reino, um jornal de opposição ao governo teceu os maiores elogios ao rei, querendo fazer suppor que foi elle que se impôs ao ministro da guerra.

Por ora limitar-nos-hemos a perguntar porque seria que o sr. D. Carlos se impôs só agora. Seria para desprestigiar o illustre Festas, dando-lhe tempo para fazer as mais solennes affirmações em ambos os *solares* contra a promoção?

Que o diga o tal jornal. Que nós tambem hemos de dizer cousas engraçadas, logo que reconhecamos a oportunidade para o fazer.

## Especulação torpe

O sr. Fratel, illustre barriga, vae ser nomeado primeiro official do Supremo Tribunal de Justiça.

Para alguma cousa deviam servir as suas biologias, anthropologias, psychologias e, sobretudo, as idéas rasgadamente liberaes que professa. Tudo isso lhe valeu uma protecção escandalosa do sr. João Franco.

Que sobre os seus merecimentos e mais partes, ouça-se o que dizem os seus collegas do *Solar*.

Communicam de Lisboa que o sr. Neves Ferreira vae vencer, como commissario regio em Goa, o mesmo que vencio o sr. Antonio Ennes em Lourenço Marques, ou sejam 18 contos por anno.

E ainda dizem que orçamento não está equilibrado!

## Instrucção publica

### Instrucção secundaria

XXV

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

R. LEGOUVÉ.

Dissêmo-lo já, e repetimo-lo ainda, que seria grave injustiça não confessar e reconhecer que o programma da lingua e litteratura portugüesa, nas suas linhas geraes, no pensamento predominante que o dictar, se inspirára em principios de boa pedagogia, contendo preceitos que ninguém, em boa consciencia, poderá deixar d'applaudir. Estão precisamente neste caso as recommendações excellentes e judiciosas que nelle se lêem relativamente ao emprego da grammatica, ao uso limitado das figuras, estudo em que não será facil descobrir-se a mais leve sombra d'utilidade.

Estamos perfeitamente d'accordo a este respeito, assim como sobre a condemnação formal do uso, ou, antes, do abuso d'uma pretendida analyse logica, a qual, desvirtuando inteiramente um exercicio, aliás excellente, quando racionalmente redigido, se preoccupa apenas com um jogo mechanic ou inconsciente de palavras, sem ligar a minima importancia ás idéas, e fazendo esforços desesperados por encontrar numas certas phrases precisamente o que lá não está e em que o auctor decerto nunca pensou; o que constitue um verdadeiro instrumento de tortura para o alumno, que se esgota, se aborrece e se inutilisa assim num trabalho perfeitamente esteril e até embrutecedor. Consequencias fataes e necessarias de imperio absoluto da escolastica, no ensino.

Pretender, por exemplo, desdobrar numa phrase regular com todos os elementos que as grammaticas ordinarias para ella inventaram, uma interjeição, palavra que não exprime uma *idéa*, mas uma *sensação*, e por isso se subtrahê á analyse ordinaria; querer reduzir todos os factos da lingua, multiplices e variaveis como o pensamento, a um typo unico, ás regras da chamada syntaxe regular: é realmente absurdo inqualificavel, um verdadeiro atentado contra o senso commum, e seria objecto para largas ponderações, se não as julgássemos um pouco descabidas neste logar e sobretudo neste momento, em que temos necessidade de concluir o nosso modestissimo trabalho.

Expurgar, pois, o nosso ensino de taes anomalias, depura-lo de todos os vicios de que andava inquinado, fazê-lo entrar na corrente renovadora do seculo, animá-lo do sópro vivificante da pedagogia moderna, era empresa nobilissima, que só louvores e benções mereceria, e não seriamos nós que lh'os regateassemos e a quem quer que tentasse realisá-la, como não os regateamos, e muito sinceros, aos auctores do programma que estamos

analysando, na parte em que procuraram inspirar-se nos principios de methodologia que estão hoje consagrados pela experiencia e licção dos grandes mestres. Seria realmente injustiça flagrantissima não reconhecer e confessar abertamente, como já o fizemos, que no alludido programma se encontram preceitos salutarissimos, dignos de inteiro e caloroso applauso.

É, porém, deploravel que, a par d'isso, haja nelle incorrecções imperdoaveis, defeitos que ninguem poderá desculpar, merecedores, por certo, da mais severa censura, como alguns que já indicamos e outras que hoje vamos indicar.

Diremos primeiramente que é muito para censurar e condemnar que, num programma da lingua materna, se encontre, por vezes, uma incorrecção de fazer arripiar até os menos exigentes, pullulando alli também barbarismos denunciadores de bem pouca originalidade, digamo-lo de passagem. . . *As exposições oraes de preço artistico, a reproducção de textos ante os olhos* — e ainda outras passagens de correccção semelhante, parecem-nos invenções pouco felizes, de preço pouco elevado, e, por isso, altamente condemnaveis, sobretudo num programma de lingua e litteratura portugüesa.

Mas isto não é tudo. Ha mais e melhor. Vejamos, por exemplo, o que nelle se preceitua acerca da leitura. Diz assim: «A leitura *percorrerá* tres grãos, com as necessarias transições: leitura simplesmente correctiva (classes I e II); leitura intelligente (classes III a V); leitura expressiva e declamação (classes VI e VII). Paremos aqui.

Do que fica transcripto deduz-se muito claramente que os auctores do programma intendem que para as duas primeiras classes do ensino lyceal não é conveniente ou necessaria a *leitura intelligente*, que os sabios reformadores reservam apenas para as classes immediatas!

Em presença d'esta monstruosa heresia pedagogica, para a qual reclamamos a excommunição maior, nós desejaríamos que elles nos dissessem se comprehendem bem o que sejam e para que sirvam os exercicios de leitura, que função representam elles no ensino da lingua. Pelo que se vê, ignoram-no completamente, o que nos parece extremamente grave.

*Leitura simplesmente correctiva* e não intelligente, prescrevem os sabios reformadores, como se a correccção na leitura não dependesse essencialmente senão exclusivamente da *intelligencia* do texto! E' positivamente phantastico. Ignoram estes sabios *germanizados* que se lê bem apenas o que bem se comprehende, e que, desde que não se comprehenda bem o que se lê, já a leitura ha de ser necessariamente incorrecta!

A intelligencia do texto é a primeira condição para se ler correctamente; e, comtudo, os auctores do programma entenderam, no seu alto criterio pedagogico, que nas primeiras classes do curso dos lyceos se pôde ler com a indispensavel correccção, sem a intelligencia do que se lê! D'onde é que elles trouxeram a innovação não o sabemos nós. Da Allemanha é que ella não veio, por certo.

Ainda com respeito aos exercicios de leitura deveremos notar que os auctores do programma recommendam insistentemente que *parte das leituras será feita em casa pelos alumnos e verificada na aula pelo*

professor. Esta é verdadeiramente genial. Dispensa bem todos os comentarios. Estes pretendidos *germanistas* são verdadeiramente impagaveis.

Devemos notar ainda que, entre as leituras recommendadas, se indica *um ou dois sermões* de Antonio Vieira. Mas qual ou quaes d'elles? Isso não no-lo dizem os auctores do programma. Seria conveniente, porém, dizerem-no, salvo se intendem que todos elles têm o mesmo valor e que indifferentemente se poderão tomar ao acaso, incluindo aquelles que mais eivados estão do vicio do tempo — o gongorismo. A respeito de Malhão foram um pouco mais rigorosos: apenas consentem ao alumno a leitura do conde de Barbacena. Mystérios que não nos é licito decifrar. . .

Aos exercicios escriptos também o programma assigna tres grãos: a *reproducção servil*, a *reproducção livre* e a *invenção*. Esta idéa da *reproducção servil* é também originalissima. Saiu com certeza, inteira e completa, é producto genial, portentoso, da pedagogia official portugüesa. E' verdadeiramente impagavel.

Nós desejaríamos que também nos elucidassem a respeito das vantagens que da *reproducção servil* (o termo é já de si significativo) poderão resultar como elemento preponderante ou pelo menos attendivel, na instrucção e educação do alumno. Se alguém fór capaz de nos demonstrar, com factos e argumentos de peso, que de taes exercicios poderá resultar qualquer vantagem apreciavel, a não ser a de bestificar o alumno, proclamaremos, sem a menor relucencia, como a ultima palavra da inspiração pedagogica, a doutrina dos conspicuos reformadores. Mas não demonstram, estamos certos d'isso.

Este programma prestava-se ainda a muitas outras considerações, que não fazemos agora, por não alongar demasiado este nosso trabalho, que, como dissemos, temos necessidade de concluir promptamente.

### Cartilha do Povo

O nosso collega do *Defensor do Povo* deu no seu ultimo numero a noticia de que a commissão d'estudantes, encarregada pelo grupo republicano academico de tractar da reedição da *Cartilha do Povo*, tencionava também reeditar as obras de Henriques Nogueira.

Essa noticia é menos verdadeira, pois nos consta que, embora os trabalhos do grande evangelizador do credo democratico sejam de verdadeiro valor, não houve ainda tal lembrança.

A este respeito o activo secretario da commissão enviou áquelle nosso collega a carta que em seguida publicamos:

...Sr. redactor do *Defensor do Povo*: — Em o ultimo numero do seu jornal lemos com espanto a noticia de que a commissão, encarregada pelo grupo academico republicano da reimpressão da *Cartilha do Povo*, ia reeditar as obras do grande propagandista Henriques Nogueira.

E' falsa esta noticia. É tal resolução só poderia ser tomada pelo grupo e não por uma commissão que tem poderes restrictos.

Agradecendo a v. a publicação d'esta carta

Confessa-se de v.  
Corr.º agr.º  
Arthur Leitão.

## RELATORIO DE MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

(CONTINUAÇÃO)

Dei logo ordem para que ás três horas (a. m.) se effeitasse o desembarque, a despeito da chuva e escuridão, mandando ás duas horas e trinta minutos dar café ás praças.

Em quatro horas (a. m.) quando começamos a marcha, passando um pequeno pantano, com agua pelo joelho, e subindo a uma encosta cheia de lodo, caníço (mangal) e arbustos, onde a marcha era muito difficil e muito incommoda.

Levando só 47 praças brancas (duas tinham adoecido a bordo), dispuz a força da forma seguinte: 6 praças da 1.ª fileira e 6 da 2.ª quando se formasse quadrado, formavam a face da frente, 12 praças da 1.ª fileira a face da esquerda, e 12 da 2.ª fileira a da direita; da 1.ª da 2.ª fileiras formavam a face da rectaguarda.

Assim, a marcha com 2 homens de frente equivalia ás columnas duplas que vira usar na columna do norte, apenas com a suppressão do intervallo que a existência da força tornava dispensavel.

Em caso de alarme o quadrado formava em menos de 1 minuto.

Logo no couce da columna iam dois carregadores com dois cunhetes (1:100 cartuchos), e as duas praças indigenas, com ordem para entrar pa dentro do quadrado, logo que elle se formasse.

Seguiam os outros carregadores e os homens com machados

Cada carregador levava a tiracolo o capote de uma praça, emalado no encerrado respectivo. Os carregadores tinham ordem para se deitar no chão logo que ouvissem tocar a corneta.

Na vespera fizera passar o rio somente aos 207 auxiliares do Chai-Chai, Languedo e Lofogasi. A guerra de Cuio estava também na margem esquerda

Quando marchei mandei dizer ás guerras que tinham ficado na margem direita que, se quizessem, voltassem para casa, senão que passassem o rio e me viessem alcançar na marcha, posto que nada precisava d'elles, porque os brancos que levava bastavam para bater todo o Bilene.

Esta verdadeira *hispagnolada*, junta, de certo, ás recordações que muitos tinham de Coellela, pareceu dar-lhes confiança, e, repito, supponho que na mira da pilhagem, todos passaram de madrugada o rio, e pelas oito horas juntavam-se a nós.

A guerra preta marchou da forma seguinte: a 200 metros á frente a guerra de Cuio, a 200 metros para a direita a do Chai-Chai, e a 200 para a esquerda as de Languedo e Lofogasi. Estas distancias diminuam constantemente, porque os pretos, ou por medo, ou fosse pelo que fosse, tendiam para se encostar á força branca.

Pelas sete horas (a. m.) avistou-se um pouco a N. do caminho, a povoação do Vuyana. Mandei então seguir a força europeia pelo caminho, e, com o tenente graduado Couto e o interprete, fui juntar-me á guerra de Cuio, para a fazer avançar contra a povoação. A principio deixaram-me ir na frente a uns 20 ou 30 metros de distancia, mas logo que, com o grande alcance de vista de que dispõem, perceberam que na povoação não estava gente de guerra, correram sobre ella como galgos.

Quando lá cheguei dois homens estavam azagalados no fizado, e a gente de Cuio andava juntando as mulheres e crianças e saqueando as palhotas. Nisto appareceu um homem que escapara não sei como, dentro do curral do gado, dizendo que Vuyana não era tão culpado como pretendiam, mas como eu não tinha vagar para resolver milandas naquella occasião, limitei-me a mandar soltar todas as mulheres e crianças, pousar no chão todos os objectos roubados, excepto comida, e apartar da manada do Vuyana dez bois para o Cuio, como indemnisação, e dez vacas para o governo, como multa. Em seguida mandei a guerra de Cuio passar outra vez para a frente dos brancos que haviam feito alto.

Esquecia-me dizer que, transposta a encosta de que atraz falliei, achamos-nos numa planicie extensissima e muito descoberta. O solo era duro, e com a chuva tornara-se muito escorrega-

do. A erva, não muito alta, estava encharcada. Durante a marcha fortes pancadas de agua alteroaram com um sol abrazador, de forma que, ollias e praças, marchavam todos a pé, acompanhando os pretos com uma velocidade não inferior a 10 ou 12 minutos por kilometro; ora iam encharcados em agua, ora escorrendo em suor. Como não queria perder tempo, continei marchando sem descanso até ás 11 horas (a. m.). Appareceram-me então dois enviados do Gungunhana, os indunas Zaba e Sucanáca, trazendo de presente 560 libras (das quaes 30 para o secretario) e algumas pontas de marfim. Diziam que o regulo me pedia muito que não avançasse mais, que elle viria á tarde pegar pé e fallar de paz com o rei *seu pae*. Respondi-lhes que o regulo era muito gordo e eu muito magro, por isso avançaria mais para lhe poupar fadigas, e que viesse elle trazendo um *saquete* (presente) que eu não me envergonhasse de mandar ao rei. Mandei a resposta pelo Sucanáca, conservando o Zaba preso. Nessa occasião appareceu o homem de Languedo, que na vespera acompanhára os dois enviados do Gungunhana, e que eu já suppunha ter sido morto por este.

Depois de 30 minutos de descanso, proseguí na marcha até á 1 hora (p. m.). Tinhamos assim feito 8 horas de marcha a passo mais que ordinario; estavam exhaustos. Os carregadores só á força de pranchada se conservavam junto á columna, e até a gente de guerra se sentava com frequência para descansar alguns momentos. Resolvi, portanto, bivacar um pouco a O., por saber que ficava alli a lagoa de Montacane.

Fui adiante escolher o sitio para o bivaque, que era de todo descoberto, com um campo de tiro esplendido, ficando a força a uns 20 metros da lagoa, que é enorme (seis a oito vezes a de Coellela) em largura e comprimento, e bastante profunda. A agua não seria, talvez, das peores, mas a gente de guerra (já então mais de 2:000, porque Zugoinsa, o irmão do Muzilla, e outros chefes se nos tinham juntado), entrou por ella dentro, lavando-se, bebendo a agua e revolvendo-se no lodo, o que fez com que fosse preciso depois deixal-a assentar mais de meia hora antes de se poder beber.

Dispuz o bivaque em quadrado com duas sentinelas em dois angulos oppostos. Quanto aos pretos, ficaram os carregadores junto ao quadrado e as guerras a 200 metros em volta d'elle separadas umas das outras e com postos avançados até 400 metros do quadrado. Foi o tenente graduado Couto que, com não pequeno trabalho, dispôs assim as forças indigenas.

Em 5 horas (p. m.) quando voltou o Sucanáca acompanhando o Godide, filho do regulo, que trazia sessenta e três cabeças de gado bovino, 510 libras, duas grandes pontas de marfim e as dez mulheres do Matibejana. Trazia um pedido do regulo para que eu não avançasse mais, novos protestos que elle mesmo viria nessa noite ou na manhã seguinte. Respondi que eu ficava alli toda a noite e todo o dia seguinte á espera do regulo, que, se elle não viesse, o Godide e o Zaba seriam fuzilados, e que eu não avançaria mais porque os brancos já não podiam marchar de cansados que estavam.

Esta resposta dei-a, calculando que o regulo queria ganhar tempo, e que o Sucanáca lhe iria affirmar que o cansaço não nos permitiria avançar.

Efectivamente o aspecto do bivaque parecia confirmar o que eu dissera; o tenente Miranda extenuado, abrazado em febre, vomitava constantemente a agua com que tentava mitigar a sede; os soldados dormiam estirados sobre os capotes, tão cansados que muitos não quizeram comer o rancho, embora só tivessem comido bolachas desde as 3 horas da madrugada; eu mesmo estava deitado e de todo estafado. O Sucanáca dizia que o regulo estava ainda muito longe, mas tudo me levava a crer o contrario.

Chovera quasi toda a noite. Eu pouco tinha dormido, e cada vez se enraizava mais no meu espirito a idéa de não voltar atraz senão com o regulo aprisionado ou com a sua cabeça, e por isso ás 3 horas (a. m.) mandei levantar as praças e os carregadores, enrolar os capotes, e marchamos ás 4 horas (a. m.).

O tempo melhorára, e a gente de

guerra logo que ouviu movimento no nosso bivaque, levantou-se para nos acompanhar. O terreno continuava a ser descoberto o plano, o chão duro. Apressei a marcha por forma que varias vezes fomos em accelerado.

Appareceram pela nossa frente umas tres mangas de guerra, gente que evidentemente estava com o Gungunhana, mas cujos chefes vieram a correr declarar que pegavam pé e pediam para nos seguir. Essa gente disse que o Gungunhana estava no Chaimite, para onde fóra, a fim de fazer sobre a seplutura de seu avô. Manicusse, diversas cerimoniaes, para arranjar feitiço que impedisse de descobrir onde elle estava.

Pelas 6 horas e 30 minutos (a. m.) avistamos Chaimite no meio de um terreno arenoso, cheio de marçala e mórros de muchem, portanto muito facilmente defensavel. Então apressei a marcha ainda mais, apesar das guerras indigenas começarem a deixar-se ficar para a rectaguarda ou por terem medo que o regulo se defendesse ou influenciadas pelo prestigio que elle ainda tinha, conseguindo só á força de distribuir espadeiradas, fazer avançar alguma gente comoosco. Nesta occasião duas praças brancas cabiram exhaustas, mas eu não podia demorar-me um momento que fosse, e por isso a marcha continuou sem haver a minima interrupção. Essas praças foram levadas pela gente da guerra preta para a rectaguarda, e passaram o resto do dia e a noite na povoação do Cuio, reunindo á força no dia seguinte. A uns 10 metros da povoação dei ordem para que as guerras formassem um cordão em volta d'ella, e que só entraria dentro a força branca. Os pretos assim fizeram, ficando a uns 100 metros da paliçada que cercava as palhotas.

Do *Jornal do Commercio*:

E' posto á venda na segunda feira o annunciado livro do sr. Augusto Puschini, e que se destina a um grande exito sensacional.

O titulo não é para menos.

Fragmentos de Memorias  
LIQUIDAÇÕES POLÍTICAS  
Vermelhos e Azues

Edição em 8.º grande. 351 paginas de texto e 82 de annexos.

Parece um annuncio do Grandella!! Veremos o que é o livro, que o auctor já nós conhecemos.

Entrou no prelo mais um livro de Silva Pinto, *A queimar cartuchos*.

## A GUITARRA E A SEBENTA

É meia noite. O Silva chega d'uma guitarrada, massado. Pega na sebenta, atira-se para cima da cama e principia a lê-la.

Vae lendo. Nisto o somno subjugou-o. Souha que é chamado e, pelo meio da licção, vae mettendo os versos que cantára á sua amada.

Nós vamos hoje tratar  
Dois olhos de côr do céu,  
a doutrina abrangerá  
duas partes — *Ella e Eu*.

Segundo diz Demolombe,  
é — *Ella* — o anjo querido,  
no que concorda Rogron,  
minha pomba, meu Cupido! . . .

Diz o artigo primeiro. . .  
que sonho eu tive Emilinha!  
a redacção é confusa. . .  
Tu um dia has-de ser minha!

Ouvi dizer ao luar  
Diz Rocha, diz Liz Tixeira,  
quem canta seu mal espanta  
. . . não se pôde refutar.

Ella é tudo que eu adoro  
— Doutrina já resolvida —  
Ella é a Estrella do Norte.  
— A these está discutida. —

Passando á segunda parte,  
O meu lindo Amor Perfeito,  
Nós veremos em que casos. . .  
— Stá bem! estou satisfeito. —

## Carta de Lisboa

Lisboa, 20 de março de 1896.

As propostas de fazenda são o que já sabemos. Empréstimo e mais impostos.

De maneira que a sciencia do Hintze resume-se em esfoliar o contribuinte e em preparar novo calote aos credores.

Está na logica dos portugueses. Este povo prepara a obra immorreitoria do grave calote nacional.

O Festas continúa ministro da guerra.

Alguem se admira de que tal succeda, attendendo á triste situação em que se encontra. Já é ingenuidade.

Pois não é assim, verdadeiramente exauctorado, que elle está habilitado a ser ministro da monarchia?

Descobre-se que o empréstimo dos 9.000 contos para navios não é destinado a esse fim.

Os 9.000 contos são para pagar a indemnisação do caminho de ferro e outras dividas do Estado.

Esta intrujice do governo é engraçada.

Parece a costumada mentira dos rapazes que escrevem á familia pedindo dinheiro para livros, quando o dinheiro é para a pandiga.

Salvo na comparação, porém, a honestidade dos rapazes, que nunca foram ministros da fazenda.

Desappareceu a opposição dos tres ratos, no Solar dos Berrigas. Marianno limita-se a piadas no jornal. O Arroyo adoeceu, José Dias dá jantares onde, á falta de partidario para se brindarem, os convivas se saudam uns aos outros e depois a si próprios, para fingirem que são muitos.

Os progressistas andam furiosos com este banquete e gritam imprecações varias.

Lá diz o outro na Morte de D. João — Não é remorso, é fome.

Effectivamente parece que o José Dias se prepara para succeder ao João Franco.

O nosso amigo D. Carlos la foi

para a caça e para a tourada em Vendas Novas.

E aqui está a situação politica de Portugal. O rei uzando por sceptro um ferro curto. O povinho embolado.

D. Affonso ainda não é vice-rei da India. Diz que se deshonra com isso e que não está para ser o mesmo que D. Affonso d'Albuquerque.

Effectivamente aquelle Albuquerque não se deve imitar.

Diz o Navarro, desdenhoso, que elle era um homem de bem.

Noticias que vejo á ultima hora nos jornaes hespanhoes, dão-me a entender que o Weyler já não está nas boas graças de *nuestros hermanos*. O homem, sobre ser cruel, dizem que é tolo.

Aquelles cubanos estão peores do que o Festas. Reformam todos os generaes.

João da Nova.

Sua eminencia o sr. cardeal patriarcha de Lisboa pensa em converter á religião catholica o Gungunhana e o Zixaxa com as respectivas familias.

Serão elles mais sensiveis aos pedidos e rogos do patriarcha do que o governo, que caso algum fez das instancias do mesmo patriarcha para que não consentisse que o Gungunhana e o Zixaxa tivessem mais que uma mulher?

O procedimento do governo sem duvida creará agora embarços á conversão dos dois regulos destronados. Custar-lhes-ha sem duvida separarem-se das mulheres.

## A Guitarra e a Sebenta

São de trovador desconhecido os versos que hoje publicamos com este titulo. Estamos, por isso, impedidos de pedir ao seu illustre auctor permissoão para os deixar correr mundo.

O imperador da Alemanha vae visitar os seus collegas da Austria e da Italia. Que o equilibrio europeu apresente-se muito instavel e a triplice não se vê em boa situação.

Mousinho d'Albuquerque telegraphou ao sr. ministro da marinha dizendo que accetava o logar de governador de Moçambique. A esposa d'este heroico official partirá em breve para Lourenço Marques.

delirio mas M.<sup>lle</sup> de Villy não tem febre. Espero tudo de outro banho que lhe vae ser dado esta tarde.

—Salvais-me a mim mesma! exclamou a pobre velha; mas que doença tão singular!

—Afinal, disse lhe o filho afastando-a do leito, M.<sup>lle</sup> de Croizy já nos fez ver muito bem as causas. Ah! e lha o ado incommodada com as observações de M.<sup>lle</sup> de Fayolles e tinha-se excitado interiormente muito com isso. Hontem mesmo, aquella maldicta carta tornou a ser objecto de uma conversa entre as duas e a irritação enorme de Alice juncto á ideia da proxima partida de Herminia, subiu-lhe á cabeça e explodiu.

—Acredito sem duvida alguma, respondeu M.<sup>lle</sup> de Villy; é tão sensivel, a pobre criança!

M. de Lambrene e Pierre Touzeaud tinham descido um pouco ao jardim para fumarem um charuto.

—Conheceis bem M.<sup>lle</sup> de Croizy? perguntou o joven medico.

—Tinha-a perdido de vista desde a sua primeira infancia e vim encontral-a aqui, por acaso, no mez passado.

—O pae e a mãe...

—Morreram ambos, o pae já ha annos e a mãe vae em seis mezes.

—Ah! Ella é orphã, e... rica?

—Pelo contrario; é mais do que pobre, é miseravel, para uma tapariga com um nome como o d'ella.

## Un peu de jour

sur un coin de l'Afrique orientale

É o titulo d'uma pequena monographia onde o nosso collega do Figaro, de Paris, visconde de Claverie, descreve d'uma forma scintillante os ultimos acontecimentos de Lourenço Marques e a chegada do Gungunhana a Lisboa. O interessante opusculo encontra-se á venda na livraria do acreditado editor conimbricense—França Amado.

Partiu hontem para Thomar, onde vae dar dois concertos, a Tuna Academica, sob a superior regencia do dr. Simões Barbas.

Muitos applausos, muito dinheiro e muito amor, é o que lhes desejamos.

Consta-nos que breve será posto á venda um interessante volume de prosas humoristicas, psychologias extranhas das multitudes Coimbrans—*Alma elastica*—devido á penna d'um dos mais sympathicos e scintillantes bohemios da geração actual, e que modestamente se esconde sob o pseudonymo de *Democrito*.

## THEATRO PRINCEPE REAL

Está em maré de felicidades a companhia Taveira. As enchentes contam-se pelos espectaculos.

Ha muito tempo que esta companhia não vinha a Coimbra e o Lucas era perseguido constantemente por esta pergunta: quando traz cá o Taveira?

Elle andava mettido com o Del Negro e não se resolvia. Eufim satisfiz os desejos do publico, contractando a companhia. Em boa hora o fez e não se deve ter arrependido.

Se o gosto do publico é ou não apurado, não o discutiremos nós aqui. Offerecem-lhe motivo para risota, ri-se. O resto, são lérias...

O primeiro spectaculo realizou-se na quarta feira com o *Testamento da Velha*, uma série de disparates, que agradaram muitissimo, rindo a platêa a bom rir. Muito applaudido no papel de *Sete Cabeças*, o actor Gaspar. Os restantes, bem.

Na quinta feira, *As 12 Mulheres de Japhet* Operetta fresquinha, mas que agradou. O 2.<sup>o</sup> acto é esplendido, o 1.<sup>o</sup> e principalmente o 3.<sup>o</sup> são inferiores. A scena do 2.<sup>o</sup> acto, entre Arabella e os seus três maridos é de um comico irresistivel e o José Ricardo vae bem, sem palhaçadas, em toda a operetta. Convença-se José Ricardo que é muito bonito não uzar de macaquices, mesmo muito bonito. Angela Pinto e Taveira, sempre muito bem.

E tem sido educada junctamente com M.<sup>lle</sup> de Villy?

—Ao lado d'ella, effectivamente, em B. yeux, no convento.

—No convento?

—Sim, no convento das freiras de São... não sei quê, Santo Agostinho, se a memoria me não falha.

—Oh! o nome não fez nada ao caso. É que papel desempenha na vida d'ella a tal prima velha, essa tal de Fayolles de quem tanto fallaram ao almoço?

—Reduz-se a pouco, afinal de contas. Espera com impaciencia o regresso de M.<sup>lle</sup> de Croizy ao convento para lhe fechar a porta nas costas e, já se sabe, depois, *in pace!*

—Oh! *in pace* respondeu Pierre Touzeaud, é que me parece que se não poderá dizer. Ha certas pessoas para quem não foi feita uma tal paz.

—Mas, tornou o coronel, Interrogando tambem por sua vez, está-me a parecer que vos interessais demasiadamente por M.<sup>lle</sup> de Croizy?

—S u medico.

—É por isso deixais de ser homem, não é isso, joven amigo!

—Coronel, quando um medico, mesmo na minha idade, vinte e oito annos, parece tão curioso como eu, é porque vê não uma mulher mas o que se chama um bom exemplar pathologico.

—Olá senhoras doutoras de Paris, nem seis galanteadores nem discretos,

A scena dos beijos, do 1.<sup>o</sup> acto, foi visada...

Na sexta feira a *Noite e Dia*. Esta operetta faz-nos saudades do velho repertorio, em que ella occupava um logar tão distincto. É uma *charge em nuestros hermanos* Musica lindissima cantada por gargantas (?) feissimas. Faz pena. Angela Pinto é a unica que, com o seu flosinho de voz, sempre aliado, presta homenagem áquella musica.

José Ricardo esqueceu-se de que é tão bonito...

Thereza Mattos, Gaspar e Sá, bem. Hontem repetiu-se com o mesmo exito o *Testamento da Velha*.

Taveira em todos os espectaculos foi chamado á scena, recebendo muitas palmas.

A orchestra muito bem sob a regencia do distincto maestro Cyriaco de Cardoso. Elle tinha promettido que não voltava a esta cidade, mas faltou á sua promessa. Coimbra, com o seu Mondego, faz saudades.

Lembra-nos aquelles maus verros da Lapa dos Esteios:

Quem nesta gruta entrar  
Não faga juras fataes  
Aqui até os freixos amam  
Tê as pedras dão ais.

Não se pôde fazer juras, não Cyriaco? No final de todos os actos muitos applausos a Cyriaco e a todos os artistas.

Parabens ao Lucas. A priuceza Ratazzi assistiu d'um camarote ás *12 Mulheres* e á *Noite e Dia*. Hoje temos o *Solar dos Berrigas*.

Foi muito concorrido o funeral de Daniel Guedes Coelho, o estimado industrial cujo fallecimento noticiamos no ultimo numero. A irmandade da Misericordia achava-se representada por grande numero de irmãos, entre os quaes vimos alguns professores da Universidade.

O estabelecimento do fallecido passa, em virtude das suas disposições testamentarias, para o sr. Alfredo Cardoso Santiago, que durante muitos annos foi contra-mestre da officina e cujas aptidões e caracter nos garantem que ha de mantê-lo com o mesmo credito de que sempre gosou.

Falleceu hontem o sr. José Monteiro de Figueiredo, empregado no Museu. O fallecido tinha tomado parte nas campanhas liberaes.

Á sua familia os nossos pezames.

São concorrentes ás egrejas parochias na diocese de Coimbra, cujo concurso terminou no dia 12 do corrente:

Santo Antonio da Oliveirinha, no concelho de Aveiro: Antonio Correia Pires.

ao que vejo! Então, para vós, M.<sup>lle</sup> de Croizy não passa de «um caso», hein?!

—Para mim, decerto, coronel, quanto não pretenda negar-lhe nenhum, nem o mais pequeno, dos seus seductores attractivos.

—Diabo! e eu que julgava que os vossos «casos» não eram coisas seductoras por ahí além...

—Eh! replicou Touzeaud, fazendo cair com o dedo minimo a cinza do charuto, é vulgar nas três quartas partes das mulheres.

—Muito obrigado, estaes-me consolando de nunca ter cahido na pateite de me casar, disse M. de Lambrene rindo-se; mas, para indiscricao, indiscricao e meia: qual é, aqui entre nós, o caso de M.<sup>lle</sup> de Croizy?

—Um verdadeiro romancista sem ser Balzac, o mais poderoso dos physiologistas, desenvolver-vos-hia o caso tão bem como eu M.<sup>lle</sup> de Croizy nasceu intelligente e orgulhoso—tem-n'o impresso na fronte—e viu sumirem-se successivamente, uns após outros, todos os miminhos da infancia, e com elles todo um futuro de esplendores que ella phantasiára ingenuamente.

Uma série ininterrupta de assaltos ao orgulho que se conservou de pé, porque nella havia o amparo e a resistencia devidos á intelligencia, que todavia mais vivamente lhe fazia sentir as successivas humilhações da fortuna, e

parochio collado na egreja do Salvador do Trofa; Alvaro Henriques, encomendado na egreja da Oliveirinha do Vouga; João Antonio Nunes Call-do, parochio collado da egreja da Castanheira.

S. Pedro de Louroza, no concelho de Oliveira do Hospital; Antonio Freire dos Santos Abranches, parochio aposentado na egreja de Rio de Vide.

Santo André da Cordinhã, no concelho de Cantanhede; Agostinho Simões de Seabra, coadjutor de S. Mamede de Quiaios; e Joaquim Diniz, parochio collado na egreja de S. Sebastião de Alfarellos.

Nossa Senhora da Graça da Torre do Valle de Todos, no concelho de Ancião; Alfredo Pereira Lavos, de Coimbra.

S. Sebastião da Lagarteira, no concelho de Ancião; Antonio Simões de Faria, de Coimbra.

Não tiveram concorrentes as egrejas de S. Thomé Apostolo de Penalva de Alva, no concelho de Oliveira do Hospital, diocese de Coimbra.

## DR. JOSE FALCÃO

A COMMUNA DE PARIS

O GOVERNO DE VERSAILLES

Preço, 200 réis

Pedido dos ultimos exemplares a esta Redacção.

Pelo correio accresce o porte.

## Escolas e principios de criminologia moderna

PELO

DR. AFFONSO COSTA

1 vol. em 8.<sup>o</sup> de 341 paginas

PREÇO—500 RÉIS

## Agradecimento

Francisco Alves da Silva agradece a todas as pessoas que se interessaram pela saude de Maria Emilia Ferreira, e que depois do seu fallecimento se dignaram acompanhal-a de casa á Sé Cathedral, e d'esta á sua ultima morada; não podendo deixar de especular o concelhado industrial d'esta cidade sr. Anibal Rodrigues Ramalheite, que humanitariamente se prestou a fazer todas as despesas do seu funeral.

A todos protesta a sua eterna gratidão.

Coimbra, 18 de março de 1896.

em que meio se encontrou? No convento, onde nada mais é permitido—eu bem o sei, porque muitas irmãs foram tambem educadas pelas religiosas—do que offerecer os seus males a Deus; onde tudo é dissimulação, hypocrisia, tristezas abafadas; onde os luxurmes, que as «ocurs» não comprehendem, são reprimidos severamente por uma demoiselle de Fayolles, e se resolvem numa surda e concentrada revolta. As ambições comprimidas tornam-se mais ardentes, invadem o cerebro que avassalam.

Todo o organismo é affectado, todo o ser abatido no seu intimo, sobre tudo quando se tem só dezoito annos. Ah! se o sangue fosse o mais forte—desculpa-me, agora é o medico que falta e mais ninguém—haveria menos perigo. Mas as nossas Normandas, com as rosas vivas das suas faces que se coram geralmente com o pouco sangue que ellas têm, não são, diga-se o que se quizer, d'esse temperamento; não é o regimen do pensionado—essa morte lenta das raparigas—que lh'o pôde fortificar. Anemia, chlorose e o mais, eis o que as familias mais felizes e mais ricas, como a de M. de Villy, por exemplo, colhem para suas filhas...

—Muito bem, meu amigo, Interrothpeu o coronel; não me tango por ver o medico ceder novamente a palavra ao romancista physiologista.

## Polhetim da RESISTENCIA

## UMA VICTIMA DO CONVENTO

KXI

—Tendes razão, minha querida demoiselle, exclamou o excellente M. de Villy, deve ser isso mesmo. Essa velha de Fayolles é decididamente uma ave de mau agouro!

Que te parece, Roland?

M. de Lambrene estava embasbacado pelo tom de naturalidade com que Herminia tinha apresentado uma explicação que ella bem sabia ser falsissima. Abanou a cabeça como que para dar o seu assentimento e olhou ao mesmo tempo obliquamente para M. d'Argouges, querendo significar-lhe:

—Vede se ella é ou não mais forte do que vós!

M. de Villy levantara-se da meza.

—Vamos vêr, disse elle, como vae a nossa pobre criança.

O banho tinha produzido o seu effecto. Os nervos tinham começado a distender-se e dos labios escapavam-lhe por momentos palavras sem nexo que aterravam a pobre M.<sup>lle</sup> de Villy.

—Ah! doutor está com o delirio das febres violentas!

—Não, madame; ha um pouco de

## LIVROS DE MISSA

## SEMANA SANTA

17 **A** Casa Havaneza acaba de receber uma nova collecção de livros de missa e Semana Santa, ricamente encadernados e de gosto aprimorado. Verdadeiras novidades.

## COMPANHIA AUXILIAR

16 **E**sta companhia muda o seu escriptorio do Arco do Bispo, n.º 2, para o largo de S. João, n.º 6, onde continúa com as mesmas operações, e em casa muito mais apropriada para o seu mister.

Em razão de construir uma nova armação, vende por preço muito em conta a que tem na referida casa do Arco do Bispo, e também subloca a dita casa até à terminação do arrendamento que é pelo S. Miguel do corrente anno.

A armação serve para mercearia, fazendas brancas, ou quinquilherias.

Coimbra, 11 de março de 1896.

O caixaero da companhia,  
João Favas.

18 **B**ASILIO AUGUSTO X. D'AN-  
DRADE, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestris*, a 6\$000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 3\$000 réis o milheiro.

Rua das Figueirinhas, 45.—  
Coimbra.

### Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Herouano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

## COIMBRA

14 **C**onsultas todos os dias das  
nove da manhã ás qua-  
tro da tarde.

## Casa mobilada no Campo

13 **A**rrenda-se uma na estrada  
de Cozelhas, proximo á  
estação velha; tem sala e casa  
de mesa estucada, jardim e  
quinta para passear.

Tracta-se com Antonio Aro-  
sa, rua da Moeda.

## Cavallos, muares, etc.

12 **A**s sobrecannas, espavardes,  
óvas, esquenencias, man-  
queiras, fraqueza de pernas,  
etc., curam-se com o LINI-  
MENTO VESICANTE COSTA; é pre-  
ferivel á utoria forte em todos  
os casos. Frasco, 900 réis. Á  
venda nas principaes terras.

Depositos—Lisboa: Quintans,  
rua da Prata, 194; pharmacia  
Ferreira, rua da Junqueira, 332.  
Porto: drogaria Moura, largo de  
S. Domingos, 99.—Deposito ge-  
ral: pharmacia Costa, Sobral de  
Mont'Agráo, d'onde se remette  
pelo correio, por 1\$000 réis.

**Deposito em Coimbra**  
—Rodrigues da Silva & C.ª—  
Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

11 **A**LUGA-SE uma casa que  
tem optimas e numero-  
sas accomodações, para habita-  
ção, escriptorio, etc., com en-  
tradas pela rua Fernandes Tho-  
maz e J. A. d'Aguiar, n.º 13.  
Nella se prestam os demais  
esclarecimentos.

10 **C**hegou nos ultimos dias, e  
está-se sempre recebe-  
ndo, grande remessa dos melho-  
res queijos do concelho de  
Oliveira do Hospital que se  
vende por preço relativamente  
barato.

Papelaria Central

## CASA LEÃO D'OURO

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras,  
com atelier de fato por medida para homem  
e creança, dirigido por habéis contra-mes-  
tres

9 **A** este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um  
**extraordinario e variadissimo** sortimento de  
fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE,  
para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima collecção de cortes de calça, de casi-  
miras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em  
2\$500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar  
o fato feito em 7\$500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscovs para *dragues*  
e *vestons*, feitos por medida, a principiar em 7\$000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar  
em 8\$000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para *ulsters* ou  
casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em réis  
8\$500.

Dita para *makferlanes*, *double-capes* ou capas talmas, feitas  
por medida, a principiar em 7\$000 réis.

Esplendidos cortes para calças e fatos completos, de casimi-  
ras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto  
neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha  
de mais *chic* para *smokings*, sobrecasacas e casacas.

**Contra o reumatismo e rigoroso frio.**—Excel-  
lentes *montagnacs* nacionaes e estrangeiros, de 1\$800 a 8\$000  
réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de mel-  
hor para *jaquettes* e *sobretudos* de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de  
novidade para capas e casacos de seuhora, bem assim para  
fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700  
réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e  
de seda nacional, com armação elastica e automatic, de 450  
a 4\$500 réis.

## PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o  
abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu  
valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos  
modelos para passeio e corrida com o abatimento de 35\$000  
a 45\$000!!

Uma machina industrial oscilante de *Singer*—para alfaiate—  
quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

**NOTA**—*Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de  
todas as confeções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes  
são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto  
do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.*

## ESTABELECIMENTO

DE

## FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

3.ª, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

## COIMBRA

**Cal Hydraulica:** Grande deposito da Companhia Cabo Mon-  
dego.—Aviso aos proprietarios e mestres  
d'obras.

**Electricidade e optica:** Agencia da casa Ramos & Silva de  
Lisboa, constructores de para-raios,  
campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais  
apparelhos concernentes.

**Tintas para pinturas:** Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gess,  
vernizes, e muitas outras tintas e  
artigos para pintores.

**Cimentos:** Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades  
que se empregam em construcções hydraulicas.

**Diversos:** Bandejas, oleados, papel para forrar casas, mo-  
lhos e torradores para café, machiças para moer  
carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame,  
zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas  
as qualidades.

**Ferragens para construcções:** Grande sortido que vende  
por preços eguaes aos de  
Lisboa e Porto.

**Pregagens:** De ferro e arame primeira qualidade com grandes  
descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de  
obras.

**Cutilaria:** Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores au-  
tores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

**Faqueiros:** Crystalle, metal branco, cabo d'ebano e marfim,  
completo sortido em faqueiros e outros artigos  
de Guimarães.

**Louças inglezas, de ferro:** Esmaltada e estanhada, ferro  
mesa, lavatorio e cozinha.

**Armas de fogo:** Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, ré-  
volvers, espingardas para caça, os melhores  
systemas.

## A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

## F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

8 **C**ASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos  
Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

## MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

## 3 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARAN-  
TIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordina-  
rios consomem no mesmo  
tempo 12 a 20 réis.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

## COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

## JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

## COIMBRA

7 **A**rmazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por  
junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus —Faz-se  
desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, funebres e de gala.  
Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras.  
Eças douradas para adultos e crianças.

Contínua a encarregar-se de funeraes completos, armações  
funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

## AGUAS MEDICINAES

DA

## FONTE NOVA

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

## Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarhono clorretadas sodicas lithi-  
nicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbo-  
nicas, são frias e hyposulfinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição  
em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apre-  
sentem desemnadas no tegumento externo como nas mucosas e  
assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico,  
*rhimithes*, *pharyngites*, *bronchites*, *catarrhos gastro intestinaes*.  
Bem assim são de importancia grande tanto na *lithiase hepatica*  
como renal na *albuminuria*, *diabetes*, etc., podem igualmente  
ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta  
a dose grande de chlorreto de sodio muito superior ás VIDAGO e  
PEDRAS SALGADAS.

Á venda em todas as pharmacias e droga-  
rias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett,  
56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo  
Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-  
o-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião,  
124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195;  
Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Car-  
doso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira,  
Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SIL-  
VA & C.ª

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de  
Oliveira (pharmacia).

## Loja da China

Ferreira Borges

6 **A**mendãos de Moncorvo e  
grande sortido em amen-  
doas fina de primeira qualidade.  
Cartonagens: gostos variados  
e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de  
Lisboa, bolacha Gunguhana e  
Mousinho e outras marcas.

Pura manteiga, de Vianna do  
Castello, a 1\$000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café  
de Cabo Verde, S. Thomé e  
Angola, chá verde e preto de  
2\$200 a 3\$600 réis o kilo, chá  
medicinal de Humbergo, arti-  
gos de mercearia.

Compra e venda de sellos para  
collecções.

5 **V**inho sem competência em  
preço e qualidade:

Vinho da Beira, de 1894 a 90  
réis o litro.

Tambem ha vinho bom a 70  
réis o litro.

Verde engarrafado, garrafa  
100 réis

Quem comprar de 20 litros  
para cima tem o abatimento de  
10 por cento.

Taberna à Sé Velha, junto ao  
arco da rua da Ilha.

4 **V**ende-se a quinta do  
«Correio-Mór» à Copei-  
ra, perto do rio Mondego.

Compõe-se de terra de se-  
meadura, olival, matta, arvores  
de fructo e casas.

Para contractar, Rocha Fer-  
reira, Sophia.

## Fernão Pinto da Conceição

## CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

## COIMBRA

3 **G**rande sortimento de ca-  
belleiras para anjo e  
theatro, etc.

## Prevenção

2 **N**a padaria ao Arco d'Al-  
medina, vende-se e  
manda-se á casa dos freguezes,  
o seu pão fino da melhor quali-  
dade, geralmente a 25 réis ca-  
da 2 pães.

## COMPANHIA DE SEGUROS

## FIDELIDADE

Capital reis... 1.344.000.000

Fundo de reserva... 211.000.000

## SEDE EM LISBOA

1 **E**sta companhia a mais po-  
rosa de Portugal, por  
intervenção do seu correspon-  
dente em Coimbra, toma segu-  
ros contra fogo ou raio, sobre  
predios, mobílias e estabeleci-  
mentos.

Correspondente Basilio Au-  
gusto Xavier d'Aandrado, rua  
Martins de Carvalho, n.º 45.

## "RESISTENCIA,"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS  
E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração  
ARCO D'ALMEDINA, 6

## EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura  
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700

Semestre..... 1\$350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400

Semestre..... 1\$200

Trimestre..... 600

## ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repeti-  
ções, 20 réis.—Para os srs. as-  
signantes, desconto de 50 %.

## LIVROS

Annunciam-se gratuitamente  
todos aquelles com cuja remessa  
este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

# RESISTENCIA

N.º 115

COIMBRA — Quinta feira, 26 de março de 1896

2.º ANNO

## EM GUARDA

Ao cabo de tanta torpessa que a vida politica da nossa nacionalidade para ahi vem suppurando todos os dias, em cada hora, a todos os instantes, um facto resalta, evidente e authentico, a impôr-se esmagadoramente ao espirito de todos.

Num cynismo petulante, com fóros d'audacia e sem a mais insignificante manifestação de dignidade, calca-se aos pés a lei, algema-se a liberdade dos governados, proclama-se o supremo arbitrio dos governantes, põem-se em leilão as consciencias, prostitue-se a justiça, vende-se a Patria retalhando-a aos pedaços em combinações obscuras de compadrio, amarfanha-se a voz dos que se não curvam, dos que ainda ousam levantar um protesto.

E, por aqui além, tudo num cortejo revoltante d'abjecções, de vilanias que deprimem, sem um esforço grande de redempção, sem um soberano solavanco que nos arranque a esse charco immundo d'ignominias em que nos afundamos.

Sobre o cadaver d'uma patria a contorcer-se ainda em esforços desesperados para desviar d'um abysmo medonho um povo que tem uma historia, que é toda ella uma epopeia, tripudiam miseravelmente os governantes no unico intuito de salvarem uma monarchia corrompida e gasta, odiada por todos e que só encontra servidores nos que a ella têm ligados interesses inconfessaveis, para ahi denunciados, á indignação de todos, no chalet do Luso, nas lamas do Tejo, na outra metade, nos 210 contos do Lopo Vaz e em tantas outras enormes roubalheiras, falcatruas e patifarias.

Sim, na defésa d'esses interesses e no terror que lhes produz a idéa d'uma penitenciaria, que evidentemente se não fez para os honestos, nem tambem só para os que roubam um pedaço de pão, é que a monarchia tem a garantia dos seus serventuarios e o povo a razão dos seus tyrannos.

O facto é este:—perante a ameaça da derrocada d'um povo apenas um pensamento domina os dirigentes, um esforço unico absorve as suas energias—o de especarem um throno que na sua queda imminente os arrastará a elles tambem, esmagando-os.

Por isso o que importa é salvar, é manter a realésa.

Engrandecer o poder real, eis tudo.

De resto... cada um que se arranjanje.

×  
Não é, tudo o que acima deixámos, o producto d'uma phantasia doentia. Não.

Os factos de todos os dias estão ahi a corroborar-lo.

Senão, bastam estes.

Ao parlamento, apesar de todas as traficancias eleiçoeriras dos galopins assalariados pelo ministerio do reino, ainda ia alguém que, em nome dos cidadãos independentes e aos impulsos d'uma consciencia que se não vendia, sabia protestar energicamente contra os abusos e crimes do poder e contra os arranjos e tramoiás que se combinavam portas a dentro dos ministerios.

Era isso um obstaculo á acção corruptora dos ministros? era um estorvo á realisação dos seus interesses, dos seus planos? Eram essas vozes independentes o signal d'alerta dado ao povo contra as emboscadas do poder?

Pois bem. Reforme-se a lei eleitoral de fóma a inutilisar os votos d'esses cidadãos independentes e a não deixar ir ás camaras todos aquellos que se não submettam ou que se não vendam.

E a reforma não se fez esperar. Os resultados tambem ahi estão bem patentes.

Essa pseudo-camara dos deputados que já agora passará á historia com o nome pittoresco de *Solar dos Barrigas*, sem ter commettido o escandalo de conceber uma ideia, se é a vergonha d'um país livre, é, tambem, um rebanho servil prompto ás ordens do João Franco.

Isso basta, porque é tudo o que se queria.

Na independencia da magistratura judicial poderiam os governos da monarchia encontrar uma barreira invencivel ao seu arbitrio, não reconhecendo ella e não sancionando as suas tropelias feitas á lei?

Mas essa independencia não existe porque a escravisaram ás conveniencias da politica. Um juiz que, querendo obedecer á lei, não reconheça a dictadura, desobedecendo-lhe, ou recebe na volta do correio uma transferencia, ou fica marcado para a primeira pretensão justa que liver.

A força, representada no exercito, que é a ultima garantia da observancia da lei e por isso dos direitos do povo, procuram fazer d'ella uma barricada em defésa do throno contra o povo.

Officiaes superiores com larga escala de serviços, válidos ainda para continuarem a dar o esforço do seu braço pela Patria, são infamemente e a capricho postos fóra de fileira, recorrendo-se para isso a todos os meios.

Para que nos postos mais elevados se consigam vagas que sejam occupadas pelo estado-maior do rei, não se hesita em prejudicar os que, por virtude d'uma lei, eram os primeiros na escala, sacrificando-os, ora a reformas arbitrarías, ora a limites d'edade absurdos, ora, finalmente, a commissões de serviço desnecessarias, por inuteis, com a aggravante mais de só sobre-carregaram o contribuinte com cada vez maiores despésas.

E tudo o mais assim, neste correr de coisas.

Ao engrandecimento do poder real, sacrifica-se tudo, vilipendiando, calcando o poder do povo.

×  
Em momentos de tristes locubrações eu penso se isto já não tem remedio e se este infeliz povo português, que tão heroicamente vem de afirmar a sua vitalidade ainda em Africa, estará destinado a desaparecer na historia.

Comtudo, nesses momentos, alenta-me ainda um raio de esperança no futuro por uma liquidação, terrível embora, mas em que justiça ha de ser feita.

Apenas justiça... descancem.

O governo e o rei recebem telegrammas trocados entre particulares e em cifra. Procuram-lhes a chave, lêem nos e vangloriam-se da estranha habilidade.

É o sr. Fuschini quem o diz.

### Sebastião de Carvalho Lima

Falleceu em Aveiro este prestante cidadão, pae do nosso prezado collega do *Seculo* o sr. dr. Magalhães Lima e sogro do distincto professor da Faculdade de Philosophia o sr. dr. Julio Henriques, aos quaes damos os mais sentidos pezames.

Os portadores ingleses da divida externa reuniram-se em Londres para assentarem na attitude que deviam tomar ácerca da conversão da divida.

Não tomaram resolução alguma sobre tal assumpto, visto ser facultativa a conversão.

### A monarchia julgada pelo sr. Fuschini

Numa carta que o sr. Fuschini escreveu em setembro de 1892 ao sr. João Franco, e que acha-se publicada a pag. 100 do seu livro, é assim apreciada a politica monarchica:

«Não póde haver a menor duvida; a monarchia, entre nós, tende a transformar-se em governo de *coterie*, em que os homens de valor e honestidade vão rareando e são substituidos pelos peiores elementos, por toda a parte infiltrando a mais nojenta immoralidade. A decadencia do parlamento não tem melhor origem.

A coróa tem graves responsabilidades neste apodrecimento. No meio d'este cahos, com alguma

energia e bom senso, ladeada por bons elementos, podia apoderar-se da situação, regenerar o país e salvar-se com elle. Não o quer fazer, e mais confia na propria salvação pelo apoio de homens perdidos no conceito publico, e de jornaes habéis em *chantage*. Dirá o meu bom amigo que isto—que indiscutivelmente se vê e anda no espirito de muita gente—provém de causas independentes da vontade do rei. Talvez, os factos futuros o demonstrarão; todavia, a maxima probabilidade é que o meu amigo labore em erro.»

Quem assim apreciava o rei e os que o rodeiam, aceita uma pasta, fazendo parte do ministerio mais immoral e corrupto que entre nós tem havido, do ministerio que mais trabalhou pelo engrandecimento do poder real para que mais explorado podésse ser o povo.

Seria inacreditavel, se a persistencia da monarchia em Portugal não fosse de ha muito um absurdo.

### Tenente Coelho

Terminaram hontem os cinco annos de degredo a que, nos celebres tribunaes de Leixões, foi condemnado, em virtude da revolução de 31 de janeiro, o nosso correligionario tenente Coelho.

Saudando-o, fazemo-lo com a esperança que um dia virá em que os julgadores d'hontem serão os julgados d'então.

E far-se-ha justiça inexoravel, sem vinganças, mas tambem sem clemencias.

### O Fuschini e a academia

A paginas 78 do seu livro, o sr. Fuschini, referindo-se á academia do seu tempo, diz:

«A miseravel politica não havia, tambem, penetrado nos espiritos academicos, collocando-lhes nos cerebros as idéas, e nos corações as qualidades sinceras e desinteressadas da mocidade alegre e descurada. Nesse tempo, penso eu, mais facil seria encontrar entre os estudantes de Coimbra, quem melhor conhecesse os feitos do grande Sesostris e as doutrinas philosophicas do mago Zoroastro, do que as biographias dos nossos grandes politicos, cujas idéas magicas não conseguiam atravessar a glacial indifferença academica. Depois... *altri tempi, altri pensieri*!»

Tem alguma razão o sr. Fuschini. Não foram, porém, os estudantes republicanos que tornaram miseravel a politica da academia. Em todos os tempos os estudantes da Universidade se têm mostrado partidarios da mais sã e pura democracia, defendendo todos os grandes principios da liberdade e vertendo por ella algumas vezes o seu sangue.

Hoje, outros tempos. Ha ainda algumas duzias de rapazes que se não têm deixado contaminar pela corrupção largamente espalhada pelos governos do rei. Esses são alucinados de doidos!

Doidos, porque têm vergonha! Os outros, os ajuizados, principiam aqui a fazer tirocinio para galopins do João Franco. A porta ferrea é a antecamara dos ministros. Alguns apresentam o memorial, acompanhado dos recibos das mensalidades que pagaram ao club, creado para fazer propaganda das instituições monarchicas!

O exemplo é fornecido pelo proprio sr. Fuschini que, para ser ministro, nem sempre foi coerente.

Eles, para que o João Franco lhes dê uma codea, fazem o mesmo... E é doido quem tiver vergonha.

## O QUE É O SR. JOÃO FRANCO

Do livro do sr. Fuschini, a que já nos referimos no numero ultimo, transcrevemos os periodos mais interessantes relativos á biographia do sr. João Franco, o nevrotico dictador. O juizo que d'este desequilibrado fóma um seu ex-collega, que é incomparavelmente superior a elle intellectual e moralmente, não póde deixar de considerar-se muito lisonjeiro não só para o biographado mas tambem para a monarchia, que o considera o seu primeiro homem.

«O acaso fizera com que eu, ainda estudante, me encontrasse em Coimbra com o sr. João Franco. Seria ahi por 1869, cursava o terceiro anno de Philosophia, quando tive por *caloivo* e companheiro de casa o actual e famoso dictador.

E, francamente, confesso a minha falta, não o presentii. Viera de sertaneja terra da Beira Baixa, protegido por um antigo companheiro meu. Devia ter 14 ou 15 annos o pequeno que, durante meses, vi crescer, sem me impressionar alguma das suas qualidades.

De estatura baixa, levemente curvado, estreita a fronte e alongado no alto o craneo, com tendencias para a microcephalia, olhos pequenos e negros, de expressão dura e penetrante, malares desinvolvidos e proeminentes, nariz fino e allado, beiços delgados em bocca pequena e saliente, taes eram as qualidades physicas do recém-vindo, que, em boa verdade, não o tornavam mul crédor de sympathias.

Algumas vezes, ao vê-lo, formulei no meu espirito esta opinião, embora a justiça me segredasse que a pobre creança d'estes caracteres não era culpada. Os traços physionomicos, em que o celebre Gall, o precursor da escola psycho-physiologica de Lombroso, poderia talvez encontrar adversas revelações, pertenciam, com rigor sensível, aos de raça judaica, tão profusamente espalhada naquella região do país.

Moralmente, a creança pareceu-me altiva e travessa. Mais de uma vez a minha auctoridade de veterano teve de intervir, para abrandar accessos de desmedido orgulho. Sem responsabilidade na direcção academica do futuro bacharel em Direito, não formei opinião segura ácerca do seu valor intellectual.

.....  
Afinal, tudo isto veiu, apenas, para constar que o dr. José Falcão, já lente de Mathematica, frequentava a minha casa e brincava, cheio de bondade, com o sr. João Franco, que estremezia horrorizado, principalmente em occasiões de trovoadas, se se aproximava, ou lhe falavam, dos volumes de Proudhon, o melhor capital da minha bibliotheca de estudante. Era, tambem, beato o rapaz!

Perdi-o de vista depois. A tradição, trouxe-me, porém, noticias de que o genio irascivel e altivo do sr. Franco, se manifestara em esturdias nocturnas, nas ruas de Coimbra, onde a móca e o cacete trabalhavam, impunemente, nas costas dos indefesos, porque as proprias costas teve sempre cuidado de as fazer guardar.

.....  
Nos primeiros, que lhe ouvi, defendia com violencia os actos do partido regenerador, e num d'elles, ácerca das despésas enormes de que Fontes foi com razão accusado, o orador teve esta formidavel e não mui feliz hyperbole: *É necessario, sr. presidente, regar o país com libras*.

Conclui, em breve, que deante de mim estava um novo caso de pathologia social, aliás vulgar, de joven bacharel, que, lisonjeando o chefe e pres-

## RELATORIO

DE

## MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

(CONTINUAÇÃO)

A povoação de Chaimite, onde foi enterrado Manicusse, tinha umas 25 a 30 palhotas cercadas por uma paliçada de 1<sup>m</sup>,5 de altura, tendo entrelaçados nas estacas muitos arbustos espinhosos.

Era uma especie de cidade santa das vátuas, e deviam ter-se alli passado scenas de grande carnificina, tanto antigas como muito recentes, porque ao aproximarmos da povoação encontramos algumas caveiras humanas já brancas, ao mesmo tempo que se sentia um cheiro muito intenso a carne pôdre, e os pretos disseram depois que no matto estavam varios cadaveres. Dava ingresso na povoação uma unica entrada de não mais de 40 centímetros de largura.

Corri para ali á frente dos brancos ao passo que o circulo dos pretos se ia apertando a pouco e pouco. Entrei na frente seguido pelo tenente graduado Couto, dr. Amaral, tenente Miranda e o interprete. Julguei logo que entrei que o regulo se defenderia, porque vi encostados á paliçada do lado interior alguns pretos com espingardas, parecendo preparar-se para fazer fogo. Como trazia a espada na mão corri logo sobre elles, e ou fosse porque já tivessem de todo perdida a força moral, ou por verem logo atraz de nós a testa da columna que derrubara as estacas lateraes da estacada, é certo que nenhum fez fogo, deitando todos a fugir e sumindo-se nas palhotas. Este acto de cobardia dos pretos foi providencial, pois fuzilando-me a 10 metros de distancia (que maior não era a que me separava d'elles), teriam provavelmente morto todos os officiaes, os auxiliares teriam provavelmente sido trucidados pelos 250 ou 300 pretos que depois vi que estavam dentro da povoação.

Vendo, logo que os pretos fugiram, sahir de uma palhota proxima um homem de corôa, perguntei-lhe pelo Gungunhana, e elle apontou-me para a mesma palhota de onde sahira. Chamei-o muito de alto no meio de um silencio absoluto, preparando-me para lançar fogo á palhota, caso elle se demorasse, quando vi sahir de lá o regulo vátua, que os tenentes Miranda e Couto reconheceram logo, por o terem visto mais de uma vez em Manjacase.

Não se pôde fazer idéa da arrogancia com que elle se apresentou e do tom desdenhoso com que respondeu ás primeiras perguntas que lhe fiz.

Mandei-lhe prender as mãos atraz das costas por um dos soldados pretos e disse-lhe que se sentasse. Perguntou-me onde, e como eu lhe apontasse para o chão, respondeu-me muito altivo que estava sujo. Obriguei-o então á força a sentar-se no chão (coisa que elle nunca fazia), dizendo-lhe que elle já não era regulo dos manguni mas um matonga como qualquer outro. Quando o viram sentar, a guerra preta que a esse tempo já se tinha vindo encostar ao lado exterior da paliçada, além dos que tinham trepado ás arvores e ao tecto de algumas palhotas isoladas que haviam no exterior mesmo proximo á paliçada, levantaram grande alarido, batendo com as zagaiaes nas rodellas em signal de applauso e espanto.

Perguntei ao regulo por Quêto, Mauhune, Molungo e Manguana. Mostrou-me o Quêto e o Mauhune, que estavam ao pé d'elle, e disse que os outros dois não estavam.

Exprobrei a Mauhune (que era o alma damnada do Gungunhana) o ter sido sempre inimigo dos portuguezes, ao que elle só respondeu que sabia que devia morrer.

Mandei-o então amarrar a uma estaca da paliçada e foi fuzilado por 3 brancos. Não é possível morrer com mais sangue frio, altivez e verdadeira heroicidade; apenas disse sorrindo que era melhor desamarrar-lo para poder cahir quando lhe dessem os tiros.

Depois foi Quêto. Elle fôra o unico irmão de Muzilla que quizera a guerra contra nós, e unico que fôra ao combate de Coollela. Não tinha vindo pegar pé como tinham feito Inguina e Guio, seus irmãos.

Dizendo-lhe eu isto respondeu que não podia abandonar o Gungunhana, a

quem tinha criado como se fôra pae, retorquindo-lhe eu, que a quem desobedece e fazia guerra ao rei de Portugal deviam pae, mãe e irmãos abandoná-lo.

Mandei-o amarrar tambem e fuzilar. Estas duas execuções produziram na guerra preta um enthusiasmo indisciplinavel, que manifestaram com ruidosos e repetidos bayetes, o que mostra bem que elles confundem a força e coragem com a crueldade, e que é absolutamente necessario d'estes exemplos para os dominar e fazermo-nos respeitar.

Veiu então a mãe do regulo Impincazamo, arrastando-se de joelhos, pedir-me que não matasse o filho, nem o Godide, que ambos ella creára. Esta mulher mostrara-se sempre amiga dos portuguezes e muito opposta á guerra.

Disse-lhe que ácerca do regulo só o rei poderia resolver, mas que o Godide seria poupado e acompanharia o pae por elle ter pedido, e quanto a ella, por ter sido sempre amiga dos portuguezes, podia voltar para a sua povoação, que eu a ninguém consentiria lhe fizessem mal.

O regulo perdera toda a arrogancia depois da morte de Quêto. Disse que dava tudo que tinha, entregou 1:000 libras e oito diamantes.

Mandou recado ao filho Ipsuta para trazer todo o gado que levára mais para longe, e mandou igualmente procurar mais marfim a Manjacase, onde ficara enterrado, dizendo que assim esperava que o rei lhe perdoasse a morte. O portador d'esta ordem foi o Zaba, que eu mandára soltar.

Mandei então passar busca ás palhotas, onde se encontraram as armas constantes da relação junta. Supponho que muitas deviam ter ainda por lá ficado, mas a muita chuva que voltára a cahir e a grande distancia a que me achava do Limpopo impediram-me maior demora.

Marchei depois, levando commigo presos o regulo, Pissane e Molungo, irmãos de Muzilla, que estavam tambem com elle, Godide, filho do regulo, (Incossikasi), que o regulo escolheu para o acompanharem, e muitos un'anes (rapazes) que carregaram o marfim.

A marcha de regresso foi tambem muito rapida, pois sahindo ás 10 horas (a. m.) de Chaimite, ás 4 horas chegavamos á povoação de Vuiana, onde acantei a força branca e os presos, bivacando a gente de guerra em volta da povoação.

Nesse dia fizeram-se 8 horas uteis de marcha muito rapida, e sempre de baixo de chuva, mas ninguém sentia a fadiga, tal era o enthusiasmo que nos officiaes e praças tinha produzido o aprisionamento do regulo vátua.

No dia seguinte, porém, a marcha que principiou ás 5 horas (a. m.), embora curta, foi pessima e demorada porque mal podiamos andar; para mais tendo chovido toda a noite, o caminho estava encharcado e constantemente passavamos ou pequenos riachos ou pantanos com agua ás vezes até acima do joelho.

Tive que dar dois descansos, nesses deu-se um facto que mostra bem quanto os manguni tinham ficado impressionados com a prisão do regulo e aterrorizados com o que tinham visto.

Querendo eu que os soldados se sentassem, mas vendo a herva muito molhada, ordenei á gente de guerra que estava mais proxima da força branca, que fossem pôr as rodellas ao pé dos soldados para elles se sentarem. Que lhes custou muito fazê-lo viu-se-lhes bem na physionomia, mas não houve um segundo de hesitação no cumprimento da ordem dada.

Cerca das 9 horas (a. m.) chegamos a Zimacoze. Embarcada a força européa e os presos, toda a gente de guerra formou ao longo da margem direita do rio.

Levantei a bordo quatro vivas a El-Rei, á familia real, á armada real e ao exercito, enthusiasmicamente correspondidos pelas praças da marinha e do exercito que estavam armados e debaixo de forma no *sparedesche*, e em seguida a gente de guerra soltou três bayetes, saudação que eu lhes tinha feito explicar se dirigia naquella occasião a El-Rei. Depois cantaram o *In-cudia*, acabando por uma torrente de insultos da mais requietada torpésa áquelle de quem havia poucos dias tremiam com medo.

Deixei expandir assim a natural vileza de sentimentos dos pretos, não

para atormentar um prisioneiro já moralmente aniquilado, mas para que os indigenas tivessem bem a consciencia de que o prestigio e auctoridade do regulo acabára de todo por uma vez. Seguiu-se uma salva de 21 tiros e a *Lapello* levantou ferro chegando a Languane ás 3 horas e 30 minutos (p. m.), depois de uma viagem magnifica sem um unico encahe.

X

Assim se levou a effeito a prisão do celebre Gungunhana e acabou o predomínio do ultimo dos três povos guerreiros e poderosos, independentes de facto, que existiam na Africa Austral: Zulus, Matabelles e Vátuas.

Muita gente por certo fará não poucas censuras á maneira como dirigi e mandei este golpe de mão; uns classifica-lo-hão, assenta a exiguidade da força branca, de loucura que só quasi por milagre teve bom exito; outros chamar-mê-hão cruel e sanguinario por ter fuzilado os dois prisioneiros. Parece-me, porém, de justiça attender ao seguinte: temeraria ou não, semelhante surpresa era indispensavel e urgente, sob pena de ficarem as forças expedicionarias, e portanto o exercito e a nação, de todo desprestigiadas perante os indigenas de Gaza e a gente do Transvaal, Orange, Natal e Cabo. Sei perfeitamente que esta operação foi levada a cabo, sem pôr em pratica muitos dos preceitos que os regulamentos militares determinam, mas nem a pouca força de que dispunha podia dar um serviço de segurança regular, nem a empresa era d'estas que demandam prudencia; era um verdadeiro jogo; ou lá ficavamos todos, ou conseguíamos agarrar o regulo; o que era preciso era andar depressa e não haver hesitações. Sacrifiquei a isso todas as considerações de prudencia.

Informa o correspondente telegraphico da capital para o nosso prezado collega a *Voz Publica*:

«Corre como certo que o infante D. Afonso partirá de Gôa, para Lisboa, logo que alli chegue e sr. Neves Ferreira, o qual sairá d'aqui para a India, ainda antes do fim do corrente mez. O infante deve estar em Lisboa, em principios de junho. E' natural que esta noticia venha a ser desmentida... mas o tempo dirá quem tem razão.»

## Concentração republicana

Recebeu-se em Lisboa a noticia de que os diferentes grupos do partido republicano de Hespanha tinham conseguido reconciliar-se uns com os outros, a fim de entrarem em acção decisiva e prompta.

Muito folgaremos em ver confirmada esta noticia, e mais ainda quando se veja o resultado da reconciliação.

Foram autorisados a permutarem os seus logares Manuel Marcellino de Araujo, 3.º distribuidor de Coimbra, e João Manuel Pereira, 3.º distribuidor do Freixo.

Noticiam alguns jornaes que o sr. Emygdio Navarro, logo que tivera conhecimentos das referencias feitas no livro do sr. Fuschini á sua pessoa, escrevera ao sr. Hintze Ribeiro pedindo auctorisação para usar de documentos e informações officiaes que podessem interessar á questão dos credores externos, e, em sua opinião, a outras correlativas, e que o sr. Hintze Ribeiro, tendo consultado alguns dos seus collegas, respondera negativamente.

Nem podia deixar de ser essa a resposta. O sr. Navarro, quando escreveu ao sr. Hintze, já tinha a certeza d'isso; do contrario não faria o pedido.

Que a brincadeira sem duvida lhe ficava cara,

tando serviços ao partido — é a expressão consagrada para estas subversões — desejava qualquer collocação rendosa, ou elevada situação politica. E não me enganei, em breve o sr. João Franco conseguia ambas.

Assisti a todas estas extraordinarias scenas, vi em acção, mais ou menos disfarçada, os protagonistas; entre elles distinguia-se o sr. João Franco como dos melhores factores e instigadores. Os seus mais violentos discursos, envolvendo quasi offensas pessoais, viviam principalmente o sr. Marianno de Carvalho, então ministro da fazenda, não obstante afirmar-se que este ministro deixára ao sr. João Franco a liberdade de talhar á vontade, em funções e ordenado, o logar que lhe aprouve escolher na reforma aduaneira de 1887.

Foi deploravel fraqueza do governo progressista, por que ficaram sem exemplar castigo as flagrantes e profundas offensas, feitas á dignidade nacional por um bando de ambiciosos vulgares, que não trepidaram em menosprezar perante o publico a soberania nacional, representada pelo parlamento. O que valiam esses agitadores, as suas intenções, os seus fins, mostraram-o, depois bem claramente, os seus actos. Escalaram o poder, apoderaram-se dos logares mais rendosos, enriqueceram por todos os modos, directos ou indirectos, que a politica devassa lhes facultou. E, finalmente, para cumulo de cynismo, o sr. João Franco, rico, poderoso e protegido, o corypheu d'esses côros de violencia e de desprestigio parlamentar, defraudou dos seus direitos civicos aquellos que, em longa carreira politica honesta e pobre, honradamente ganharam o direito de não reconhecer seu igual, e expulsa-os da camara, constituída a seu bel-prazer, pelos antigos companheiros de desvergonhamento politico e de ameaças parlamentares.

Glozando este excerpto, diz a *Vanguarda*, nosso collega da capital:

«Se o sr. Fuschini soubesse, publicaria com certeza a nota de que o sr. João Franco é neto do celebre *Mil diabos de capinha*, que segundo a tradição heirá serviu de guia ao exercito francez ao invadir Portugal.

D'esta biographia dos actos do sr. João Franco, dos numerosos documentos publicados por elle, concluímos que o actual ministro do reino:

**Intellectualmente**, é menos do que mediocre.

**Politicamente**, é um homem capaz de praticar todas as indignidades.

**Pessoalmente**, é um fracalhão que ha de tremer como Polignac no banco dos réus e entrará como um criminoso vulgar na Penitenciaría, onde tem de expiar a dictadura.»

Tudo muito bem, excepto no que respeita á historia da familia do desequilibrado dictador, que está muito incompleta.

Informam os jornaes independentes da capital que o sr. Pedroso de Lima vai ser nomeado revedor da Relação de Lisboa. Acrescentam que o ex-commissario de policia ameaçava liquidar severamente as suas contas com a monarchia, se lhe não fosse dado um logar á mesa do orçamento, e que o sr. João Franco, sempre valente, se impusera para que lhe fosse dado esse logar a fim de que possa fallar á vontade.

A *Tarde*, órgão do sr. João Franco, o *Diario Popular*, órgão do sr. Marianno de Carvalho, e as *Novidades*, órgão do sr. Emygdio Navarro, publicam furibundos artigos contra o sr. Augusto Fuschini por causa das referencias que no seu livro faz a essas caracteristicas individualidades que, sob o ponto de vista da patifaria e da canalhice, são as que mais se salientam no esterquilino da politica monarchica.

Esses artigos não produzem, porém, a minima impressão na opinião publica, que tão profundo abalo soffreu com o livro do sr. Augusto Fuschini. Ninguém vê nelles a legitima desaffronta

d'uma dignidade offendida, nem o desejo de restabelecer a verdade dos factos que voluntaria ou involuntariamente foram deturpados. Outro é o intuito dos seus auctores.

Querem continuar a exercer a mesma influencia que até hoje têm exercido negocios publicos nos, e, para isso, fingem-se revoltados contra aquelles que vêm revelar as torpésas que praticam. É o vil interesse, a ambição mesquinha, que os move. Nada mais.

Que não pôde considerar-se offendido quem dos seus proprios correligionarios, sem um protesto, têm ouvido os significativos epithetos de bandido, ladrão e outros equivalentes.

Na camara dos dezanove discutiu-se o caso da promoção de Mousinho de Albuquerque a major. O ministro da guerra, sem vergonha alguma, disse que não houvera contradicção no seu procedimento; o sr. Marçal Pacheco, reconhecendo que esse ministro se contradissera umas poucas de vezes, declarou que votava a moção de confiança ao governo. E os parés concordaram com um e com outro, votando essa moção.

Que pandiga!

Como combatem o João Franco e o Marianno o Fuschini? Apresentando em publico os favores que d'elles recebem. Chamam-lhe ingrato.

O fim é obvio: deixar isolado o Fuschini. Que a ingratidão é um crime revoltante, sobretudo quando se trata de favores feitos á custa dos cofres publicos por ministros sem consciencia nem dignidade.

## Anniversarios

Entrou no 5.º anno da sua publicação o nosso valente collega *A Patria*, órgão dos republicanos de Braga. As nossas felicitações.

Egualmente as nossas felicitações ao *Journal d'Anadia*, pelo seu 5.º anniversario.

O emprestimo de 9:000 contos que o sr. Hintze Ribeiro propõe, diz elle que para compra de vasos de guerra, despertará vivo protesto nas praças estrangeiras, quando não seja acompanhado de providencias elucidativas sobre a situação das obrigações actualmente emitidas, quanto aos seus privilegios de garantia e de cambio.

Que o heroe de Caneças tome nota.

Num conselho de ministros presidido pelo rei que, segundo afirma o sr. Fuschini, esteve durante todo elle a fumar um eterno charuto, discutiu-se o seguinte assumpto:

Se no estado actual da politica portuguesa convinha transigir com certos elementos comprando-os, satisfazendo-os e aproveitando-lhes a força; se esmagá-los, firmar o governo em novos elementos, contrapondo á sua força novas organizações politicas.

O chefe do Estado ouviu os discursos proferidos sobre problema tão interessante como moral sem levantar o minimo protesto e, depois de haverem fallado todos os ministros, declarou que era **inexperiente, que confiava no governo e que, para cumprir a sua elevada missão, dar-lhe-hia da sua parte os meios de governar.**

O rei auctorisou assim o governo a comprar os elementos maus, mas poderosos e activos, que podessem ser prejudiciaes á monarchia. Não de concordar que é extraordinario.

## Carta de Lisboa

Lisboa, 24 de março de 1896.

Com a primavera rebentou o livro do sr. Fuschini. De má arvore, máo fructo. Comtudo serve.

O que naquelle livro ha de puro não é escripto pelo sr. Fuschini. Refiro-me ás cartas de José Falcão. Essas cartas são o documento mais puro da grandesa do seu character e do valor da sua intelligencia. São ainda mais um documento de bondade, ingenuidade quasi, que ainda o tornam mais amado.

E' na parte em que se reproduzem as cartas d'aquelle que em vida foi o mais sincero e patriota de todos os portuguezes, que Fuschini trata do partido republicano. Convém dizer que não nos aggride muito. O que elle dá a entender de mais offensivo para nós todos não irrita, desperta a gargalhada. Fuschini, porque José Falcão era bom de mais, dá-se ares de que dirigia aquelle grande homem?

Reparem vocês nesta! O Fuschini, esse vaidoso, quasi comico pela monomania de ser uma grande intelligencia, a tutelar intellectualmente José Falcão! O Fuschini, esse incoherente, a influir moralmente sobre José Falcão!

Vocês zangam-se? Eu rio. Que diabo ha de o homem dizer? E depois, agora que José Falcão já não pôde responder-lhe, para que havemos nós de discutir o que diz o Fuschini?

Outra coisa diz o Fuschini. E' que os republicanos nunca tiveram chefes de valor intellectual e moral. Ora dos mortos, Oliveira Marreca, Latino Coelho e José Falcão, foram sempre muito mais intelligentes, mais illustrados, mais dignos e mais coherentes do que o Fuschini. Dos vivos,—para que hei de ridicularisa-los em parallelos com o insignificante?—conheço bem uns oito ou dez que são incomparavelmente superiores sob todos os aspectos a esse ambicioso que no socialismo cristalisou em Proudhon e

faz discursos estopantes em cujas palavras se advinha só este pensamento divertido.—Reparem, olhem que eu sou muito intelligente, mas muito!

Em resumo, as irritações do Fuschini derivam d'isto — Elle queria que os republicanos o fizessem deputado por Lisboa, sem se declarar republicano. Porque elles entendessem que isso era serem tolos demais se o consentissem, o Fuschini zangou-se e foi então pedir ao rei que o fizesse deputado.

O homemsinho tinha o seu plano que era ameaçar com a *Liga Liberal* e com o partido republicano. Falhou este, mas ficou a *Liga*. E lá foi a intriga com o João Franco e Carlos Lobo d'Avila pedindo ao rei que o fizesse deputado!

E assim foi que o Fuschini entrou no Paço e entrou no ministerio.

O que elle por lá viu disse-o no livro, já o sabem!

Que hei de eu dizer, simples mortal, sem nada perceber d'esta patifaria.

Sem empregos, sem querer conhecer os politicos, recusando affectos, eu novo, sincero e com o grande orgulho, bem legitimo, de olhar do alto da minha independencia para essa gente, que hei de eu dizer?

Olho absorto para todas as patifarias que se descobrem. Como não sou rico, escuso de fechar o meu cofre.

Tenho, porém, um dever a cumprir em nome da minha dignidade de homem. Esse dever incumbe a todos os republicanos. Deixemo-nos pois de discussões e assentemos por uma vez nisto — é necessario proceder!

O Fuschini não falla mal dos progressistas.

Quer ir para elles.  
Deus o leve a um ministerio dos

filhos de Passos para nos vir dizer o que por lá vae.

O Fuschini tem na politica portuguezesa o papel de um reagente. Descobre os venenos.

João da Nova.

Alexandre Braga e Fausto Guedes estão escrevendo uma operetta com o titulo *Noite de S. João*.

A musica é de Cyriaco de Cardoso.

## Providencias

Está intransitavel e perigosa a rua de Sã da Bandeira, junto ao mercado. De dia pôde passar-se por dentro do mercado, mas á tarde fecha-se a porta para evitar o roubo das sardinhas, dizem-nos.

Nós temos em muita conta os interesses dos negociantes d'aquelle peixe, mas não podemos tambem deixar de attender aos interesses dos transeuntes que precisam de fazer prodigios de equilibrio para não partirem alguma perna.

Não será mau que a porta esteja sempre aberta, collocando alli um policia de guarda ás sardinhas.

Neste sentido pedimos providencias a quem compete.

O sr. Alfredo Cardoso Santhiago, artista habil e honesto, participa-nos em circular que por disposição testamentaria ficou com o estabelecimento do fallecido Daniel Guedes Coelho.

## Tripulação em revolta

Telegrapham de Plymouth que a bordo do navio *Maria II* succedeu uma horrivel tragedia durante uma viagem de Singapore ás ilhas Carolinas.

A tripulação composta principalmente de chinezes, revoltou-se, apoderou-se do capitão e, depois de o decapitar, lançou o corpo d'elle ao mar. Um marinheiro allemão e um negro que tentaram socorrer o pobre capitão soffreram a mesma sorte.

Os revoltosos fecharam depois a mulher do capitão e o creado d'este no camarote e, quando deliberavam acerca da sorte dos presos, rebentou entre elles desordem, que não tardou a degenerar em rixa sangrenta, morrendo nella três chinezes. Felizmente para os presos, o capitão d'um cruzador hespanhol, querendo verificar a especie de carga do *D. Maria II*, perseguio-o attingindo-o rapidamente. Não tardou a descobrir a verdade, prendendo os criminosos, que foram desembarcados em Manila e entregues ás auctoridades.

os detalhes do tal passeio no parque que vós me contastes, por signal com uma historia muito bem alinhavada para um medico ingenuo de Bernay, mas para mim...

—É forte de mais! resmungou M. de Lambrune.

—Foi bastante forte, acredito, respondeu Pierre Touzeaud sem se desconcertar. Foi até por isso que ardeza do abalo produziu taes effeitos... Mas o remedio é tão velho como o mundo, porque está na natureza dos seres e depende apenas de M. d'Argouges. Uma grande dôr só se cura com uma grande alegria: o primo, o noivo de M. de Villy é o unico que lh'a pôde dar, apressando-lhe a convalescença para se casarem brevemente...

—Ao menos não partais por enquanto, peço-vos, disse o coronel; talvez que eu precise de vós até ao fim. Pierre Touzeaud sorriu-se, lembrando-se de que estes homens que manifestam toda a especie de bravura e de ferocidade até no campo de batalha, são tímidos e quasi pusillanimes em frente dos acontecimentos ordinarios da vida.

De tarde, depois do banho, o estado de Alice tinha melhorado bastante; os membros tinham perdido em rigidez, o corpo apresentava-se flexivel e as palpebras entreabriam-se repetidas vezes, simulando ás palpações das

## Theatro Principe Real

A companhia Taveira deu mais alguns espectaculos, attendendo ao agrado que despertou no publico de Coimbra.

No domingo, deu-nos o *Solar dos Barrigas* e na segunda e terça feira, *El Rei Damnado*, peças já conhecidas nesta cidade e que, diga-se de passagem, tiveram nas outras vezes um desempenho muito superior ao actual.

Como sempre muito applaudidos Angela Pinto e José Ricardo. Os restantes artistas tambem colheram grande numero de palmas.

Cyriaco e Taveira foram chamados á scena, recebendo muitos applausos. No final do ultimo espectáculo, foram muito victoriados todos os artistas bem como Cyriaco e Taveira.

Por lapso deixamos de nos referir no ultimo numero á scena da bebedeira, do *Testamento da Velha*, esplendidamente desempenhada por Emilia Eduarda.

Casas regulares. No espectáculo de terça feira houve um pequeno tumulto occasionado por uma prisão arbitraria feita pelo sr. Ferrão. A prisão não foi mantida.

## Hospitais da Universidade de Coimbra

*Operações cirurgicas.*—O professor o sr. dr. Sousa Refoios, fez as seguintes operações na clinica escolar das mulheres:

Ankylo-blepharon congenita, a um menor de 5 meses, filho de Jesuina de S. José, natural de Tavarede.

Extracção de um myoma uterino, por via vaginal, á doente Emilia Ricardina Lopes, de 45 annos, natural da Figueira da Foz.

Assistiu e auxiliou o curso do 5.º anno.

Na 5.ª enfermaria o professor sr. dr. João Jacintho, fez a extripação de um epithelioma do labio inferior á doente Anna Maxima, de 63 annos, natural de S. Martinho da Cortiça.

Na clinica cirurgica de mulheres, foram praticadas as seguintes operações: Amputação da glandula mamaria direita, e extripação dos ganglios do axilla motivada por um carcinoma á doente Maria Amelia Garcia, de 50 annos, natural de Gramagos, pelo professor o sr. dr. Daniel de Mattos, auxiliado por alguns alumnos do 4.º anno.

Extracção de um kysto synodial na face dorsal do pé direito da doente Amelia Joaquina Ferreira, de 21 annos, natural da Pocarica, pelo quartanista o sr. Joaquim Salinas Antunes, auxiliado pelos seus condiscipulos e sob a direcção do professor o sr. dr. Daniel de Mattos.

Dilatação e dissecação de um trajecto fistuloso suppurado, na espessura da parede anterior do abdomen da doente Maria Augusta, de 30 annos, natural de Almeida, pelo quartanista o sr.

azas das avezinhas quando prestes a levantar vôo. Uma incoherencia de palavras lhe saia constantemente da bocca; mas, a este respeito, M. de Villy e a mãe estavam absolutamente tranquilos vista a affirmacão categorica do medico de que este delirio era um regresso lento ás faculdades do espirito. A velha M. de Villy com difficuldade resistia ás fadigas physicas e moraes da noite e do dia passados á cabeceira da neta.

—Basto eu e a criada do quarto para velar, madame, disse Herminia.

—Sim, accrescentou Pierre Touzeaud, que temia, como succedia tambem a M. de Croizy, que alguns monosyllabos indiscretos da doente viessem aclarar a questão; ide descansar, madame. A vós, é necessario; e agora já nada temos a receiar.

—De resto, disse M. de Villy, eu não me deito; ficarei encostado num fauteuil, no meu quarto para mais rapidamente acudir a qualquer coisa que seja precisa.

—E eu, replicou Pierre Touzeaud, estou habituado por um tirocinio de oito annos de hospitais a dormir só com um dos olhos.

—Pobre criança! disse M. de Villy beijando Herminia, Como ella é digna tambem de ser amada!

Antonio de Padua, auxiliado pelos seus condiscipulos e sob a direcção do mesmo professor.

Amputação do seio esquerdo hypertrophiado, ao doente Joaquim Simões Lameiro, de 15 annos, de Villa Franca, pelo quartanista o sr. Ricardo Soares Machado, auxiliado pelos seus condiscipulos e sob a direcção do mesmo professor.

Na 5.ª enfermaria o professor o sr. dr. João Jacintho, auxiliado pelos alumnos do 3.º anno, praticou a reseccão da tibia direita á doente Maria da Trindade, de 14 annos, natural de Villa Gosedre.

Dilatação e dissecação de um trajecto fistuloso suppurado na região lombar de outra doente, pelo mesmo professor e auxiliado pelos alumnos do 3.º anno, e assistencia do curso.

Diz-se que a Associação Commercial de Coimbra pensa em construir um edificio proprio na Estrada da Beira.

Apresentam-se como concorrentes ao lugar de administrador da Imprensa da Universidade os srs. drs. Henriques da Silva e Antonio de Vagconcellos, lentes da Universidade; e os bachareis Albino de Mello, actual administrador interino, Alberto Pessoa e Abel d'Andrade.

A Companhia Real dos Caminhos de Ferro informou a direcção da Associação Commercial d'esta cidade de que não pôde satisfazer o seu pedido relativamente ao estabelecimento d'um *transway* entre Coimbra e Luso, porque não podia estabelecer accordo a esse respeito com a companhia da Beira Alta.

## F. FERNANDES COSTA

ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

## NOTICIA HISTORICA

DA VENERAVEL ORDEM TERCEIRA

DA Penitencia de S. Francisco da cidade de Coimbra e do seu Hospital e Asylo

Um volume de mais de 200 paginas

Preço 400 réis

A' venda no estabelecimento dos srs. Machado &amp; Ferreira, rua do Visconde da Luz, n.º 40.

## XXII

Ao fundo do quarto, a luz da vella posta sobre uma pequena meza estava meio encoberta pelo abaj-jour. Nesta meia claridade o semblante pallido de Alice mal se destacava do traverseiro por entre os cortinados de setim azul-celeste com bordados prateados. Entre a luz e ella, Herminia estava assentada num fauteuil no mesmo logar que na noite anterior, juncto aos pés do leito. Tinha já os olhos habituados a ver bem naquella penumbra e seguia assim todos os movimentos de Alice; o seu olhar fixo teria talvez inquietado M. de Villy se ella lá estivesse e pudesse surprehendel-o na obscuridade em que elle dardejava.

É que este olhar era de uma extranha sollicitude: temia, em vez de esperar, o fim d'este torpor em que Alice estava mergulhada mas que la sacudindo pouco a pouco, o que muito contrariava Herminia, que de boa vontade mantaria para sempre Alice naquelle estado se isso dependesse d'ella. Agora, melhor ainda do que depois do rendez-vous com Emmanuel na bibliotheca, ella comprehendia que a questão entre ella e Alice era de vida ou morte. Alice tinha sido a primeira attingida, mas se se levantasse, seria a condemnacão para Herminia. E todavia, naquella hora, de quem eram os direitos?

## Polhem da RESISTENCIA

## UMA VICTIMA DO CONVENTO

XXI

—É tudo um, caro senhor.  
—Seja; mas voltemos a M. de Croizy.

—Vá lá. Notastes, coronel, os olhos de M. de Croizy?

—Decerto; uns olhos estranhos, não ha duvida.  
—Sim, uns olhos onde alternadamente a pupilla se contrahia, filtrando um olhar fino e sombrio e se dilata desmedidamente, como a flor deslumbrante da loucura. É uma doente muito diversa de M. de Villy!

—Seriamente, caro doutor, parece-vos que possa vir a metter-se por ahí o amor e apparecer nella um sentimento vivo por M. d'Argouges? perguntou Roland, a quem muito prazer daria apanhar em erro tão terrivel observador.

—Parece-me até, coronel, visto que estamos em maré de confidencias, que esse amor já teve os seus começos. Os olhos são uns traidores; já examinei de mais os de M. de Croizy.

—O diabo vos leve!, exclamou M. de Lambrune atirando com o charuto para dez passos de distancia; quanto

**LIVROS DE MISSA**

SEMANA SANTA

17 **A** Casa Havaneza acaba de receber uma nova colleção de livros de missa e Semana Santa, ricamente encadernados e de gosto aprimorado. Verdadeiras novidades.

**COMPANHIA AUXILIAR**

16 **E**sta companhia muda o seu escriptorio do Arco do Bispo, n.º 2, para o largo de S. João, n.º 6, onde continúa com as mesmas operações, e em casa muito mais apropriada para o seu mister.

Em razão de construir uma nova armação, vende por preço muito em conta a que tem na referida casa do Arco do Bispo, e também subloca a dita casa até a terminação do arrendamento que é pelo S. Miguel do corrente anno.

A armação serve para merceria, fazendas brancas, ou quinilherias.

Coimbra, 11 de março de 1896.

O caixeiro da companhia,

João Favas.

18 **B**ASILIO AUGUSTO X. D'ANDRADE, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestrix*, a 65000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 35000 réis o milheiro.

Rua das Figueirinhas, 45.—Coimbra.

**Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria**

**Caldeira da Silva**

Cirurgião dentista

**Herculano Carvalho**

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

**COIMBRA**

14 **C**onsultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

**Casa mobilada no Campo**

13 **A**renda-se uma na estrada de Cozelhas, proximo á estação velha; tem sala e casa de mesa estucada, jardim e quinta para passear.

Tracta-se com Antonio Areosa, rua da Moeda.

**Cavallos, muares, etc.**

12 **A**s sobrecannas, espavardões, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o LINIMENTO VESICANTE COSTA; é preferivel á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. Á venda nas principaes terras. Depósitos—Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agráo, d'onde se remette pelo correio, por 15000 réis. **Deposito em Coimbra**—Rodrigues da Silva & C.ª—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

11 **A**LUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13. Nella se prestam os demais esclarecimentos.

10 **C**hegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijos do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

**Papelaria Central**

**CASA LEÃO D'OURO**

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis contra-mestres

9 **A** este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 25500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 75500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscovs para *dragues* e *vestons*, feitos por medida, a principiar em 75000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 85000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para *ulsters* ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 85500.

Dita para *makferlanes*, *double-capes* ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 75000 réis.

Esplendidos côrtes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais *chic* para *smokings*, sobrecasacas e casacas.

**Contra o rheumatismo e rigoroso frio.**—Excelentes *montagnacs* nacionaes e estrangeiros, de 15800 85000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para *jaquetões* e *sobretudos* de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e authomatica, de 450 a 45500 réis.

**PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO**

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e cerrida com o abatimento de 355000 a 455000 !!

Uma machina Industrial oscilante de *Singer*—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

**NOTA**—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confeções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e de baixo da direcção do contra-mestre.

**ESTABELECIMENTO**

DE

**FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO**

DE

**João Gomes Moreira**

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

**COIMBRA**

**Cal Hydraulica:** Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

**Electricidade e optica:** Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

**Tintas para pinturas:** Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

**Cimentos:** Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

**Diversos:** Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

**Ferragens para construcções:** Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

**Pregagens:** De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

**Cutilaria:** Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

**Faqueiros:** Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

**Louças inglezas, de ferro:** Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavalorio e cozinha.

**Armas de fogo:** Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

**A' LA VILLE DE PARIS**

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

**F. DELPORT**

247, Rua de Sã da Bandeira, 251—Porto

8 **C**ASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

**JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor**

17—ADRO DE CIMA—20

**MANTEIGA DA CONRARIA**

Vende-se no Café Lusitano

**3 RÉIS POR HORA**

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER.**

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

**Encommendas:**

**a JOSÉ MARQUES LADEIRA**

99—Rua do Visconde da Luz—103

**COIMBRA**

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

**JOÃO RODRIGUES BRAGA**

**SUCCESSOR**

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

**COIMBRA**

7 **A**rmazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

**AGUAS MEDICINAES**

DA

**FONTE NOVA**

(TORRES VEDRAS)

PROPRIRDADE DE

**Antonio dos Santos Bernardes**

**Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.**

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem deseminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas *dermatoses* dependentes d'aquelle estado organico, *rhimithes*, *pharyngites*, *bronchites*, *catarrhos gastro intestinaes*. Bem assim são de importância grande tanto na *lithiase hepatica* como renal na *albuminuria*, *diabethes*, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás *VIDAGO* e *PEDRAS SALGADAS*.

**Á venda em todas as pharmacias e drogarias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.**

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Perelra, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—**RODRIGUES DA SILVA & C.ª**

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

**Loja da China**

Ferreira Borges

**A**mendoads de Moncorvoe grande sortido em amendoads fina de primeira qualidade. Cartonagens: gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gungunhana e Mousinho e outras marcas.

Pura manteiga, de Vianna do Castello, a 15000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, chá verde e preto de 25200 a 35600 réis o kilo, chá medicinal de Hamburgo, artigos de mercearia.

Compra e venda de sellos para colleções.

5 **V**inho sem competencia em preço e qualidade:

Vinho da Beira, de 1894 a 90 réis o litro.

Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.

Verde engarrafado, garrafa 100 réis

Quem comprar de 20 litros para cima tem o abatimento de 10 por cento.

Taberna á Sê Velha, junto ao arco da rua da Ilha.

4 **V**ende-se a quinta do «Correio-Mór» á Copeira, perto do rio Mondego.

Compõe-se de terra de semeadura, olival, matta, arvoredos de fructo e casas.

Para contractar, Rocha Ferreira, Sophia.

**Fernão Pinto da Conceição**

**CABELLEIREIRO**

Escadas de S. Thiago n.º 2

**COIMBRA**

3 **G**rande sortimento de cabelleiras para anjo e theatro, etc.

**Prevenção**

2 **N**a padaria ao Arco d'Almedina, vende-se e manda-se a casa dos freguezes, o seu pão fino da melhor qualidade, geralmente a 25 réis cada 2 pães.

**COMPANHIA DE SEGUROS**

**FIDELIDADE**

Capital réis... 1.344.000.000

Fundo de reserva... 21.000.000

**SEDE EM LISBOA**

1 **E**sta companhia a mais poderosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobílias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Aandrado, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

**“RESISTENCIA”**

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração

ARCO D'ALMEDINA, 6

**EDITOR**

João Maria da Fonseca Frias

**Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)**

Com estampilha:

Anno..... 25700

Semestre..... 15350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 25400

Semestre..... 15200

Trimestre..... 600

**ANNUNCIOS**

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

**LIVROS**

Annunciam-se gratuitamente todos aquellos com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

# RESISTENCIA

N.º 116

COIMBRA — Domingo, 29 de março de 1896

2.º ANNO

## NA LAMA

Era de esperar, era bem de vêr... Mas sentimo-nos enjoados ao pé do ultimo vomito negro da monarchia; não sabemos escrever, não vos sabemos contar...

Uma pergunta unica, porém. Parece-nos que é o país que falla, a voz da Patria que estertorisa num ultimo echo de agonia e de vingança:

— O que pretendem fazer os honestos do partido monarchico? A infamia pede responsaveis. Quereis responsabilisar-vos por ella, quereis ser infames?

Que, afinal de contas, a monarchia é isto: uma ladroeira pegada, a violação dos direitos mais sagrados. O proprio rei, no tempo livre das caçadas, entrem-se a procurar a chave de telegrammas, em cifra, que lhe não são dirigidos!

É a hora das liquidações tremendas, á baila todos os infames, ao limoeiro todos os canalhas!

Mas a quem poderemos gritar que estamos roubados, e que os ladrões andam á solta?

Num país livre, caberia, nesta hora, ao parlamento uma honrosa missão.

Mas entre nós, que não ha parlamento. A quem havemos de gritar?

Os patetas do Solar são creados do João Franco. Não nos inspiram odio, mas causam-nos nojo.

E, se esperanças ainda tivéssemos nesse montão de imbecis, cabeças ócas, consciencias esboracadas pela traça das ambições mal cabidas e reles, nesta hora d'uma grande agonia a rolar no declive sujo d'uma subserviencia cobarde, bastava para desfazê-las, para sentirmos um grande nojo por toda essa cambada, demorar, um pouco, o pensamento ainda que enjoado, nesse grande vazio de vozes que se poderiam erguer allivas, para vergastar a mais torpe das immoralidades.

Mas, no Solar, dorme a consciencia dos barrigas, embalada, talvez, pela musica das roubalheiras nacionaes...

Não lhe perturbemos o somno... Estão lá o Marianno e outros...

O nosso protesto não visa apenas um ministerio. É uma monarchia que extorce o ultimo alento numa bacchanal de lama. É contra a monarchia que protestamos.

Protesto d'alma, descargo de consciencia,

E porque isto não basta, oxalá, em breve, tenhamos de protestar de uma outra fórma.

Este grande rasgão na dignidade nacional, que factos recentes vêm de mostrar, já não póde ser remediado dentro da engrenagem estafada do constitucionalismo monarchico. Se a monarchia até aqui era um absurdo, hoje que um raio de luz penetrou na escuridão cingida a uma grande infamia, é um peso deprimente sobre todos os caracteres immaculados.

E temos ou não o direito de gritar sobre os salteadores que nos roubam?

E temos ou não o direito de punir-nos nós mesmos, se a lei o não fizer?

E temos ou não o direito de supprimir a monarchia que não fará cumprir a lei, porque é ella propria que nos tem expoliado?

Ai, os nossos bolsos!... se nós ainda livessemos coragem...

É bem simples o caminho a seguir. Num outro país onde a moralidade não fosse uma deshonra, as penitenciarias ter-se-hiam já aberto, e os miseraveis, fossem elles ministros!, se accumulassem ao mesmo tempo a profissão de salteadores, por todos reconhecida, pela evidencia provada, teriam sido castigados.

É que é tão extraordinario, mesmo sob todos os pontos de vista do maior aperfeiçoamento da arte de assaltar o contribuinte, tudo o que se passa, tudo o que se desenrola aos nossos olhos, como uma precisão interminavel de abjecções e cobardias, que o protesto já se teria levantado de todos os cantos, veemente e justiceiro, para vingar ultrajes espantosos.

A prova, portanto, a dignidade do país.

O rei não pensará em dar um passeio, ao largo, para descanso de caçadas?

Os honestos do partido monarchico terão de ser infames?

Os do governo não pensarão em habitar as penitenciarias?

O país não quererá elevar-se da lama em que o afundou a monarchia?...

### Que conde!

Do Conde de Restello:

«A elles responderam os meus nobres collegas levantando-me um pedestal que me ficara gravado na memoria pelo resto da minha vida.»

Subiu-lhe o pedestal á cabeça.

É mais pedra que fica lá accumulada.

## O sr. João Franco mente e compromette o país para evitar uma queda ministerial

A proposito da questão com os credores externos relata o sr. Augusto Fuschini no seu livro o seguinte facto, que é de per si sufficiente para revelar o caracter do antigo republicano do Alcaide e actual dictador mór da monarchia. Lê-se nesse livro a pag. 160:

«Havia eu combatido no parlamento, durante a discussão da lei de salvação publica, a proposta do sr. Oliveira Martins, que envolveu a auctorisação de conceder aos credores externos cedulas representativas da parte do juro não pago, em virtude da redução. Este principio de capitalização de juros não resistiu ao menor exame nem é necessaria grande sciencia financeira para lhe demonstrar os profundos defeitos e as terriveis consequências. Depois de ministro, é claro, nunca semelhante hypothese me passou pelo cerebro. Uma unica vez, em conselho, o sr. João Franco se referiu a ella, afirmando que o sr. José Luciano nada repelia e, pelo contrario, via neste systema admiravel solução. Naquelle tempo, devo observar, o sr. José Luciano de Castro era muito procurado e attendido pelos seus dois collegas.

Sem fazer grande caso do incidente, a minha proposta foi negativa e passámos a outro assumpto.

Um dia,ahi por fins de março, o ministerio fóra á Ajuda, cumprir a Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia. A' sahida, quasi no vestibulo, o sr. Hintze Ribeiro disse-me que telegraphára aos nossos ministros, em qualquer sentido já discutido e combinado. Era excepção á regra; mas, na realidade, o sr. Hintze Ribeiro foi sempre de extrema prudencia na redacção d'estes documentos e, sobretudo, da maior cautela em harmonisar as suas opiniões com as do conselho.

— E nestes telegrammas disse aos ministros, acrescentou o sr. Hintze, que fallassem na possibilidade de se entregarem titulos representativos da parte dos juros não pagos...

Ao vêr o meu profundo espanto, o sr. Hintze exclamou:

— Mas o João Franco declarou-me que v. estava de accordo!

— Nada lhe disse e nunca estive d'accordo com disparates, respondi eu.

Já estaria determinada reunião do conselho, ou foi convocada a meu pedido; é certo, porém, que nessa mesma noite foi expedido segundo telegramma, dando por nullo no da manhã a parte que se referia ás cedulas. Lembro-me, até, de que o caso era sério, porque no dia seguinte, quarta feira se bem me recordo, o sr. Mathias de Carvalho devia conferenciar com o sr. Barão de Marshall. Estivemos, pois, a calcular o tempo e, de facto, o telegramma chegou a boa hora. Apresentada esta proposta, haveria sido, sem duvida, accete, o que, no meu

intender, seria verdadeiro desastre para o país.

Se os telegrammas d'estas negociações forem um dia publicados, encontrar-se-hão os dois, a que me refiro. A este facto, se bem me recordo, alludiu mais tarde o sr. Resano Garcia, tirando d'elle, com logica razão, prova da instabilidade das opiniões governamentaes.

O que motivou este incidente? Com toda a probabilidade a duvida de não encontrar solução para o problema e o receio da queda ministerial.

O sr. João Franco, para evitar uma queda ministerial, mente ao sr. Hintze Ribeiro dizendo-lhe haver feito uma combinação com o sr. Fuschini, quando nem sequer com elle havia falado sobre tal assumpto. Podiam d'essa mentira resultar gravissimos compromissos para o país, e d'ella derivou o desprestigio do ministro dos negocios estrangeiros que teve de expedir dois telegrammas com instrucções contrarias no mesmo dia.

E ficam no governo o sr. Hintze Ribeiro e o sr. Fuschini em companhia do mentiroso sr. João Franco!

## A monarchia caduca

Sobre o estado da monarchia portugueza, diz no seu livro o sr. Augusto Fuschini:

«As instituições monarchicas estão irremediavelmente condemnadas em Portugal.

Assim como as almas dos extinctos não se encarnam, jámais, em novas formas humanas, não existe força material, nem vontade suprema, que possam galvanizar o cadaver de regimens politicos condemnados?

Ora, a monarchia em Portugal, se pretendesse contrariar a evolução social, tão bem definida no nosso seculo, se, apoderando-se da força bruta, quizesse esmagar os eguaes direitos dos cidadãos, que não representam, nem derivam da graciosa concessão da régia munificencia, se, em beneficio proprio ou vantagem dos seus protegidos, procurasse implantar na patria livre um regimen de excepções preferencias, seria condemnada pela sciencia e pela consciencia humana, perante a justiça e equidade.

Como aquellas mumias reaes, que o socego dos sarcophagos deixou permanecer inteiras durante seculos, se desfazem em pó ao menor contacto exterior, a monarchia portugueza caltra aniquillada e destruida por qualquer facto inesperado, que as leis da evolução historica produziram, para eliminar do organismo social um corpo politico velho e condemnado.

A natureza é sabia e previdente. A mesma lei da morte esconde na terra o corpo inutil do homem, e sepulta as instituições obsoletas e decadentes nas paginas da historia».

## Ridicularias

Noticiam alguns jornaes que a Interpelação do sr. João Arroyo sobre a promoção do Mousinho d'Albuquerque dará logar a uma questão pessoal com o ministro da guerra. Alguem julga até que d'ahi derivará um duello entre os dois famigerados politicos.

Se o houver, será para o grande Festas cair mais ridiculamente. Que entre politicos já não póde haver duellos a valer.

## Bagatellas

19—III—96.

A caminho de Lorvão!

A subir e a descer, o terreno montanhoso cortado de sendas mal trilhadas e sinuosas, em todos os sentidos, offerece embaraçosas difficuldades aos que se aventuram a percorrê-lo sem guia.

Mas é mister não parar: ha na atmosphera ameaças de chuva, e a noite aproxima-se.

Do alto de cada monte, collocados no centro d'um extenso panorama, para cada lado do país se observam aspectos diversos, d'uma contemplação absorvente. Para o occidente a vista estende-se pela vastidão de doze leguas de paisagem! As colorações esbatidas pela neblina, a luz diffusa coada através de massas negras de nuvens, dão effectos de uma profunda e melancholica impressão.

E o espirito voa nesse âmbito enorme, em que se aspiram haustos fundos de ar purificado pela vegetação dos pinheiras!...

20—III—96

A entrada no mosteiro, deserto e em ruinas, emociona a nossa sensibilidade: tudo aquillo são como despojos lacrimosos d'um passado extincto!...

Expulsas as freiras, o edificio desfaz-se em desabamentos e escombros; e um bafo de superstição paira sobre aquelle montão de ruinas: dir-se-hia batido pela colera divina, se é certa a tradição dos desatinos, de que resa a chronica implacavel dos escandalos!...

Como no mosteiro lendario de Santa Rosalia, no longo dormitório parece que erram as sombras das filhas de S. Bernardo, que não souberam furtar-se ás seducções do amor, aos impetos ardentes da carne!

Como á voz de Bertrand, na opera de Mayerbeer, das sepulturas dos claustros, de cada angulo de escadas, de cada recanto sombrio, surgem vultos femininos arrastando o durante branco da mortalha de Cistér!...

Sacrificadas pela ferocidade dos egoismos e das convenções á esterilidade e ao suicidio, ellas protestavam contra esse attentado aos direitos da natureza, pela unica fórma por que podiam fazê-lo: lançando ás ortigas os votos e os juramentos, que lhes foram extorquidos.

A posição topographica do edificio era porventura um incitamento á fragilidade. Quem hoje, prevenido, sondar os arredores achará que não seria extremamente difficil aos milhafres ousados o assedio do pombo!

Em todos os conventos de freiras, habitados ou ermos, andam no ar consciencias vagas. Cada objecto parece guardar mysterios de vida intima, recordações de episodios

sentimentaes, maguas de corações feridos.

Em Lorrão essa impressão é mais forte e funda.

Numa corporação, que abrigava para cima de cem professoras, de nomes os mais aristocraticos, e vivendo na opulencia, afóra mulheres de companhia e criadagem, que vulcão de intrigas, de caprichos hystericos e de arrebatamentos de paixão! Que visões de fogo a escandecer o sangue da mocidade, que transes dramaticos, que tempestades de tortura e de revolta!

Sabe-se o destino que tiveram os objectos d'arte allí accumulados durante seis seculos de prestigio e de abundancia!

Depois de 34, as freiras lorrãenses, exploradas pela infidelidade e pela cubica dos credores, dos devedores e bandidos de toda a especie; desamparadas ignobilmente pelo estado, privadas do rendimento, empilhando e vendendo, de decadencia em decadencia, chegaram á situação de penuria descripta por Alexandre Herculano!

Para com todos os recolhimentos foi adoptado o mesmo desprêso estúpido e infame, sem caridade e sem respeito! O mesmo abandono por parte de todos os governos liberaes, que se tinham obrigado a ampara-las protegê-las, e que, afinal, deixavam morrer á mingua senhoras idosas e debeis!

Nalguns conventos houve fome!!

A.

### Rodrigues da Silva

Este nosso querido amigo e valioso collaborador foi acometido de um ataque de influenza que o tem retido no leito.

Fazemos os mais ardentés votos pelo seu rapido e completo restabelecimento.

### Imprensa da Universidade

O sr. dr. Antonio Henriques da Silva, nosso prezado amigo e distincto ornamento da faculdade de Direito, não é concorrente ao logar de administrador da imprensa da Universidade, como e em virtude de inexactas informações que recebemos noticiamos no ultimo numero.

Mais uma bomba do livro do sr. Fuschini sobre a politica infame de um ministerio de... homens honrados.

Conta o Fuschini que o Navarro, (ainda anda á solta este fulano), fazia em Paris das suas costumadas proesas. O Hintze queixava-se. O João Franco accordava com o Hintze.

Nestas circumstancias o Fuschini pronunciou a seguinte phrase: *quando os grandes interesses de uma nação podem ser sacrificados por vícios, crimes, ou defeitos de alguns homens, estes homens... eliminam-se.*

O Hintze, então, já muito outro: *— Vou manda-lo vir a Lisboa, fallar-lhe-hei seriamente e depois veremos.*

Emquanto se não fallou em demissão do Navarro, o logo era isto, era aquillo.

Depois já o mandava vir a Lisboa para lhe fallar e ver...

Havia, portanto, accôrdo entre os dois, ou como se explica isto?

O melhor é não explicar, e aceitar como dogma a honradez de todos estes senhores.

## Litteratura e Arte

### DOR SUPREMA

Mação de cartas que eu não mandei ao Marcellino Mesquita

I — ... e eu devia vingar-me e desejar-te o contrario, mulheres e absintho...

O absintho! Negro como o verde de inverno, ao murmurio da agua a cahir gotta a gotta, faz-se d'um verde muito fraco, verde novo de primavera em começo, turvado de flócos brancos do leite em que fluctuam levemente transparencias vermelhas de sangue e carne...

Bebe-lo, é beber a primavera e o amor.

Cheira bem a verde como um prado humido.

Bebe-lo, é viver um sonho de amor, forte-hallucinação em que passam corpos cór de rosa a beijar-se sob um ceu azul, brilhante a othar callado, calcando verduras tenras a sangrar o sangue novo da primavera, forte e perfumado do perfume acre do primeiro amor.

Bebe-lo, é beber um amor antigo, sorver beijos que já se não sabem dar, ver fugir mais uma vez rapidas as caricias que se passaram ao sol na verdura macia e tenra da primeira primavera, quando nós eramos novos e a natureza sorria sempre callada e boa ao nosso amor... Tempo em que se amava sempre... Mulheres e absyntho... Não bebas a tortura d'esse amor!

Vês? Não sei vingar-me...

Mandaste-me um abraço e a *Dór Suprema*, e pedes-me agora que eu te escreva o que sentir do teu drama, com vontade, talvez, de que eu diga mal, para d'esta vez teres tu razão.

Eu posso lá saber o que é a *Dór Suprema*!...

Dramas vêm-se representar e só então se julgam. Uma obra de theatro para ser boa não basta ser de fina analyse, de conceito subtil, modelada em bellos versos ou em prosa musical, cheia de cór e de perfume, é necessario que seja representavel, que executada, prenda e desperte a emoção.

E tu sabes bem como as previsões fallam, como os mais bem preparados effeitos, os conceitos mais finos e subtis podem deixar o publico frio e indifferente.

Em theatro nada se sabe antes da primeira representação.

No gabinete de trabalho tudo é bom. Os nossos moveis estão habituados a trabalhar conosco.

Quantas vezes nos relêm elles o olhar perdido e nos segredam amigos a idéa que fluctuava indecisa, ou nos cantam a imagem que ha tanto tempo debalde procuravamos.

O fogo do nosso fogão está habituado a viver conosco, só brilha, quando nós rimos, só aquece, quando nós estamos contentes, e se tristes, é frio o fogo do nosso fogão.

Quantas vezes uma leitura num salão faz prevêr um successo que depois se não realiza.

Aquella luz suave e quente dos lustres vem perder-se nas tapeçarias que fecham o publico em verduras de jardim, aquece, e a voz de quem recita fluctua numa atmosfera de perfumes tão conhecidos, que poderíamos dizer d'onde sahem.

Ha como que uma symphonia estranha em que cada nota desperta um unisono: cada idéa nossa tem

uma alma amiga que faz vibrar, e a gente sabe para onde olhar com a certeza de encontrar a cada phrase, a cada idéa nova um olhar amigo que se reconhece a pensar conosco naquella phrase amiga.

Obras de theatro, só no theatro se julgam.

Eu bem sei com o que tu contavas.

Fiavas-te na minha longa pratica de espectaculos.

Ao tempo que eu ando nisto!...

Em pequenino, como eu ria nos theatrinhos de *titeres*, cabeça ao sol e ao vento.

Que alegria! Já não ha theatro assim!

Aquellas vozinhas pequeninas, agudas e maliciosas, como as das creanças e dos velhos faziam-me rir sempre, mesmo quando choravam.

Voz assim só a tem ainda a Rosa Damasceno, tão velhinha, d'outro reinado já...

Não ha coisa d'estas, d'espectaculo que eu não saiba.

Sei todas as sortes de prestidigitación, e, ao lér uma peça, adivinho as phrases que ha de escamotear a censura do theatro normal.

Pois nisto de cavallinhos?

Não ha salto mortal que eu não saiba como se erra, para arrancar uma ovação.

Ninguém, como eu, sabe, como o Brazão estrophia um verso por fórma a arrancar um applauso.

E como elle se afoga numa tirada, das longas, das boas, das que fazem chorar, os braços estendidos em cima a nadar, a cabeça a tremer, o labio pendente, o olhar apagado, a voz rouca, como se soprasse numa cabaça o vento das tempestades!

Eu devia imaginar o que seria a tua peça...

Imaginava, se lhe tivesses dado outra distribuição. Talvez que então eu te não escrevesse estas cartas, como que tu nada perderias. Terias outras em jornaes... A Lucinda tem feito escola...

Para me divertir fiz eu outra distribuição da tua peça, para meu uso, e tenho rido bem nestas noites longas de doença.

Não imaginas como a peça é outra; faltam-lhe as caricaturas do Antonio Maria; mas faz rir...

Rir-me tem tambem feito a critica.

Virginia teve, dizem todas as gazetas, a melhor criação da sua carreira artistica. Desde a primeira scena até á ultima, o publico esteve dominado, numa emoção intensa de amor e dôr.

E a critica commenta com um sorriso esperto — o que facilmente se explica: Virginia é mãe e tem uma filha encantadora. Para representar o seu papel, insinua subtilmente o critico, Virginia não teve mais que imaginar que a filha lhe morrera, e o papel sabiu naturalmente...

Imbecis e maus!...

Virginia foi extraordinaria; porque tem uma filha adoravel, que ama, como ella sabe amar...

Ao levantar o panno pôs-se a imaginar que a filha lhe morria em casa, e começaram a vir muito serenamente, sem esforço, muito naturalmente, as lagrimas e os gritos, e ella pôs-se a vendê-los ao publico...

Imbecis!...

Este ponto de vista novo vae reformar o theatro Normal.

A critica foi ouvida.

E' tão facil ter talento...

Augusto Rosa encommendou já um menino...

T. C.

O sr. João Franco cahiu do modo mais miseravel na defêsa contra as extraordinarias accusações que lhe faz o sr. Fuschini.

Veiu declarar na *Tarde* que ainda ha pouco tempo o sr. Fuschini lhe havia escripto uma carta em que lhe pedia dois favores, que elle lhe dispensára.

O sr. Fuschini publica a carta no *Correio da Noite*, e vê-se que ella era um protesto digno contra a prepotencia que o governo havia exercido contra dois amigos pessoas e politicos do sr. Fuschini, e que o governo não ligara a minima importancia a esse protesto.

E a *Tarde* não diz mais nada sobre o assumpto!

Melhor era que não tivesse fallado.

## RELATORIO

DE

### MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

(CONTINUAÇÃO)

Com respeito ao fuzilamento dos dois prisioneiros, limito-me a dizer que é muito nobre, muito justo, muito alevantado, sustentar os principios da mais acrisolada philantropia e humanitarismo num parlamento, numa assemblêa qualquer, numa redacção de jornal entre concidãos nossos que pensam e sentem como nós, e ainda por cima mantidos em respeito por numerosas forças do exercito, da armada e da policia militar e civil; é porém muito differente o caso em que se achavam 50 brancos no meio de cerca de 3:000 pretos ainda hontem nossos inimigos. Se não mandasse matar ninguem, todos os cafes supportiam que ainda tinha medo do Gungunhana e voltariam a dizer: «português é mulher, não mata ninguem.»

Esta é a maneira barbara e absurda porque elles encaram as coisas.

De resto ainda outra razão influu em mim quando mandei fuzilar o Quêto.

A constituição rudimentar da sociedade vátua era aristocrata com visos de feudalismo (1).

Quando me contavam o que se passava entre os vátuas, parecia-me estar ouvindo narrativas dos tempos merovingios em França, representando os matongas o papel dos Gallo-Romanos. Ora Quêto era dos irmãos do Muzilla o mais attendido pelo Gungunhana, e era depois do Jambui o mais poderoso do que poderíamos chamar aos grandes vassallos da corôa vátua, e tanto assim que Inguinsa, seu irmão e os filhos do Curio, seus sobrinhos quando o viram cahir disseram: «branco sabe tudo até adivinhar quem devia matar.»

No dia 29, pelo cahir da tarde chegaram um filho e um secretario do Jambui, dizendo que vinham com o fim de adquirir a certeza de que o recado recebido pelo regulo de Lipallulo era de veras meu.

Talvez o regulo houvesse já constado a marcha para Chaimite, e mandava ver qual tinha sido o resultado. Disseram-me que o regulo não vinha nha ainda, porque sendo gordissimo, o que eu sabia ser verdade (2), precisava que o trouxessem, mas que viria logo que eu quizesse. Mandei-lhe dizer que ia agora a Fumo (Lourenço Marques) levar o Gungunhana, e que

(1) Por exemplo, direito de representação nas banjas dado só pela posse das terras, razão porque o Mougiana que era o grande chefe de guerra não ia ás banjas, porque sendo buingella não era senhor de terras.

(2) Cadas Xavier (*Territorios ao sul do Save e os vátuas*), um dos boletins da sociedade do geographia de Lisboa, 1894.

em voltando e em tendo a minha povoação no Chibutz lhe mandaria recado para elle mesmo vir pegar pé, para ir um official depois de escolher local para um posto fortificado para a força branca, e fazer o recenseamento para elle pagar o imposto de palhota que eu fixasse.

Tudo aceitaram de bom grado e asseguraram que o regulo havia muito desejava que fosse para lá força branca (3). Sabendo que no Lipallula havia banjeans estabelecidos, ordenei que os contasse e me mandasse o numero d'elles numa corda com nós, a fim de eu os fazer pagar as licenças para venda.

No dia 30 chegaram os gados, o marfim e as dez mulheres do Matibejana que o Godide trouxera ao nosso bivague no dia 27. Permitti que o Matibejana escolhesse três para o acompanhar e mandei as outras para as suas respectivas povoações, á excepção de uma que mandei escolher ao irmão do secretario de Languene, depois de saber se ella queria casar com elle. A este homem dei tambem um boi para o recompensar dos bons serviços que tinha prestado. A cada uma das guerras que acompanhava (eram 21), dei quatro vitellas. É claro que houve distribuição de *soupe* aos chefes e a todos os duzentos e sete auxiliares de Chai-Chai, Languene e Lofugasi.

S. ex.<sup>a</sup> o commissario regio ordenou em 5 de junho do anno findo que se affixassem nas diversas ruas da cidade e fossem distribuidos por todas as auctoridades militares e civis, em serviço nos diversos pontos do dominio de Portugal neste districto, editaes em que se annunciava «que o governo concederá o premio de 900\$000 réis a qualquer pessoa que prender ou entregar algum dos regulos da Zixaxa ou da Magaia.»

Attendendo a este facto, á muito superior importancia da captura do Gungunhana, e a que haviam sido os brancos, e só elles, que o haviam apanhado, mandei distribuir 200 libras ás praças, que me haviam acompanhado, sendo 8 para o sargento, 4 para cada cabo e soldado, 4 ao corneteiro e 2 para cada um dos soldados pretos.

Sei que exorbitei distribuindo esta quantia ás praças, mas esporo isto me seja relevado attendendo ao que expuz acima. De resto, quando assim não succeda, os meus vencimentos podem assegurar á fazenda publica rehavela em pouco tempo por meio de desconto.

Nesse mesmo dia impuz ao Munhi, regulo do Chai-Chai, a multa de 30 libras, em ouro, por elle se ter deixado ficar em Zeinacozi, e não acompanhar a sua guerra, dizendo-lhe que o não mandava fuzilar por elle ser ainda um rapaz.

Tambem a pedido de Cuio e Inguinsa mandei soltar o armêto mais novo, Pissana que parecia apatelado, impondo-lhe uma multa de 30 libras em oiro e 60 cabeças de gado bovino por não ter vindo *pegar pé* ficando os dois irmãos por fladores d'esta multa. Deixei escriptas as instrucções precisas para o secretario do governo militar de Gaza, tenente graduado Couto, effectuar o mais depressa possivel a prisão de Mahazul, e logo que chegasse o alferes Raul Costa mudar o posto o mais breve possivel para Chibutz, principiar a construção de um reducto, abrir a estrada até ao Chicome e juntar um deposito de lenha para as lanchas. O Ipsota quando se apresentar será remittido para Lourenço Marques. No dia 3 ás seis horas (a. m.) sahi de Languene com o tenente Sanches de Miranda, 24 praças das mais doentes e os prisioneiros, ficando no posto o tenente graduado Couto, o facultativo dr. Amara, 1 sargento, 1 corneteiro e 30 praças. Durante a viagem, um soldado de infantaria 2 dos que tinham ido a Chaimite, o n.º 224/2:740 da 3.<sup>a</sup> companhia do 2.º batalhão, José da Purificação, quando pretendia encher de agua do rio a caldeira de ferro, caiu. Largou-se logo um bote e ainda vimos o homem a nadar, mas, quando a embarcação estava a uns 20 metros de distancia desapareceu, de certo agarrado por algum jacaré, pois a despeito de todos os esforços não foi possivel encontrar o cadaver.

Desde 31 de dezembro até 2 de janeiro estivemos na barra do Limpopo.

(3) Isto concorda com as informações que me deu o alferes Villar, ex-commandante de Lipallula.

**Carta de Lisboa**

Lisboa, 27 de março de 1896.

Continúa a ferver, como uma banda rilha de fogo no cachaço dos monarchicos, o livro do Fuschini.

Já o leram por certo como eu, que o sei de côr e salteado. E foi-me util. Já sei como hei de trazer de hoje em diante o relógio e como pôr a minha pobre carteira ao abrigo dos golpes de Estado. É como agora os gatunos chamam às suas proezas.

×

Os progressistas não dizem nada sobre o livro do Fuschini.

Seria um motivo para desagradarem ao rei. E agora, que já lhe começaram a engraxar as botas, não parecia bem que ellas ficassem sem lustro.

Vão ver.

×

Hontem fecharam muitas tabernas e cafés por causa das licenças.

Não dá nada. A continuar o encarceramento das quitandas á boquinha da noite, passam os lisboetas a embebedar-se no meio da rua.

Será o unico processo violento empregado.

O mais, tudo socegado para não desarranjar a rotula do joelho social.

×

Agora lhes direi que os progressistas já foram ao conselho de Estado e que ali José Luciano declarou, fremete de indignação, dentro da lei:

1.º Que o seu partido era e continuaria a ser monarchico.

2.º Que não revogaria em dictadura as leis d'este governo, mas esperaria que o poder legislativo o fizesse.

Accrescentarei que o Casal Ribeiro e o Barjona — que choldra — vão feitos com José Luciano.

Mais saberão que Barjona e José Luciano conferenciaram largo tempo.

E agora o resto — O D. Carlos e o José Luciano, depois do conselho, estiveram cavaqueando mais d'uma hora. Para engrandecer o poder real!

×

E contado tudo isto confirmo-lhes a noticia, dada pelo Pais, que foi o general Queiroz quem negociou a aproximação entre os filhos de Passos e o bisneto de D. João VI.

Este general Queiroz vae agora a Sevilha para a remonta de cavallos da municipal.

Em Lisboa pois e em Sevilha o bom homem proctra servidores do rei É uma remonta completa.

João da Nova.

Sabiu para o Porto a passar as ferias de Paschoa o nosso amigo e prezado collega Germano Martins.

Boas ferias, pois, e poucas amendoas por lá.

O sr. Silva Pinto publicou no Pimpão um artigo atacando valentemente o sr. Fuschini, o que não lhe levamos a mal, apesar de entendermos que o livro d'aquelle ex-ministro serve admiravelmente á causa republicana. Achamos, porém extraordinario que, para se atacar o sr. Fuschini, se defenda o sr. João Franco, com tanta nitidês e verdade photographado naquelle livro.

Ah! esquecia-nos que o artigo vem publicado no Pimpão. E' mais uma ironia do scintillante escriptor. Muito bem.

Elogiam as Novidades as declarações feitas pelo chefe do partido progressista no conselho de Estado. D'ellas conclue esse jornal que o partido progressista está resolvido a cooperar. Em que ou para que, eis o que as Novidades não dizem, talvez por desnecessario.

Aproveitando-se da nova attitude do partido progressista, declaram as Novidades que não haverá por ora crise. É necessario que não se veja no acto que o sr. José Luciano de Castro acaba de praticar um accordo com o governo ou com o rei para a successão do poder. Esperem os progressistas mais algum tempo; assim o exigem os interesses do seu partido e os do thesouro.

A nova tactica para prolongar a existencia do actual ministerio não deixa de ter alguma graça. Produzirá resultado?

Não nos é dado prevê-lo. São taes e tantas as incoherencias que se dão na politica portugueza, tão tortuosa tem sido a senda percorrida pelo partido progressista, que nada é possivel conjecturar.

Em todo o caso parece que, em virtude do accordo feito entre o governo e o partido progressista, de cuja existencia ninguem pôde duvidar, os progressistas serão chamados ao poder logo que o Solar dos Barrigas e a camara dos dezoito modifiquem o decreto eleitoral, restabelecendo os circulos uninominaes.

Que os regeneradores querem ter representação no parlamento e em tricas politicas e vilanias sempre valem muito mais que os progressistas.

**Boatos politicos**

As noticias politicas mais palpitantes são: a crise ministerial e o livro do sr. Fuschini.

O Conselho de Estado ultimamente realiado, em que o sr. Conde de Casal Ribeiro e o sr. José Luciano atacaram vivamente a politica governamental, fez recrudescer os boatos de crise, sobretudo em virtude da aproximação que se deu entre o rei e o sr. José Luciano, que conferenciaram depois do conselho durante uma hora.

Não sabemos se o sr. João Franco conseguirá, por meio de novas infamias, prolongar a existencia d'um governo de bandidos. Não o sabemos, nem ao facto ligamos grande importancia.

É para nós indubitavel que, seja qual for o gabinete que succeda ao actual, seguir-se-ão os mesmos processos de administração e de economia. Desacreditado completamente o regimen monarchico, só pela veniaga e pela corrupção se poderá manter. D'estas armas terão, pois, de lançar mão todos os ministros que, sendo do rei, não de defender sempre a monarchia contra a nação.

No Conselho de Estado deu-se, porém, um facto que não podemos deixar de registrar: o sr. José Luciano de Castro declarou que só pelas côrtes devem ser revogados os decretos dictatoriaes do actual governo.

A que côrtes se referiu o chefe do partido progressista, é o que jornal algum declara; mas é evidente que, não querendo fazer dictadura, o partido progressista fará eleger os deputados pelo systema que for implantado pelo actual governo e que aceitará tambem a reforma da camara dos pares. Acatará assim medidas dictatoriaes do governo, contra as quaes levantou os mais energicos protestos, e irá reconhecer os decretos emanados d'um parlamento que não foi reconhecido, na mesma sessão do Conselho de Estado em que o sr. José Luciano declarou que não faria dictadura, pelos membros d'esse conselho filiados no partido progressista, logo que seja chamado a formar governo.

O disparate é de primeira grandesa, mas não nos surprehe de nem nos commove. Estava até na logica dos factos.

Desde que o partido progressista não teve o minimo apoio na opinião publica para conquistar o poder, começou a bajular o rei a quem havia dirigido não só censuras, mas até insultos. E o paço lhe ha-de dictar as condições em que, feita a devida penitencia, será chamado ao governo. E o partido progressista acceita-as-ha todas, porque só assim irá ao poder, suprema e unica aspiração que tem.

Está completamente restabelecido da doença que ultimamente soffreu, o digno prior da Sé Nova. As nossas felicitações.

**Os Raios X na medicina**

Continuam as experiencias medicas com a applicação dos raios de Röntgen.

Na Academia de Medicina de Paris o dr. Pinard apresentou, em nome dos drs. Chapuis, Vermer e Funcke-Brentano, diversas photographias d'um feto de termo obtidas atravez as paredes uterinas.

Estão-se tirando, pelo mesmo processo, photographias de certas deformações dos ossos da bacia, affecções que representam, como se sabe, nm papel preponderante na obstetrica.

Muitos estudantes snjeitos ao recrutamento militar reuniram na segunda feira ultima para representarem ao Solar dos Barrigas, pedindo a revogação das disposições do ultimo regulamento sobre o recrutamento, que não concedem adiamentos para a continuação dos estudos.

O scenographo lisbonense Augusto Pina foi incumbido de pintar dois pannos, um representando a vista de Stambul e outro o interior d'um serralho, para a recita dos quintannistas de Direito.

Conta já 150 associados a Associação de classe dos Officiaes de Sapataria, que ha pouco foi fundada nesta cidade. E' da maxima utilidade que tenham grande desinvolvimento as instituições d'esta natureza.

Vão principiar os trabalhos da segunda via na ponte do caminho de ferro sobre o Mondego.

Tem estado incommodado o nosso amigo e conceituado industrial d'esta cidade sr. João Antonio da Cunha, cujas melhoras muito desejamos.

**A tuberculose**

O dr. Torstenson, medico sueco, publicou um importante relatório acerca dos tratamentos comparados da tuberculose, collocando em primeiro lugar o methodo dos «ferimentos puros» do medico parisiense Backer. Com este methodo conseguiu 39 casos de cura e melhoras notaveis no sanatorio de Persberg Skoefde.

Na Escola Medica do Porto, o lente Lopes Martins Junior reprehendeu um estudante por estar a dar lição com modos arrogantes. O estudante respondeu que era este o seu costume. O lente mandou chamar o continuo, ordenando-lhe que intimasse o estudante a sahir da sala, ao que este obedeceu, dizendo que acatava a ordem do con-

tinuo. Dois outros estudantes retiraram-se da sala.

Parece que o conflicto terá seguimento.

Os pobres operarios das obras publicas são esmagados com trabalho. Não se pôdem queixar porque são immediatamente despedidos, ficando na mais completa miseria.

É deshumano o procedimento de quem manda naquellas obras.

Continua interrompido o transito na rua de Sá da Bandeira e a porta do mercado tambem continua fechada durante a noite.

Parece-nos que as auctoridades querem divertir-se com o publico. Voltamos a pedir providencias.

**Bibliographia**

**Arithmetica Elementar.** — de Ricardo Diniz de Carvalho — 11.ª edição. — Editor F. França Amado — Coimbra — Preço 120 réis.

Em harmonia com os programmas officiaes, e orientada pelos novos methodos de ensino, o sr. Ricardo Diniz de Carvalho, conceituado professor particular nesta cidade, acaba de fazer uma nova edição da sua **Arithmetica Elementar**, que ha tantos annos tem recebido o mais lisongeiro acolhimento da parte dos professores d'instrução primaria.

Esta nova edição, consideravelmente aperfeçoada no methodo seguido na exposição das materias e na explicação das doutrinas, recebeu a approvação do Conselho Superior d'Instrução Publica, pelo que a recommendamos instantemente ao publico. E permittimo-nos apontar, como alguns dos seus aperfeçoamentos mais importantes, o desinvolvimento que o seu illustrado auctor deu á theoria da quantidade, trabalho completo, nos limites d'um livro d'esta natureza, bem como novos exemplos e novas regras, e, finalmente, um grande numero de exercicios para recapitulação das doutrinas expostas.

A competencia do sr. Ricardo Diniz de Carvalho, novamente comprovada neste seu trabalho, é garantia da recommendação que ao publico fazemos d'este livro.

**Abre no 1.º de abril o Hotel da Matta do Bus-saco.**

em risco de perder para sempre aquelle a quem deu todo o seu ser.

Hermínia tinha na cabeça, ainda estonteada pelas vigílias, como que um badalo de sino cujo som lhe zumbia aos ouvidos; e uma dôr lancinante indisciplinavel varava-lhe por momentos o cerebro como se nelle cravasse de espaço a espaço um dos seus alfinetes de toilette. Não era isso que a incommodava; urgia eliminar as difficuldades da situação e, em caso de necessidade, precipitar os acontecimentos em seu proveito. Contemporisar, era impossível; tornear as difficuldades, afigurava-se-lhe impossível.

Não podia fallar? Pois bem; escreveria. Pois porque é que não havia de escrever? Infelizmente não tinha a receber comprometter-se e M. d'Argouges podia lêr tudo sem ter o direito de se espantar.

Febrilmente, com mão pouco segura, pegou n'uma penna e fê-la correr pelo papel; a violencia da escripta era tal que o papel rompia-se aqui e acolá.

«Eu dizia-vos um dia, Emmanuel, que seríeis a causa da minha ultima desgraça. Eil-a que chegou e que me vae arrebatlar.

(Continúa)

**Folhetim da RESISTENCIA**

**UMA VICTIMA DO CONVENTO**

XXII

Pois não tinha ella, ella propria, M.ºle Croizy, recebido o juramento supremo que nunca tinha fundido juntamente os labios de M.ºle de Villy e M. d'Argouges? Pois este não lhe parecia agora a ella e só a ella, que julgava ainda estar sentindo o peito quente d'elle junto ao seu, as pulsações febris do seu coração confundidas com as suas?

Hermínia nem dava pela falta commetida; escutava sómente o grito vibrante ainda do sacrificio e a voz sonora da paixão. Morta Alice, não haveria mais ninguem entre ella e Emmanuel. Não tinha a consciencia do fundo criminoso d'esta ideia, a desgraçada; facilmente teria então acreditado no que o capellão do convento chamava «os decretos do Divino» e o egoismo feroz, que é qual flôr sangrenta do amor, teria feito empalidecer até ao ponto de se annullar a amizade dedicada e trahida de M.ºle de Villy.

Alice continuava no mesmo estado. De quando em quando sumia-se-lhe a respiração e era de ver-se a sollicitude equívoca com que Hermínia se in-

clinava logo sobre o leito. De mais, ninguem a podia vêr; a criada de quarto, resonava no gabinete de toilette proximo.

Pela manhã, quando os primeiros clarões da aurora, infiltrando-se pelas persianas deixam á lamparina apenas uma luz pallida e frouxa; Alice moveuse ligeiramente, abriu pesadamente os olhos e levantou-se um pouco sobre o travesseiro.

—Ah! disse ella, olhando vagamente, M.ºle de Croizy.

—Reconheces-me? perguntou Hermínia, que se levantou immediatamente.

—Sim, respondeu a doente pensosamente.

M.ºle de Croizy tinha chamado a criada.

—Ide buscar o caldo que o medico prescreveu, disse ella.

Ficava só, bem só, por alguns momentos com Alice. Esta podia fallar.

—E Emmanuel, já te não está a beijar as mãos?

—Era uma brincadeira, querida Alice.

—Uma brincadeira? Mas então onde é que eu estou? O redil... Lembrome do redil...

—Onde elle me estava fallando de ti, tolinha, muito satisfeito pela nossa amizade.

—Não comprehendendo absolutamente

nada, absolutamente nada, repetia Alice passando as mãos pela testa.

—E todavia é bem simples.

—Mas os vossos dedos entrelaçados, os seus beijos nos teus?

—M. d'Argouges, muito expansivo depois de uma conversa que dizia respeito ao vosso futuro, beijava-me os dedos em reconhecimento, dizia elle da minha affeição por ti.

—Ah! não posso mais! suspirou Alice deixando cahir a cabeça sobre o travesseiro.

Tornou, porém, a levantar-a quando a criada lhe apresentou o caldo.

—Beba, mademoiselle, dizia a pobre rapariga, beba e ficará completamente boa; com este caldinho, espero que amanhã já a ajudarei a vestir-se.

M.ºle de Villy bebia docemente, com os olhos fixos, por sobre a taça, em Hermínia, como se pretendesse lêr no fundo do seu olhar.

—Obrigado, disse ella em voz baixa.

E deitou-se de novo, com um dos braços por fóra da roupa, cahido para a borda do leito e o outro curvo sobre o peito, os labios fechados, as palpebras immoveis, perfeitamente anquiçada no seu regresso á vida.

Foi assim que a vieram encontrar M. de Villy e o doutor Touzeaud, prevenidos por ordem de Hermínia. Alice não respondeu á effusão de palavras do pae senão por um ligeiro signal

**LIVROS DE MISSA**

SEMANA SANTA

17 **A** Casa Havaneza acaba de receber uma nova coleção de livros de missa e Semana Santa, ricamente encadernados e de gosto aprimorado. Verdadeiras novidades.

**COMPANHIA AUXILIAR**

16 **E**sta companhia muda o seu escritório do Arco do Bispo, n.º 2, para o largo de S. João, n.º 6, onde continua com as mesmas operações, e em casa muito mais apropriada para o seu mister.

Em razão de construir uma nova armação, vende por preço muito em conta a que tem na referida casa do Arco do Bispo, e também subloca a dita casa até à terminação do arrendamento que é pelo S. Miguel do corrente anno.

A armação serve para merceria, fazendas brancas, ou quinilherias.

Coimbra, 11 de março de 1896.

O caixeiro da companhia,  
João Favas.

15 **B**ASILIO AUGUSTO X. D'ALMEIDA, vende vidreiras americanas com raiz, da qualidade *Rupesitrix*, a 65000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 35000 réis o milheiro.

Rua das Figueirinhas, 45.—Coimbra.

**Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria**

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Herouano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

COIMBRA

14 **C**onsultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

**Casa mobilada no Campo**

13 **A**renda-se uma na estrada de Cozelbas, proximo á estação velha; tem sala e casa de mesa estucada, jardim e quinta para passear.

Tracta-se com Antonio Areosa, rua da Moeda.

**Cavallos, muares, etc.**

12 **A**s sobrecannas, espavardes, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o **LINIMENTO VESICANTE COSTA**; é preferivel á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. Á venda nas principaes terras. Depósitos—Lisboa: Quintas, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agrapo, d'onde se remette pelo correio, por 15000 réis. **Deposito em Coimbra**—Rodrigues da Silva & C.ª—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

11 **A**LUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accomodações, para habitação, escritorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13. Nella se prestam os demais esclarecimentos.

10 **C**hegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central

**CASA LEÃO D'OURO**

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis contra-mestres

9 **A** este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima collecção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 25500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 75500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscows para *dragues* e *vestons*, feitos por medida, a principiar em 75000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 85000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para *ulsters* ou casacões com tomeira, feitos por medida, a principiar em réis 85500.

Dita para *makfortanes*, *double-capes* ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 75000 réis.

Esplendidos côrtes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais *chic* para *smokings*, sobrecasacas e casacas.

**Contra o rheumatismo e rigoroso frio.**—Excelentes *montagnacs* nacionaes e estrangeiros, de 15800 85000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para *jaquetões* e *sobretudos* de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e authomatica, de 450 a 45500 réis.

**PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO**

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 355000 a 455000 !!

Uma machina industrial oscilante de *Singer*—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

NOTA—*Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confeções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e de baixo da direcção do contra-mestre.*

**ESTABELECIAMENTO**

DE

**FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO**

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

**Cal Hydraulica:** Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

**Electricidade e optica:** Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

**Tintas para pinturas:** Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

**Cimentos:** Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

**Diversos:** Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

**Ferragens para construcções:** Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

**Pregagens:** De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

**Cutilaria:** Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

**Faqueiros:** Crystolle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

**Louças inglezas, de ferro:** Esmaltada e estanhada, ferro agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

**Armas de fogo:** Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

**A' LA VILLE DE PARIS**

Grande Fabrica de Corças e Flôres

**F. DELPORT**

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

8 **C**ASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

**MANTEIGA DA CONRARIA**

Vende-se no Café Lusitano

**3 RÉIS POR HORA**

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER.**

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encommendas:

a **JOSÉ MARQUES LADEIRA**

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomêu)

COIMBRA

7 **A**rmazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corças e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

**AGUAS MEDICINAES**

DA

**FONTE NOVA**

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

**Antonio dos Santos Bernardes**

Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposallinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem deseminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, *rhimithes*, *pharyngites*, *branchites*, *catarrhos gastro intestinaes*. Bem assim são de importancia grande tanto na *lithiase hepatica* como renal na *albuminuria*, *diabetes*, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

Á venda em todas as pharmacias e drogarias—**DEPOSITO GERAL**—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—**RODRIGUES DA SILVA & C.ª**

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

**Loja da China**

Ferreira Borges

6 **A**mendoads de Moncorvo e grande sortido em amendoa fina de primeira qualidade. Cartonagens: gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gungunhana e Mousinho e outras marcas.

Pura manteiga, de Vianna do Castello, a 15000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, cha verde e preto de 25200 a 35600 réis o kilo, chá medicinal de Hamburgo, artigos de merceria.

Compra e venda de sellos para collecções.

5 **V**inho sem competencia em preço e qualidade:

Vinho da Beira, de 1894 a 90 réis o litro.

Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.

Verde engarrafado, garrafa 100 réis

Quem comprar de 20 litros para cima tem o abatimento de 10 por cento.

Taberna à Sé Velha, junto ao arco da rua da Ilha.

4 **V**ende-se a quinta do «Correio-Mór» a Copeira, perto do rio Mondego.

Compõe-se de terra de semeadura, oliveira, motta, arvôres de fructo e casas.

Para contractar, Rocha Ferreira, Sophia.

Fernão Pinto da Conceição

CABALLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

3 **G**rande sortimento de cabelleiras para anjo e theatro, etc.

**Prevenção**

2 **N**a padaria ao Arco d'Almedina, vende-se e manda-se a casa dos freguezes, o seu pão fino da melhor qualidade, geralmente a 25 réis cada 2 pães.

**COMPANHIA DE SEGUROS**

FIDELIDADE

Capital réis... 1.344.000.000

Fundo de reserva... 241.000.000

SEDE EM LISBOA

1 **E**sta companhia a mais poderosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobilias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Aandrado, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

**“RESISTENCIA”**

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 25700

Semestre..... 15350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 25400

Semestre..... 15200

Trimestre..... 600

**ANNUNCIOS**

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

**LIVROS**

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA